

C. Vol. 02  
P. 076

NOTA SOBRE A GREVE DOS METALÚRGICOS DE VOLTA REDONDA

Companheiros e companheiras,

Estamos estarecidos frente aos acontecimentos ocorridos na noite de 09/11/88, na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (RJ), durante a greve dos metalúrgicos dessa empresa estatal.

A greve era pacífica. Os operários reivindicavam conquistas que a atual constituição lhes garante: turno imediato de 6 horas com o pagamento das horas extras em 50% do valor normal, reposição de 26% das perdas salariais desde o Plano Bresser, pagamento da URP congelada.

Nossos companheiros trabalhadores ocuparam pacificamente a siderúrgica, seu local de trabalho, indo ao trabalho mas não trabalhando.

O governo negou todas as reivindicações, apenas prometendo a aplicação do turno de 6 horas futuramente.

Na noite do dia 09/11, o exército planejou a invasão e tomada da fábrica para expulsar os trabalhadores lá de dentro. O exército, a polícia federal e a polícia militar iniciaram a violência. Foram os primeiros a empregá-la ocupando ostensivamente a cidade de Volta Redonda com tanques, cachorros adestrados, centenas de soldados, bombas, fuzis e metralhadoras.

Para conseguir seu intento, desligaram-se as luzes da cidade. Começou, então, uma verdadeira operação de guerra contra, não só os operários em greve, mas toda a população da cidade. Bombas, tiros, cacetetes, cachorros, atacaram transeuntes, moradores, não respeitando sequer crianças.

O exército invadiu a siderúrgica. E, ante persistência e firmeza dos trabalhadores, covardemente assassinaram dentro da fábrica 4 (quatro) companheiros: Vicente da Silva, Vitor Adriano, William Fernandes da Silva e Valmir Freitas Monteiro.

Após a ação covarde, o presidente da CSN, Sr. Juvenal, chamou o bispo de Volta Redonda, D. Waldir, para mediar a retirada dos trabalhadores. É bom notar que nas negociações o presidente da CSN não teve a mínima decisão. O general, comandante da operação, é que fez as propostas e negociou com o Sindicato prometendo a retirada das tropas após a saída dos trabalhadores. Dos pontos de pauta reivindicados ainda não se tem certeza do que será atendido. A greve continua. Volta Redonda no dia seguinte, era uma cidade de luto e de luta. O comércio todo fechado. Os trabalhadores se manifestando na praça da prefeitura. Mas, informações essenciais como o número de mortos, identificação e situação dos feridos eram dificultadas pela polícia federal.

O fato é trágico. Trágico por causa do assassinato covarde de companheiros nossos de luta. Trágico porque toda a população, toda a categoria, toda a classe trabalhadora brasileira foi agredida.

O que estamos vendo com estes acontecimentos? Um governo fraco que se sustenta na força das armas. O exército dirige camufladamente este país. Quando é preciso ele se revela, impondo sua força, sua "ordem" mesmo que para isto mate, massacre o povo. O que se quer é instaurar um regime de maior opressão à classe trabalhadora, prolongando, ao máximo, direitos conquistados, reivindicações justas. Ele quer passar a idéia de baderna e desordem provocadas pelos trabalhadores.

No entanto, sabemos que os trabalhadores crescem em consciência política, em organização e nas lutas.

O governo quer confundir a opinião pública, aparecendo como o guardião da ordem e da democracia, quando, na verdade, o que existe é o desgoverno, é a fome, a morte e o desrespeito, por ele mesmo, da nova ordem constitucional. Há indícios de que este fato e outros fazem parte de uma estratégia das forças conservadoras de desestabilizar o país e tumultuar o processo eleitoral.

Não podemos calar. Não podemos ficar quietos. Temos que nos manifestar contra esta situação. Temos que nos organizar para fazer valer nossos direitos.

Por isso, conclamamos a todos nossos militantes, a todo o movimento popular e sindical a dizerem um "basta" a estes acontecimentos e a esta situação. Vamos através de manifestações públicas, denunciar e protestar contra estes acontecimentos.

A classe trabalhadora brasileira está lutando e se organizando para a conquista de uma nova sociedade onde detenham em suas mãos a sua história. Dentro desse processo, nós, como Pastoral Operária, estamos contribuindo e vamos continuar a contribuir. E, fazemos nossas as palavras de D. Waldyr Calheiros, no discurso de enterro: "Malditas as mãos que dispararam estas três balas nestes irmãos; malditos os responsáveis por isso; bendito o gesto dos operários de Volta Redonda que se uniram para pedir justiça, porque é isto que Deus quer".

PS.: Várias entidades nacionais, reunidas no dia 11/11/88, estão propondo os seguintes encaminhamentos:

- 1) Abrir um Inquérito público (oficial) para apurar os fatos acompanhado pelas entidades civis.
- 2) Manifestações de apoio e protesto em todo o país.

Pastoral Operária Nacional.

Duque de Caxias, 11/11/88.

PROPOSTA DE PLANO DE FORMAÇÃO PARA A PASTORAL OPERÁRIA

Esta proposta de plano de formação para a Pastoral Operária 1986, foi elaborada pela equipe de formação nacional da P.O. e aprovado na assembléia nacional de novembro de 85.

I - OBJETIVO DA FORMAÇÃO:

Ajudar o trabalhador cristão a se tornar capaz de enxergar sua realidade, julgá-la à luz da fé, da história da classe Operária, e a se engajar na construção da nova sociedade.

DETALHANDO

1 - Desenvolver a consciência do trabalhador cristão

- a) Inspirados nos valores evangélicos (dentro de uma visão de classe, tirar critérios a partir do Evangelho, da história da Igreja e da Teologia, que amadureçam a opção e o engajamento do trabalhador cristão no movimento operário e político).
- b) E a consciência de classe (capacitar o trabalhador para se tornar capacitadores de outros trabalhadores; para que ele tenha uma visão crítica, independente e global da realidade).
- c) Capacitar o trabalhador cristão para a ação
  - no movimento político-operário
  - capacitar para o engajamento
  - ser capaz de escolher seu engajamento e colaborar livremente para que a classe faça sua caminhada no sentido de acabar com a exploração e construir a nova sociedade.
  - dar formação e informação.
  - capacitar para ser formador.
  - capaz de assumir a luta pela base, e se for o caso, de ser dirigente.
- d) Na Igreja
  - Levar a Igreja a assumir as lutas do trabalhador, a entender que a construção do Reino se dá a partir do processo de transformação social e a se comprometer concretamente.

II - METODOLOGIA

A prioridade para 1986 é aprofundar a questão da nossa metodologia.

- A formação do militante da PO é feita a partir dos grupos de base onde se faz a Revisão de Vida Operária (RVO). A RVO é um método que segue a dinâmica prática-Teoria-Prática (ptP). O aprofundamento dos assuntos levantados nos grupos se dá em cursos, seminários e encontros, sempre usando um método que parte da realidade, da prática, acrescentando a teoria

(reflexão sobre a prática e informação) adequada, para poder dar novos passos na prática. Assim a formação se dá num processo contínuo que liga a vida do militante, seu engajamento e seu aprofundamento teórico.

### III - NÍVEIS:

- Dentro desta metodologia destacam-se 3 níveis de membros da Pastoral Operária que se distinguem pela sua prática no movimento sindical e político e/ou na organização e coordenação da Pastoral Operária.

#### 1º NÍVEL:

São os participantes dos grupos de base e com militância no dia-a-dia e do movimento social.

#### 2º NÍVEL:

O nível intermediário. Aqueles que têm um engajamento sindical/político maior ou são responsáveis pelas coordenações da P.O. local, diocesanas, estaduais.

#### 3º NÍVEL:

Aqueles que têm um engajamento sindical/político mais amplo ou têm uma responsabilidade maior pela organização da P.O. em nível estadual ou nacional.

### IV - PROPOSTA DE FORMAÇÃO POR NÍVEIS

Segue uma proposta de como pôr em prática uma formação por níveis (esta proposta com indicações de temas e método serve para as regionais refletirem e programarem suas atividades).

#### NÍVEL 1:

- a) OBJETIVO: - motivar e acompanhar o engajamento.
- b) RESPONSABILIDADE: - coordenações locais, diocesanas, estaduais.
- c) TEMAS: - bíblico
  - dinâmica de grupos, o que é P.O.
  - análise da sociedade.
  - movimento operário e popular, constituinte (início da análise).

#### NÍVEL 2:

- a) OBJETIVO: - capacitar para a coordenação e reproduzir debates e reflexões, atuar nos movimentos e instituições.
- b) RESPONSABILIDADE: - coordenações estaduais e regionais
- c) TEMAS: - aprofundamento bíblico-teológico, retiros, CEBs.
  - metodologia (prática-Teoria-Prática)
  - pedagogia
  - análise da sociedade, conjuntura, economia, política, constituinte.

- capitalismo-socialismo
- Análise crítica do marxismo
- história da classe operária (valores culturais, sindicalismo)
- história dos movimentos de resistência operária no Brasil
- movimento popular, desemprego
- vida afetiva e engajamento

NÍVEL 3:

- a) OBJETIVO: - capacitar para descobrir rumos, planejar, adquirir visão global, ser formadores, atualização constante sobre a realidade.
- b) RESPONSABILIDADE: - coordenação nacional e regional
- c) TEMAS: - curso bíblico, teologia da libertação, CEBs, história da Igreja, retiros.
- metodologia
  - pedagogia da educação popular
  - estrutura da sociedade, economia, política
  - análise partidária
  - política sindical (lei de greve, estrutura sindical)
  - política do movimento popular e desemprego
  - vida afetiva e engajamento
  - Análise dos Partidos Políticos

\* \* \* \* \*

PROPOSTA DE PLANO DE FORMAÇÃO PARA A PASTORAL OPERÁRIA (P.O.)

	OBJETIVO	RESPONSABILIDADE	T E M A S	QUEM PARTICIPA
1º N I V E L	- Motivar e acompanhar o engajamento	- Coordenações locais, diocesanas, estaduais	-Bíblico - Dinâmica de grupos - O que é P.O. - Análise da Sociedade - Mov. Operário e popular, Constituinte. (início da análise)	- Grupos de base com militância no dia-a-dia no mov. social.
2º N I V E L	Capacitar para a coordenação e reproduzir debates e reflexões Atuar em movimentos e instituições.	Coordenações estaduais e Regionais	-Aprofundamento bíblico-teológico, retiros. - Metodologia (prática-Teoria-prática). - Pedagogia, análise da sociedade, conjuntura, economia, política, constituinte. - Capitalismo-Socialismo - História da Classe Operária. (valores culturais: Sindicalismo)	- Nível Intermediário. Aqueles com engajamento sindical/político maior ou então com responsabilidades nas coordenações da P.O. diocesanas e estaduais.
3º N I V E L	Capacitar para desdobrar, planejar, adquirir visão global para ser formadores atualização constante sobre a realidade.	Coordenação Nacional e Regional.	- curso bíblico, teologia da libertação, CEBs, história da Igreja, retiros - metodologia - pedagogia da educação popular - estrutura da sociedade, economia, política - análise partidária - política sindical (lei de greve, estrutura sindical) - política do mov. pop. e desemo. vida afetiva e engajamento.	- Aqueles que têm um engajamento sindical/político mais amplo ou têm uma responsabilidade maior pela organização da P.O. em nível estadual ou nacional.

ASSEMBLEIA NACIONAL

**SECRETARIADO**

- funcionários
- liberados
- assistentes

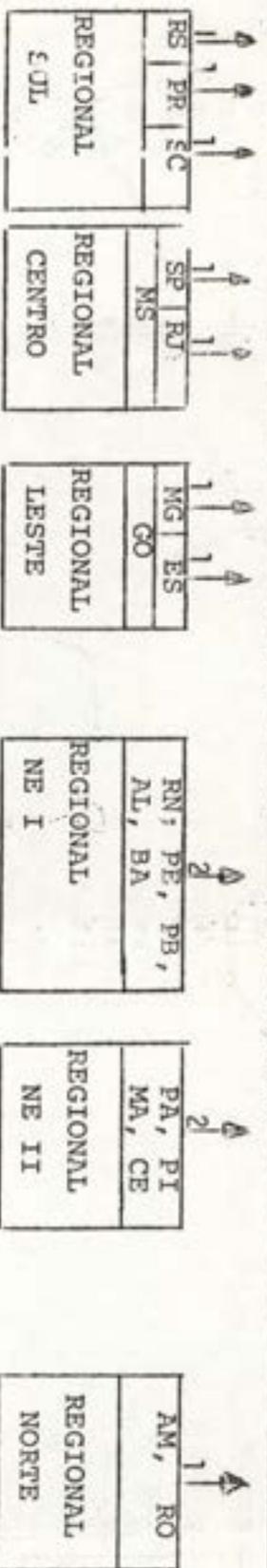
**APOIO**

1 agente de Pastoral por região

**EXECUTIVA**

- Gilberto e Darl (PR)
- Waldemar, Nivaldo e José Albino (SP)
- Ana Maria, Raul (MG)
- Ana Cruz, João Batista (RJ)
- Jairo (RS)
- Pe. Agostinho
- Pe. Rogério
- D. Cláudio Hummes
- Pe. Virgílio Uchoa (CBB)

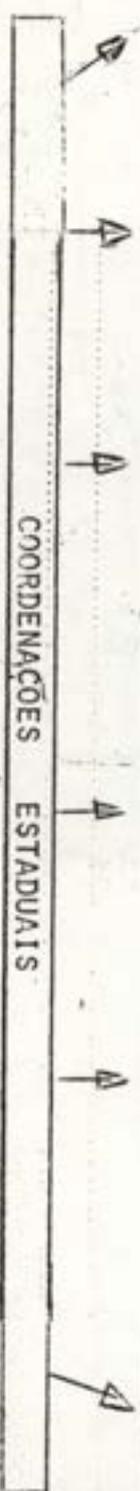
COMISSÃO NACIONAL



COORDENAÇÕES ESTADUAIS

COORDENAÇÕES DIOCESANAS

GRUPOS DE BASE



A P) HOJE NO BRASIL ESTÁ DIVIDIDA  
EM 6 REGIÕES, VEJA NO MAPA AO LADO.

Names dos Companheiros da Executiva  
responsáveis por estes regionais:

- NORTE = Dari
- NORDESTE II = Jairo
- NORDESTE I = José Albino
- LESTE = Ana Maria e Paul
- CENTRO = Ana Cruz
- SUL = Nivaldo

NOTA: Estes companheiros estão

ajudando e colaborando com os  
companheiros da Comissão Nacional,  
que são os escolhidos na  
Assembléia Nacional, representantes  
dos estados ou regiões.

REGIONAIS:

NORTE - Amazonas e Rondônia

NORDESTE II - Pará, Piauí, Maranhão e Ceará

NORDESTE I - Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas,  
Sergipe e Bahia.

LESTE - Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo.

CENTRO - Rio de Janeiro, São Paulo e Mato G. do Sul.

SUL - Paraná, Santa Catarina e Rio G. do Sul.



UN-11-0

DEPOIMENTO DE FREI BETTO

Exe: Betto, é: do

UN-11-0 M1

m 34

Frei Betto é um dos fundadores da Pastoral Operária na diocese de Santo André, SP (ABC). Tem assessorado e pensado o processo da Pastoral Operária a nível nacional.

UN-1442  
m 20

## POR QUE OPTEI PELA PASTORAL OPERÁRIA

Frei Bette

Em março de 1974, poucos meses após deixar o cárcere, tomei o trem da Vitória-Minas, que serve à Cia. Vale do Rio Doce, e fui para a Arquidiocese de Vitória. Nunca havia visitado a capital capixaba. Hoje, acho curioso, estranho mesmo, ir de mudança para uma cidade sem antes conhecê-la. Na verdade, fui para Vila Velha, onde os franciscanos me aguardavam com as portas abertas do Convento da Penha, uma belíssima construção de 1530. Como eu não queria sair do Brasil - ~~como a repressão me recomendara~~ - vi que o país ficara pequeno para mim. No Sul, eu havia sido preso. No Norte, as Forças Armadas perseguíam os guerrilheiros do Araguaia. Rio, S. Paulo e Belo Horizonte ainda estavam sob cerco militar. O jeito foi procurar um lugar mais "neutro", onde eu pudesse estar até que a poeira baixasse... Meus superiores dominicanos acertaram com os superiores franciscanos minha ida para a Penha.

Cheguei a Vitória após vinte horas de viagem, perplexo com a quantidade de poeira que penetrara em minhas malas e se entranhara em todas as ~~peças~~ peças de roupa. Não imaginara que ferrovia também levanta poeira... Dom Luis Fernandes e Dom João Batista eram amigos de minha família e haviam sido sempre solidários durante o tempo em que passei na prisão. E eu tinha notícia do expressivo trabalho de implantação de Comunidades Eclesiais de Base que estavam promovendo. Só que não era minha intenção meter-me naquela pastoral. Supunha que me seria difícil atuar sem controle do aparelho repressivo. E como "desobedecera" o conselho de sair do país, certamente o melhor era dedicar-me exclusivamente ao estudo e à oração no alto daquele penhasco rodeado pelo mar.

Três meses depois eu deixava o convento e, como sinal de minha inserção na pastoral arquidiocesana, fui morar em Campo Grande com os padres franceses João e André. Proliferavam-se por Vitória os barracos de agentes pastorais comprometidos com as CEBs. Encontrei Fabiano e decidimos construir no nosso próprio barraco, no Morro de Santa Maria. Durante cinco anos e meio fiquei na pastoral diretamente ligado a Dom Luis e Dom João. Ali, aprendi, na prática, toda a eclesiologia que os irmãos Boff vêm sistematizando.

Em 1979, dois fatores levaram-me a decidir a mudança para S. Paulo: a exigência de meus superiores para que eu retornasse à vida conventual e os sinais de que, em breve, Dom Luis e Dom João já não estariam à frente da arquidiocese. O primeiro foi nomeado bispo de Campina Grande e o segundo veio a falecer.

São Paulo  fervia. A luta política deixava o estreito reduto das esquerdas para ganhar expressão de massa no sindicalismo combativo do ABC. Ali encontrava-se agora a caixa de ressonância política da conjuntura brasileira. Analisando-a, verifiquei que não havia ainda um trabalho pastoral especificamente voltado a acompanhar as lutas sindicais em São Bernardo do Campo. Havia sim um grupo de "pastoral operária": militantes do MR-8 que tentavam, pela  porta da Igreja, entrarem no espaço do Sindicato dos Metalúrgicos, sempre arredio aos partidos clandestinos. Acertei os ponteiros com Dom Cláudio Hummes e iniciei o trabalho de formação da PO no município, começando por desarticular o grupo fictício. O objetivo era criar, na PO, um espaço no qual operários cristãos, comprometidos com as lutas populares, sindicais e políticas, pudessem refletir, nutrir e celebrar a sua vida de fé.

### Acontecimentos marcantes

Minha chegada ao ABC coincidiu com as grandes campanhas salariais que levaram os metalúrgicos a greves históricas. Sob a orientação de Dom Cláudio, de colocar a Igreja a serviço dos trabalhadores, dediquei-me integralmente ao apoio aos sindicalistas ameaçados pela repressão. Participei das assembléias, passei noites no sindicato, consolei as famílias aflitas sob ameaças, colaborei no Fundo de Greve, assisti a prisão de Lula, providenciei ajuda aos presos e acompanhei todo o processo judicial. Porém, evitei falar em assembléias e, se abria a boca, era para fazer orações a pedido dos dirigentes sindicais. Fugi da imprensa, pois aquela luta  era deles. Não assumi nenhuma função além da de assessor da PO. O que fiz foi mínimo comparado com a  <sup>atuação</sup> de outros trabalhadores, como Jair Meneguelli, então dirigente do Encontro de Casais para Cristo.

Desta inserção, surgiu a PO. Aos poucos, os grupos foram se organizando em torno das paróquias. Nosso objetivo é fortalecer a atividade paroquial e não criar grupos paralelos. Por isso adotamos o sistema de subdividir a PO em equipes paroquiais e alternar as reuniões mensais de todas as equipes de modo a fazê-las, em casa mês, numa paróquia diferente. Ao mesmo tempo, elaboramos nossa concepção de PO como um posto de gasolina onde os militantes abastecem a sua fé. Porém, o importante é estar na estrada, lá onde se situam os instrumentos do Reino: os movimentos sindical, popular e político. A PO não deveria jamais tomar partido em eleições sindicais ou partidárias. Seria sempre o espaço onde os operários cristãos, comprometidos com a militância do Reino, aprofundam sua formação teológica (experiência de Deus), teológica (reflexão bí

blica e religiosa/pastoral) e política (análise da realidade, história da classe trabalhadora, marxismo e cristianismo, etc).

Conseguimos criar uma tradição: todos os anos, durante uma semana, promovemos na Igreja Matriz de São Bernardo do Campo a "Semana do Trabalhador". Cada ano, um tema conjuntural escolhido pelos militantes. Também eles indicam os conferencistas. A entrada é paga, o que nos fez descobrir que, assim, os trabalhadores valorizam mais a participação. Além desta Semana, promovemos ainda a Missa do Trabalhador dia 12 de Maio, com apoio dos sindicatos, e participamos das comemorações do Dia da Mulher, a 8 de março.

Há 7 anos estamos trabalhando. Na Bíblia, 7 significa "muitos". Porém, para nós é pouco. Estamos começando. Temos o princípio de que nenhum de nossos militantes passará fome ou desabrigo ou desamparo em caso de doença, desemprego ou despejo. Socializamos o pouco que temos, desde o hábito de, nas reuniões dominicais, partilhar o lanche/almoço.

Nosso maior apoio é o respeito que nutrem pela nossa PO os dirigentes e militantes sindicais do ABC e o acompanhamento permanente de Dom Cláudio. Dificuldades temos tido: tem sido lenta a ampliação de nossos quadros e o sistema de formação exige melhoras. Porém, o Senhor nos acompanha e anima. E a PO Nacional, a quem já demos dirigentes, nos dá toda cobertura.

Nesses 10 anos de PO<sup>Nacional</sup>, louvo ao Pai por tudo aquilo que os militantes da PO de São Bernardo e Diadema têm dado à Igreja, à causa do Reino e à minha própria e teimosa conversão.

RÓTEIRO PARA A REVISÃO DA PASTORAL OPERARIA

+ INTRODUÇÃO +

Companheiros,

estamos entregando em suas mãos este roteiro de revisão da caminhada da Pastoral Operária. Ele tem como objetivo:-

1. Promover uma avaliação séria de nossa caminhada de grupo, Setor, Região e Arquidiocese de Pastoral Operária;
2. Levar esta avaliação para o conjunto da Arquidiocese no processo de revisão e planejamento arquidiocesano para o próximo triênio (84-86).

-Este roteiro destina-se a você que é militante da P.O; ao seu grupo e a todos os níveis de decisão e participação existentes na organização da Pastoral Operária.

-É muito importante que você responda as questões junto com seu grupo. Mesmo que o grupo seja novo e ainda não tenha desenvolvido conhecimento da organização da P.O.

-Pedimos que vocês respondam o questionário até a primeira semana de junho (dia 5/6/83) e nos envie através do(s) representante(s) de sua Região.

Bom trabalho e lembre-se: 'O Carpinteiro está presente em nossa luta'.

Orientações para as respostas do roteiro:-

1. o grupo deve responder todo questionário;
2. os Blocos II e III devem ser aprofundados na reunião de Setor e Região.

COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE PASTORAL OPERARIA

Foram devolvidos 19 questionários: Leste II, Leste I, Norte, Sudeste e Sul (Sto Amaro)

+ RÓTEIRO +

Nota: Coloque as respostas no espaço de cada pergunta. Caso não dê, acrescente folhas com o número e letra da pergunta.

I. No seu grupo de Pastoral Operária

A. -Como tem sido a participação das pessoas?

6 não responderam; 2 - fraca; Resto- bom, ótima, objetiva

1. Média de pessoas presentes na reunião

123 pessoas ao todo ( 5 a 6 por grupo)

2. Todos falam? Ou só alguns?

2 não responderam; 1- mais ou menos; 1- 70%; 3- alguns; Resto: sim

3. Como se decidem as coisas no grupo?

a. há debates amplos e abertos?

2 não responderam; Resto: sim

b. as opiniões diferentes são comparadas?

3 não responderam; Resto: sim

c. decide-se por opinião da maioria ou alguém tem a última palavra?

1- às vezes, maioria; 1- falta amadurecimento; Resto: maioria

4. As decisões são assumidas por todos?  
2 não responderam; 1- mais ou menos; 1- só parte do grupo  
1- não; 1- alguns; 1- 70%; 12- sim
5. Há revisão da prática das coisas decididas?  
2 não responderam; 1- nem tanto; 1- sim, sem metodologia;  
Resto: sim
- B. Cite 3 principais atividades do grupo nos últimos 2 anos.  
2 não responderam; 4- reuniões mensais; 3- 1º de maio; 3- filmes  
3- Coferraz; 3- palestras; 3- eleições sindicais; 2- conscientização  
política; 2- alimentos aos desempregados
- C. Qual tem sido a participação do seu grupo na P.O. do Setor?  
2 não responderam; 1- fraca; Resto: boa

## II. A Pastoral Operária no Setor

- A. Nas reuniões de Setor de P.O. são tiradas conclusões concretas?  
2 não responderam; 7- poucas; 1- nem sempre; Resto: sim
- B. Todos participam do debate?  
2 não responderam; 1- nem todos; 1- não; Resto: sim
- C. Como são tomadas as decisões nas reuniões da P.O. no Setor?  
3 não responderam; Resto: maioria, consenso
- D. A P.O. do Setor participa das atividades na Região?  
3 não responderam; 4- não; 1- não há nada na Região; 11- sim
- E. Qual tem sido a participação da P.O. do Setor e da Região nas atividades da P.O. Arquidiocesana?  
Muitos não responderam, talvez não entenderam que era pergunta
1. diga quais as atividades que vocês participaram na P.O. Arquidiocesana?  
2 não responderam; 12- Assembleias; 8- Formação de lideranças;  
4- Retiro; 3- Encontro inter-categorias; 3- Missa dos Mártires;
2. como a P.O. do Setor avalia as atividades da P.O. Arquidiocesana  
4 não responderam; 1- falta comunicação; 1- falta subsídios  
1- falta exigir mais do Setor; 12- boas
3. qual a participação da P.O. da Região na coordenação arquidiocesana da P.O.? Ou só participa a P.O. do Setor?  
3 não responderam; 5- só PO do Setor; 1- não avaliou; 1- fraca  
1- só na Região (parece que não foi entendida)

## III. A Pastoral Operária na vida da Igreja

- A. O seu grupo de P.O. está entrosado na comunidade?  
3 não responderam; Resto: sim
- Sim \_\_\_\_\_ Como? 1- não (paróquia carismática) 1- sim (há problemas ideológicos)
- Não \_\_\_\_\_ Porquê? Como: atividades: 6; Conselho: 2; CEBs: 2

B. A P.O. é vista como importante, é assumida pela comunidade?

Sim \_\_\_\_\_ Como? 5 não responderam; 5- não (subversivo - não há espaço - falta consciencia - não consegue divulgar objetivo da PO - não é prioridade na paróquia mas vigário apoia)  
 Não \_\_\_\_\_ Porquê? 1- mais ou menos; 1- sim

C. Qual o entrosamento do padre ou freira com o grupo da P.O.?  
 É do grupo com o padre ou freira?

4 não responderam; 1- nenhum; 1- tentando entrosamento; Resto: sim

D. A P.O. do Setor está entrosada com o conjunto do Setor?

Sim \_\_\_\_\_ Como? 3 não responderam; 1- não (falta comunicação, articulação)  
 Não \_\_\_\_\_ Porquê? 1- caminhando, prioridade no papel; Resto: sim

E. A P.O. do Setor e Região está entrosada com o Bispo?

Sim \_\_\_\_\_ Como? 1- não respondeu; 1- não; Resto: sim

Não \_\_\_\_\_ Porquê?

F. As atividades promovidas pela P.O. contam com a participação dos outros movimentos da Igreja?

Sim \_\_\_\_\_ Como? 2 não responderam; 1- não; 1- não (considerada subversiva)  
 Resto: sim

Não \_\_\_\_\_ Porquê?

G. A P.O. tem participado das avaliações e planejamentos do Setor e Região?

Sim \_\_\_\_\_ Como? 2- não responderam; Resto: sim (muitos não disseram a que nível)

Não \_\_\_\_\_ Porquê?

O questionário analisado apresenta o seguinte:-

II A :- reuniões de Setor não chegam a conclusões concretas

II D :- parece que a participação da PO nas atividades na Região é fraca

II E :- faltou clareza, mas ligação com Região e Arquidiocese é problemática

III B :- há muito a fazer para as comunidades assumirem a PO

Se possível, discutir esses itens e mandar representante para a ampliada do dia 3 de setembro das 8:30 às 12:00, na Sede da PO

## A CUT decide: greve no dia 25 de outubro.

Se o governo não retirar o Decreto-Lei nº 2.045 do Congresso, virá a greve.

**CUT anuncia ações contra o 2.045 e marca greve**

A comissão nacional de Greve dos Trabalhadores (CUT) reuniu-se para discutir as ações que serão tomadas no 1º Congresso da Classe Trabalhadora (CCT), em São Paulo, em 25 de outubro.

Ato público reúne 300 pessoas em Santo Amaro

**Lideranças organizam categorias para greves contra o DL-2.045**

PELA DERRUBADA DOS DECRETOS-LEIS CRIADOS OU QUE VENHAM A SER CRIADOS PARA ARROCHAR OS SALÁRIOS!  
PELA DERRUBADA DA ATUAL POLÍTICA ECONÔMICA DE ARROCHO!

## O QUE É O 2045?

### O QUE SIGNIFICA O DECRETO LEI 2045?

Veja bem, por este decreto-lei, o patrão vai dar apenas 80% do INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor) e fica com os 20% pra ele. Quer dizer, se o reajuste do salário for de 60%. Aplicando o decreto-lei 2045 receberemos apenas 48%. Os outros-12% ficam para o patrão.

O que significa isto? Significa que se o Decreto Lei 2045 passar, vamos perder o 13º inteiirinho (abono), o 12º salário também inteiro (salário de dezembro) e mais 19 dias, 5 horas e 45 minutos do 11º salário. Isso é o mesmo que perder, SEM DEIXAR DE TRABALHAR, 79 dias, 5 horas e 45 minutos por ano.

### O Decreto Lei 2045 desmascara a Abertura Política

Em países dito democráticos, não existe esta prática de decretos-leis. São no Brasil e em alguns países da América Latina que acontece coisa deste tipo. A democracia se supõe um governo do povo e para o povo. Não é o nosso caso: não fomos nós que elegemos o Presidente. A verdade é uma só: o governo sabe que este decreto vai provocar mais miséria e mais desemprego. Mas, este governo está a serviço do capital nacional e multinacional. Este Decreto é uma exigência do FMI (Fundo Monetário Internacional) e para este governo vende-Pátria, ele tem que passar.

## O 2045 VAI AUMENTAR O NÚMERO DE DESEMPREGADOS

Preste atenção: O Governo do General Figueiredo quer justificar o 2045, alegando que vai gerar mais empregos. É MENTIRA! A VERDADE é a seguinte: com o decreto-lei os trabalhadores ganharão menos, certo? Portanto, menos eles vão comprar. Bem, quantos menos produtor os trabalhadores compram, menos as fábricas vão produzir, certo? E quanto menos as fábricas produzem, mais gente vai ficar sem emprego. Além disso, se os trabalhadores comprarem menos, as fábricas vão encher seus estoques. Com a mercadoria estocada, os patrões vão mandar embora, certo? Conclusão: de 4 milhões de desempregados que temos agora, este número vai pular para mais de 7 milhões de desempregados em 2 anos.

### O DL 2045 e o Custo de Vida

Bem, se ganhamos menos, vamos comprar menos. Já não está dando pra comer agora, imaginem recebendo menos. O feijão, arroz, etc, todo dia sobe de preço, a carne se tornou artigo de luxo, a restação dos mutuários é insuportável (130%); o preço do aluguel não dá pra guentar, por isso crescem as favelas; a água e a luz sobem cada vez mais (mesmo sendo de responsabilidade do Governo estadual). Enfim, se hoje fizermos uma despesa com 40 mil, amanhã precisaremos de mais 40 mil pra fazer a mesma despesa. Isto significa que o custo de vida sobe de elevador enquanto que os salários descem de escada. Com a inflação subindo e o salário congelado, vamos comer o quê? Como fica a nossa situação?

# QUAL É A SAÍDA?

O governo faz tudo isso e ainda quer que os trabalhadores fiquem quietinhos, como se fossem vaquinhas de presépio. Para isso manda a polícia prender e arrebentar, processar trabalhadores e mete intervenção nos sindicatos. E nós, com tudo isso acontecendo, vamos ficar calados? Vamos esperar nossos filhos e nossos irmãos morrerem de fome, prá só depois percebermos que o caminho é a luta?

O Governo não vai ser bonzinho com a gente. Só conseguiremos mudar esta situação numa luta onde participem todos os trabalhadores, de todas as profissões, unindo o Brasil inteiro. Nós somos a maioria, até quando vamos deixar que uma minoria nos roube desta forma?

## PREPARAR A GREVE GERAL PARA MUDAR A SITUAÇÃO!

Há várias formas de lutar contra o governo e os patrões, mas a mais eficiente é a greve. Fazer greve significa parar a produção e parar a produção significa parar o lucro do patrão, que é farinha do mesmo saco como o governo. Não adianta o patrão ter fábricas enormes e máquinas modernas se não tiver operário trabalhando. Só com as máquinas paradas é que o governo e os patrões conseguem nos ouvir.

Por isso, o Congresso da Classe Trabalhadora (CONCLAT) realizado em agosto deste ano e que contou com a participação de mais de 5 mil trabalhadores do Brasil inteiro, decidiu: Se o Governo não retirar o Decreto-Lei até 14 de outubro, vamos partir para outra Greve Geral no dia 25 de outubro. O CONCLAT fundou a Central Única dos Trabalhadores (CUT) que encaminhou as reivindicações dos trabalhadores ao Presidente - Figueiredo. O prazo para a resposta é até o dia 14 de outubro. Se não forem atendidas as reivindicações: Greve Geral em 25 de Outubro. É essa a saída, só com luta é que mudaremos esta situação.

### GREVE GERAL

Caráter: A greve é de caráter político-reivindicativo

Eixo Central: Decreto 2.045 e as bandeiras encaminhadas no documento enviado ao presidente da República, que são:

- Contra o Decreto-lei 2.045
- Contra o Decreto-lei 2.036 (Pacote das Estatais)
- Pelo não pagamento dos 130% do BNH
- Pela mudança da política econômica atual
- Pelo rompimento com o FMI
- Por liberdade e autonomia sindical

- Por liberdade de organização política
- Pela reforma agrária sob controle dos trabalhadores
- Pelo não pagamento da dívida externa
- Pela revogação da Lei de Segurança Nacional
- Por eleições diretas em todos os níveis
- Por estabilidade no emprego e salário desemprego
- Pelo fim das intervenções nos sindicatos e pela reintegração das diretorias cassadas
- Pela redução da jornada de trabalho sem redução dos salários

ASSIM NÃO DÁ MAIS! VAMOS ENTRAR NA LUTA CONTRA ESSA SITUAÇÃO!

Vamos discutir e Preparar a Greve Geral:

Reunião: Dia 16 de Outubro de 1983.

Local: Igreja São Felipe Neri (S.Lucas) - Na sala da frente.

Horário: 18:00 horas.

Contaremos com a presença dos Companheiros:

Agenor Narciso - Presidente do Sindicato dos Químicos do ABC

Membro da Direção Nacional da CUT

João Paulo - Diretor cassado do Sind. dos Meta úrgicos de São Bernardo e Diadema.

# ROMARIA DO TRABALHADOR



## MÃE: ESTE POVO PASSA FOME

A ROMARIA DOS TRABALHADORES, NASCE DA ESPERANÇA QUE MARIA NOS TRÁS, NESTA FÉ QUE NOS ANIMA NA CAMINHADA EM BUSCA DE JUSTIÇA, PAZ E FRATERNIDADE. NA FÉ DO HOMEM DO CAMPO E CIDADE, QUE PEREGRINANDO POR ESTE PAÍS AFORA, ACREDITA NA FORÇA DO SEU TRABALHO E NA LUTA PELA VIDA.

NA FÉ DO TRABALHADOR NEGRO, REFLETIDO NA IMAGEM DA NEGRA APARECIDA QUE SAI DA SENZALA, PARA VIVER EM FAVELA OU CORTIÇO, MARGINALIZADO E DISCRIMINADO, JUNTO COM BRANCOS IGUALMENTE EXPLORADOS, BUSCANDO A VERDADEIRA LIBERDADE.

É NESTE ANO MARIANO QUE NASCE ESTA ROMARIA, E OS TRABALHADORES DE TODO O PAÍS JUNTO COM A MÃE APARECIDA IRÃO LOUVAR E AGRADECER A DEUS PELA GRAÇA DE NOS TER FEITO SEU FILHO, NESTA LUTA PELA IGUALDADE ENTRE OS HOMENS POR UMA SOCIEDADE SEM EXPLORADO NEM EXPLORADORES.

QUE NESTE 07 DE SETEMBRO OS TRABALHADORES, ALIMENTADOS PELA FÉ, RELIGIOSIDADE E DEVOÇÃO EM NOSSA SENHORA, ESTEJAM UNIDOS EM APARECIDA DO NORTE, LEVANDO O SEU GRITO DE INDEPENDÊNCIA À TODO PAÍS, CONTRA ESTE SISTEMA DE EXPLORAÇÃO, ONDE MILHÕES DE BRASILEIROS ESTÃO SENDO LEVADOS A EXTREMA MISÉRIA. VAMOS FAZER VALER AS PALAVRAS DE MARIA

" DEPOIS DO TRONO OS PODEROSOS E ELEVOU OS HUMILDES  
ENCHEU DE BENS OS FAMINTOS E DESPEDIU OS RICOS DE MÃOS VAZIAS."

(MAGNIFICAT LC. 1, 52-53)

◆ **DIA 07 DE SETEMBRO DE 1988**  
◆ **EM APARECIDA DO NORTE**

# ORIENTAÇÕES GERAIS

- ATÉ 09:00 HORAS - CHEGADA À APARECIDA DO NORTE  
10:00 HORAS - CONCENTRAÇÃO NO PÁTIO DA BASÍLICA  
11:30 HORAS - CELEBRAÇÃO DOS TRABALHADORES NA BASÍLICA  
13:00 HORAS - ENCERRAMENTO

OBS: APÓS O ENCERRAMENTO, AS CARAVANAS FICAM LIVRES PARA O LANCHE E VISITAS. O RETORNO AOS LOCAIS DE ORIGEM FICA A CRITÉRIO DE CADA CARAVANA, PODENDO VOLTAR A HORA EM QUE MELHOR LHE CONVIER:

## COMO ORGANIZAR:

- 1 - AS CARAVANAS DEVEM SER ORGANIZADAS NAS DIOCESES, SETORES OU COMUNIDADES. PEDIMOS TODO APOIO AOS BISPOS, PADRES E LEIGOS NA ORGANIZAÇÃO.
- 2 - CADA COMUNIDADE, SETOR OU DIOCESE, SERÁ RESPONSÁVEL PELA ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO DAS CARAVANAS.
- 3 - SOLICITAMOS QUE EM CADA DIOCESE OU CIDADE, OS COORDENADORES COLABOREM NA DIVULGAÇÃO DA ROMARIA DOS TRABALHADORES, SEJA EM JORNAIS, RÁDIOS OU TV LOCAIS E DENTRO DA PRÓPRIA COMUNIDADE. A EXECUTIVA DA PASTORAL OPERÁRIA SE RESPONSABILIZA PELA ORGANIZAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA CARTAZ, BOLETINS DE DIVULGAÇÃO, ORIENTAÇÃO E CONTATOS EM GERAL.
- 4 - AS CARAVANAS DEVEM SAIR EM HORÁRIOS QUE POSSIBILITEM A CHEGADA EM APARECIDA DENTRO DO PREVISTO ACIMA. EVITEM PROBLEMAS COM A DERSA NO CONTROLE DO ÔNIBUS.
- 5 - LEVEM FAIXAS COM OS TEMAS DAS LUTAS DOS TRABALHADORES E DOS OBJETIVOS DA ROMARIA, "MÃE ESTE POVO PASSA FOME".
- 6 - COLOQUE NO PARABRISA DO ÔNIBUS O IMPRESSO ELABORADO PELA P.O. COM A FRASE, "ROMARIA DO TRABALHADOR" SEGUIDO DO NOME DA SUA CIDADE.
- 7 - A ENTRADA DOS ÔNIBUS SERÁ PELO PÁTIO PRINCIPAL, QUE FICA AO LADO DA VIA DUTRA. NÃO ACEITE ORIENTAÇÃO PARA ENTRAR POR OUTRO LOCAL.
- 8 - CADA ROMEIRO SERÁ RESPONSÁVEL PELO SEU LANCHE.

PARA MELHORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA A EXECUTIVA DA PASTORAL OPERÁRIA, FONE: (011) 36.5531, OU PESSOALMENTE NA RUA WENCESLAU BRAZ, Nº 78 - 1º ANDAR - SALA 113, PRAÇA DA SÉ - SÃO PAULO. OU NA SEDE DA PASTORAL OPERÁRIA DE SUA DIOCESE OU CIDADE.

PASTORAL OPERÁRIA ESTADUAL - RJ.

PASTORAL OPERÁRIA ESTADUAL - SP.

# **5ª ROMARIA DO TRABALHADOR**

**MÃE!**

**OS TRABALHADORES**

**CHORAM! GRITAM!**

**RESISTEM!**



*A ROMARIA DO TRABALHADOR É UM ESPAÇO DE CELEBRAÇÃO DA FÉ E DA ESPERANÇA EM UMA VIDA NOVA. NA CASA DE MARIA NOSSA MÃE, VAMOS PEDIR JUSTIÇA E PAZ, GRITANDO CONTRA TODA SITUAÇÃO DE MISÉRIA EM QUE VIVEM OS TRABALHADORES(AS).*

*MÃE! SOBRE NÓS RECAI O PESO DA MODERNIDADE QUE TEM SIGNIFICADO RECESSÃO, DESEMPREGO QUE AMEDRONTA ATÉ OS TRABALHADORES CONSCIENTES E ORGANIZADOS.*

*MÃE! OS TRABALHADORES CHORAM, GRITAM E A FOME E A INJUSTIÇA PERSISTEM!*

*A IMAGEM DA MULHER APARECIDA REFLETE A NOSSA FÉ, DE TRABALHADORES, NEGROS, ÍNDIOS, MULHERES, APOSENTADOS, MENORES .... QUE HÃ 500 ANOS LUTAM E RESISTEM PARA VIVER COMO FILHOS DE DEUS.*

*CONVIDAMOS VOCÊ QUE VIVE ESTA VIDA DE TRABALHADOR SOFRIDO E A TODOS QUE LUTAM E RESISTEM, PARA PARTICIPAR DA V ROMARIA DO TRABALHADOR.*

**◆ DIA 07 DE SETEMBRO DE 1992**

**◆ EM APARECIDA DO NORTE**

**◆ PASTORAL OPERÁRIA SP. RJ. MG. ES. PR.**

# ORIENTAÇÕES GERAIS

E. Par. Op.  
P. 193

- 08:00 HORAS - CHEGADA À APARECIDA
- 08:30 HORAS - ATO OFICIAL E CULTURAL
- 10:00 HORAS - CAMINHADA
- 11:00 HORAS - MISSA
- 12.30 HORAS - ENCERRAMENTO

## COMO NOS ORGANIZARMOS PARA A ROMARIA DO TRABALHADOR:

01. AS CARAVANAS DEVEM SER ORGANIZADAS NAS DIOCESES, PARÓQUIAS, SETORES OU COMUNIDADES. PEDIMOS TODO APOIO AOS BISPOS, PADRES E LEIGOS NA ORGANIZAÇÃO, O SUCESSO DA ROMARIA DEPENDE DE CADA UM DE NÓS.
02. CADA COMUNIDADE, PARÓQUIA, SETOR OU DIOCESE, SERÁ RESPONSÁVEL PELA ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO DAS CARAVANAS.
03. SOLICITAMOS QUE EM CADA DIOCESE OU CIDADE; OS COORDENADORES COLABOREM NA DIVULGAÇÃO DA ROMARIA DO TRABALHADOR, SEJA EM JORNAIS, RÁDIOS OU TV LOCAIS E DENTRO DAS COMUNIDADES. A COORDENAÇÃO DA ROMARIA SE RESPONSABILIZA PELA ORGANIZAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA, CARTAZ, BOLETINS DE DIVULGAÇÃO, ORIENTAÇÃO E CONTATOS EM GERAL.
04. AS CARAVANAS DEVEM SAIR EM HORÁRIOS QUE POSSIBILITEM A CHEGADA EM APARECIDA DENTRO DO HORÁRIO PREVISTO ACIMA. EVITEM PROBLEMAS COM A DERSA NO CONTROLE DE ÔNIBUS.
05. LEVEM FAIXAS COM OS TEMAS DAS LUTAS DOS TRABALHADORES E DA ROMARIA: "MÃE! OS TRABALHADORES CHORAM! GRITAM! RESISTEM!". DENTRO DO ÔNIBUS OS COORDENADORES DEVEM ESCLARECER AOS ROMEIROS O CARÁTER DA ROMARIA.
06. COLOQUE NO PARABRISA DO ÔNIBUS UM IMPRESSO COM A FRASE "ROMARIA DO TRABALHADOR" SEGUIDO DO NOME DA SUA CIDADE.
07. AO CHEGAR, O COORDENADOR DO ÔNIBUS DEVE SE DIRIGIR ATÉ A MESA AO LADO DO PALANQUE, PARA ENTREGAR A FOLHA E REGISTRAR SUA CHEGADA.
08. CADA ROMEIRO SERÁ RESPONSÁVEL PELO SEU LANCHE.
09. A EQUIPE DE COORDENAÇÃO DA ROMARIA SUGERE QUE NO PREÇO DAS PASSAGENS SEJA COBRADO DO Cr\$500,00 A MAIS. ESTE DINHEIRO SERÁ PARA COBRIR OS GASTOS DE PAPEL E CARTAZES.
10. ATENÇÃO: NESTE ANO A CONCENTRAÇÃO SERÁ NO PÁTIO JOÃO PAULO II, É O MESMO LOCAL ONDE ESTIVEMOS NA 1ª, 2ª e 4ª ROMARIAS.

PARA MELHORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA A P.O. ESTADUAL (011) 36-5531, OU PESSOALMENTE NA RUA WENCESLAU BRÁS, 78 - SALA 113 - PRAÇA DA SÉ, OU SE COMUNIQUE COM A PASTORAL OPERÁRIA DE SUA CIDADE OU DIOCESE. O IMPORTANTE É QUE, EM CADA LOCAL ACONTEÇA A ORGANIZAÇÃO E PREPARAÇÃO PARA A ROMARIA DO TRABALHADOR:

# O direito a escolher livremente a direção do Sindicato

A chapa 2 de Oposição Sindical dos Motoristas de Ônibus do ABC ganhou por três vezes as eleições de seu Sindicato, mas não levou. É que a situação e a Junta Governativa nomeada pelo Ministério de Trabalho, não têm mesmo o apoio da categoria, e por isso perderam as eleições. Mas têm o apoio do Governo, e por isso se mantêm ilegalmente na direção desse sofrido Sindicato.

Nós, trabalhadores cristãos, acreditamos que os companheiros

da chapa 2 que estão novamente em campanha eleitoral, dão aos motoristas e cobradores muito mais garantias de lutar por seus interesses, do que as outras chapas ligadas ao governo, chapas "pelegas".

Nossa solidariedade e apoio vão para esses esforçados companheiros. Acreditamos que desse jeito estamos lutando pela Verdade, pela Justiça e pela libertação dos pobres e oprimidos. É portanto como cristãos que fazemos essa opção, e também como trabalhadores.

# Contra o desemprego e suas causas

O desemprego está crescendo assustadoramente em torno de nós. As empresas multinacionais aumentam sempre mais o preço de seus produtos e as máquinas que substituem mão-de-obra. Nossos baixos salários contribuem para os altos lucros dos patrões. É a lógica do CAPITALISMO. É sua lei principal. O avanço do Capitalismo também na zona rural expulsa sempre mais gente para a cidade.

Nesse momento de desemprego, devemos confiar que a nossa união, a união da classe trabalhadora, é a força de Deus sobretudo na luta por salário-desemprego e por estabilidade no emprego. Participemos também ativamente dos Fundos de Greve.

## Companheiros:

Em nossa ação pelos irmãos trabalhadores que sofrem injustiças

estamos seguindo o exemplo de ação libertadora de Cristo.

No apoio mútuo da classe experimentamos a força invencível do Deus dos pobres. "Coragem, eu venci o mundo!" (João 16, 33).

- Lutemos pela absolvição de nossos companheiros! Contra a lei de Segurança Nacional!

- Todo apoio às justas reivindicações das campanhas salariais!

- Todo apoio à oposição sindical dos motoristas (Chapéu de bico)

- Lutemos pela estabilidade do emprego!

- Vamos todos nas Assembléias dos Metalúrgicos dia 29 em SBC. e Sto. André.

Março de 1981

AÇÃO CATOLICA OPERARIA DO ABC (A.C.O.)  
PASTORAL OPERARIA DO ABC

# Aos Nossos Irmãos Trabalhadores do ABC



*Sindicalistas metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Santo André foram condenados, em primeiro julgamento, a penas que somam 27 anos de prisão! Os Metalúrgicos e os funcionários públicos estão em campanha salarial. Estes fatos, e mais outros que veremos aqui, exigem de nós, trabalhadores cristãos, uma palavra que nos ajude na caminhada.*

## Operários Condenados

A condenação dos justos, pelos poderes opressores, não é novidade na história humana. Tiradentes, patrono dos metalúrgicos e mártir de nossa independência, foi enforcado como criminoso. São Pedro, São Paulo, Thomas Morus, Zumbi dos Palmares, Frei Caneca, Gandhi, D. Oscar Romero sofreram condenações e, muitos, morreram assassinados pelos prepotentes.

O companheiro Santo Dias da Silva foi morto pela polícia

Paulista na greve de novembro de 1979, deixando-nos o seu exemplo de amor à luta de nossa classe. "O maior amor que alguém pode ter por seus amigos é dar a vida por eles" (João 15,13)

O próprio Jesus, filho de Deus vivo, foi condenado à morte na cruz. "Chegará o tempo em que qualquer um que os matar pensará que está fazendo a vontade de Deus" (João 16,2) já nos avisara o Mestre.

## NO ABC OS SINDICATOS SÃO PERSEGUIDOS

Lula e seus companheiros não cometeram nenhum crime. Apenas pediram, em nome da categoria que legitimamente representam, um pouco mais de pão para os trabalhadores. Um pouco mais de estabilidade no emprego e de liberdade sindical. A Igreja, (Padres e comunidades) reconheceu que essa luta era justa e os apoiou. Dois meses depois o Papa João Paulo II, confirmaria esse apoio dizendo pessoalmente aos traba-

lhadores no Morumbi: "Já o Papa Leão XIII, na (Carta) Rerum Novarum (Coisas Novas, 1981), afirmou claramente o direito dos trabalhadores de se reunirem em associações livres, com a finalidade de fazerem ouvir sua voz, de defenderem seus interesses e de contribuírem de maneira responsável para o bem comum" (Discurso no Morumbi, 3/7/80, nº 15).

### O QUE DIZ A FÉ CRISTÃ?

Para o Evangelho a perseguição por causa da justiça é uma felicidade aos olhos de Deus (Mateus 5,6). O justo perseguido denuncia e desmascara seu perseguidor: aqueles que se apossaram do poder sem serem escolhidos pelo povo, como Pilatos; que se

impõe pela força das armas, como Cesar; que acumulam riquezas enquanto o povo vive faminto, como Herodes; que armam tribunais sem júri e impedem a livre defesa dos réus, como ocorreu a Jesus.

A fé nos permite saber onde está a justiça e onde está a injustiça. Quem é oprimido e quem é o opressor. Faz-nos entender que a vida desses companheiros perseguidos é como a semente que cai na terra para produzir muitos frutos de liberdade e de justiça para o futuro de nosso povo.

Pedimos pão e deram-nos soldados pelas ruas de todo o ABCD. Pedimos liberdade e prenderam nossos dirigentes sindicais.

Pedimos paz e instalaram seus tribunais militares. Pedimos o direito de defesa e cercaram o tribunal de soldados, impedindo o livre acesso do público. Pedimos justiça e anunciaram pesadas sentenças. Agora, se nos calarmos seremos todos nós que, amanhã, perderemos o pouco que nos resta de pão, de liberdade, de paz, de direito e de justiça.

Aos pobres nada será dado, tudo será conquistado.

## As campanhas salariais dos metalúrgicos e dos funcionários públicos

Não cabe aos Bispos e Padres interferir nos rumos das Campanhas salariais. São as Assembléias dos trabalhadores que tomam as decisões e dão a orientação de nossas campanhas. E nós estamos decididos a participar e acatar essas decisões, como trabalhadores.

Os que pertencem às outras categorias estamos prontos a acompanhar e apoiar nossos companheiros em suas lutas e esperanças.

É essa, especialmente, nossa

vida cristã: pois se conhecerá os verdadeiros cristãos em aqueles que "dão de comer aos famintos, água aos que têm sede, vestem os desnudos, acolhem os abandonados e libertam os oprimidos" (Mateus 25,31-46). No trabalhador que luta, nos "rostos de operários, com frequência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos, reconhecemos o próprio rosto sofredor do Cristo" (Puebla nº 36 - Conferência dos Bispos de América Latina.)

16 JUN 1987

## REUNIÃO DA COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA.

12 - 13 de setembro de 1984. COLEÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO

1. ENCAMINHAMENTO.

É o 3º encontro deste ano. O 1º focalizou o problema dos partidos políticos. No 2º os problemas mais candentes foram: Desemprego e CONCLAT. Na pauta preparada para a reunião de hoje, estes assuntos ocupariam a primeira parte. Quanto ao desemprego, o que importa é ver o que se fez. Quanto à CONCLAT, não se trataria de uma avaliação, mas de ver um pouco os desdobramentos.

O tema de fundo desta reunião seria relação entre a P.O. e a Fé, no sentido de definir qual o papel da P.O. hoje no Brasil. A P.O. tem uma história cujos marcos principais e mais recentes foram o choque com a hierarquia, por volta de 70 e o reencontro em 74. Hoje o problema que se coloca vem da diversidade das várias Igrejas (Dioceses). Esta diversidade é uma riqueza mas no plano nacional é preciso definir algumas referências e encontrar algumas características comuns. Este é o assunto a ser aprofundado.

Num terceiro momento, enfrentando mais questões práticas, ver alguma coisa sobre os encontros regionais, articulação da P.O. a nível nacional com outros organismos como o CIMI e a CPT. Esta é a proposta a ser discutida.

2. DISCUSSÃO

Sobre a CONCLAT foi explicitado que o enfoque seria na linha dos desdobramentos.

Sobre a Política, a proposta fora que se deixasse de lado mas então se achou que, nas circunstâncias atuais em que se move uma campanha contra o trabalho da Igreja, "de alguns setores" seria bom não passar por cima deste assunto. Aceitou-se a sugestão de um painel para situar o problema, seguido de um debate do plenário.

Lembrou-se que, da parte da CNBB, foi pedido que se tocasse no tema da terra urbana. Mais precisamente, a próxima assembleia da CNBB vai tratar do problema do solo urbano (além correspondendo ao pedido da CPO) e viriam dois amigos do secretariado para colher alguns elementos nesta reunião, visto que congrega gente de várias regiões que podem fazer sentir a problemática. Dedicar-se-ia a noite para isto. No entanto se achou este assunto de tal relevância que não se pode agir apressadamente, mesmo que o pessoal da CNBB tenha urgência pois já deve encaminhar qualquer coisa até o dia 25. Mereceria marcar uma reunião especial só para isto.

3. Pa inel sobre o momento político: 4 participantes.

1º. - Impressão de que na origem deste problema está o desejo de cooptar os movimentos populares em ascensão da parte do Governo. A abertura com a proposta do pluripartidarismo, tentou diluir e espalhar a pressão popular, diminuindo-a. Mas as CEBS foram menos afetadas porque não se alinharam nos condutos partidários. Daí a campanha para intimidar e afastar a pastoral da política. É um verdadeiro trançado: O problema de Ronda Alta não foi provocado pela Igreja oficial, muito ao contrário. Então se fala em setores da Igreja. No seu documento (que parece carta pastoral) o Curió tenta incriminar o P. Arnildo e outros agentes. Depois no Araguaia com a prisão dos padres e dos 10 posseiros que, segundo os jornais, devem ter sido transferidos para Belém. Os padres serão acusados. No Nordeste, um proprietário das Casas Pernambucanas e co-proprietário da Distilaria TA BU manda telex acusando 4 religiosos de terem feito, no dia 26 de julho, reunião com os posseiros de Camocim para destruírem os canaviais e usar o coqueiral. Notícia falsa: dos 4 acusados, um padre estava de férias na Alemanha, uma freira estava fazendo curso na Bahia e as duas outras pessoas se encontravam em outra área. A Pol. Federal ficou pedindo o comparecimento dos 4. Só puderam ir 2 e foi-lhes feito um sermão com ameaça de expulsão. 50 policiais ocuparam a região. Toda essa campanha desencadeada sob a batuta do Passarinho está relacionada com as eleições, no intuito de desmoralizar o trabalho da Igreja com o povo.

2º. O movimento operário tem avançado um pouco, como se sente em S. Paulo o maior polo industrial do país. E aí há um peso grande da Igreja e por isso o governo quer desmoralizar. A Igreja tem apoiado claramente o movimento sindical e a organização do povo. É verdade que na Igreja existem duas linhas. Na linha renovadora, Bispos e padres se empenham na conscientização do povo enquanto o governo tem fracassado nas suas tentativas. Um ponto a considerar; por enquanto, a campanha está atingindo bispos e padres. Mas daqui a pouco, as pessoas comuns vão ser atingidas com a repressão. A consciência que se está ganhando e o avanço da Igreja acredito que não vai ter retrocesso. O mesmo penso do movimento de oposição sindical. A não ser que venha um golpe que atualmente não será fácil pelo clima que se está criando em todo o Brasil. Prova disto foi a CONCLAT; O Governo sabe disto. Daí o investimento total nas eleições e a campanha contra os que estão apoiando o movimento popular. É possível que haja mais informações na CNBB.

3º É preciso não esquecer a conjuntura do país. Este é um 1º elemento: desemprego avassalador. Operário desempregado é um perigo... O custo de vida. Aglutinação do pessoal da base em torno de reivindicações. O governo vê o pessoal se reunir e organizar, como na OCBOLAT.

O 2º é o elemento político. A Igreja não está indiferente. Muitas Dioceses estão levando o povo a uma participação consciente. O trabalho de base não é ingenuo nem neutro e o governo se alarma. Junto com isto, os movimentos de base na linha da oposição.

O 3º elemento é o problema pessoal do Passarinho que está desgastado no Pará e, no seu desespero, precisa de um bode expiatório.

O 4º elemento é a libertação da Igreja em relação ao Capitalismo em termos práticos. Enquanto se tratava de condenação teórica, não incomodava a ninguém. Mas agora a coisa se coloca em termos de prática, de ação. Passarinho é um dos diretores do banco Sul-Brasileiro.

5º elemento: a relativização e contestação da legalidade em função da justiça e do direito legítimo. São alguns dados para situar no quadro geral. Dentro disto, o papel da imprensa.

4º Vimos aspectos conjunturais mas tem a situação estrutural. O problema da terra que é monopólio do governo e de alguns latifundiários. O Estado tem 60%; 79.000 latifundiários possuam em 21% das terras brasileiras. Portanto 81% na mão do monopólio e mal explorados. Há está um grande foco de conflito cuja tendência é se aguzar porque falta terra para a agricultura. Não só no Nordeste mas em todo o país. Significativo é o caso do Paraná que, nos últimos anos é o Estado mais atingido, seguido do RS. Com a liberalização política, a tensão vem a furo e se alastra. A tendência é para uma convulsão social no campo. Dentro de 10 ou 20 anos esse conflito atingirá imprevisíveis proporções. Dentro dos planos do governo não haverá solução porque vai continuar a concentração nas mãos das grandes firmas e não poderá mudar porque a política agrícola é dominada pelos grandes latifundiários.

O problema do solo urbano. Cada dia aumenta o monopólio que passa para bancos e grandes imobiliárias. No Rio e Sul America controla grande parte do solo. Em S. Paulo, o Bradesco. E com fins especulativos. A supervalorização da terra, expulsa o povo para a periferia e a única saída são as invasões.

A movimentação dos trabalhadores sobretudo a partir de 78. O movimento operário tomou em mãos a realização de uma política própria na sua prática social. A criação do PT tende a aguzar este conflito.

Quanto à Igreja, abandonou um lado e se posicionou no lado oposto. No conjunto, as iniciativas sociais de maior peso são tomadas pelo setor dinâmico e renovado. Parte significativa do C.S. nasce dos militantes cristãos e aumenta o comprometimento das paróquias no movimento sindical. No campo, a mesma coisa, sobretudo com o trabalho da CFP. Há uma mudança real e efetiva no plano da consciência e no nível da Igreja. O que estamos assistindo é a uma campanha de intimidação. Com ela, o governo pretende conquistar, pelo medo, uma parte do eleitorado da classe média. Se o PDS fracassar nas eleições, provavelmente virá um endurecimento do regime e repressão física. Num entrevista há dias um elemento do SNI disse simplesmente que o exército foi criado pra matar... Temos de nos preparar, sem medo, porque o país está preparado para um processo de mudança que aliás se dará no contexto do Continente e o Brasil seja o país mais maduro para isto. Vai haver confronto e não se deve ter medo.

5º A situação se presta a colocações mais amplas mas me limite a aludir o último documento dos Bispos do CEP e toda essa orquestração tenta minimizar o impacto na opinião pública. O governo percebe que a Igreja começa a falar uma linguagem comum, embora não uniforme. Dois fatos recentes significativos: a atitude do Bispo de Manaus e a declaração de ontem do Cardeal do Rio. Em termos de estratégia o momento é de articulação e união. Um outro dado importante é que a Igreja está acompanhando os fatos sociais e isto causa perplexidade. Aos discursos e respostas da Igreja está encima dos fatos. Porque a Igreja tem condições de manter-se ligada ao povo, assumindo sua realidade. Isto sem falar na briga interna do governo, uma espécie de briga de carrascos. O poder do governo está esfacelado, enquanto certo poder da Igreja se consolida por sua atitude corajosa na defesa do povo. Um sintoma disto é a irracionalidade que caracteriza certas atitudes e declarações dos que estão no poder enquanto a Igreja mantém um clima de racionalidade. Nossa situação tem certas semelhanças com a situação da Polónia. No momento é importante unir as convergências e entrar no processo de mudança que está nos seus preliminares.

#### PLENÁRIO

Foram dadas informações complementares sobre Ronda Alta, o caso dos padres do Araguaia. Aludiu-se a alguns editoriais recentes da imprensa (Estado). Falou-se da atitude de alguns bispos no Sul. Acentou-se que nas discussões se começa a usar uma nova linguagem: opção socialista marxista. Foi feita a advertência que não devemos entrar na jogada de uma polemica ideológica, porque a resposta adequada é com os fatos. Aí é que está a nossa força: na plataforma dos fatos, podemos enfrentar a verdadeira questão que somente aí realmente está situada.

4. FACE A O DESEMPREGO.

S.P. Diminuiu na maioria das multinacionais. Com o caso da Volks, as firmas se estruturaram mais, usando novas táticas. A Mercedes deu férias coletivas de 50 dias. Tem-se tentado fazer assembleias nas fábricas com os demitidos. Agora, trabalho nos bairros. A O.S., depois do intenso esforço nas eleições, não está com muita força. Da parte do Sindicato, nada. A P.O. vai fazer reunião dia 20 a nível arquidiocesano. - Existe certo desânimo do pessoal e está difícil qualquer mobilização. A P.O. tem tentado atuar nos bairros. Produz material que é distribuído entre os desempregados. Programa-se uma coleta de alimentos para os mais carentes. O problema que já se está colocando é a previsão de saques e se suscita discussão para preparar o pessoal. Alguns setores organizam comitês de desempregados.

MG: A nível de sindicato, Monlevade mobilizou o pessoal no setor dos metalúrgicos. Em Contagem, nada. Em Betim houve uma vitória na Fundação. No nível dos desempregados, não se conseguiu muita coisa. Na Pastoral, promovem-se reuniões nos bairros. Programa-se uma coleta para os desempregados. - Esforço de encaminhar o problema da terra. O esforço maior tem sido de orientar no sentido da união. Na cidade de Igarapé, uma pequena empresa dispensou em massa. Com os pedres se conseguiu coletar um montão de gêneros. Vai-se organizar um comitê para conseguir ajuda.

RJ. Estamos tentando levantar a realidade do desemprego para ter uma visão geral. Criou-se um comitê para isto. Diante da falta de dados, encontrou-se um meio bastante eficaz para saber essa realidade: a través da cozinha das fábricas. Isto tem ajuda o pessoal a tomar consciência. Outro passo é a articulação entre as P.O. para uma ação conjunta no RJ. Outra iniciativa é encaminhar o requerimento do auxílio-desemprego que os organismos oficiais fingem ignorar que se já imposto por lei. - Trabalho junto à Op.Sind., as CEBS, PT, etc. Discute-se muito mas não se faz quase nada de concreto. Amanhã haverá reunião para discutir o assunto e criar um comitê.

FR Não houve demissões em massa: as firmas taticamente evitam, mas demitem aos poucos e algumas estão usando a tática de dar férias de 50 dias. Na P.O. discutem-se as causas sem muitas ações práticas. Houve mais alguma coisa no trabalho de preparação da ENCLA T. Um dos prováveis encaminhamentos é a criação de um comitê de auxílio aos desempregados.

SC. O problema maior é em Joinville e Blumenau, os dois principais centros industriais. Em Joinville, em termos de Igreja, foi uma comissão falar com o Bispo que se interessou, convocou uma reunião de Padres e Pastores e fundaram um comitê de solidariedade que tem como princípio atender aos necessitados sem denunciar nem o pecado nem o pecador. Uma firma grande doou 250.000 Cruzeiros. O pessoal recebe uma ficha e é feita a distribuição. Nesta situação, ficamos meio perdidos. Começou-se a fazer reuniões, mais ou menos clandestinas, com os desempregados e há uns 5 grupos analisando a situação e programando campanhas como a de pedir passes e agora exigir a abertura de frentes de trabalho.

RS. A P.O. apenas começa. Agora é que o problema se agrava e agora é que se vai fazer algo. Na indústria gaúcha, pouco se sentem os efeitos da crise. São indústrias pequenas e mais ou menos estáticas. Os setores mais combativos fizeram toda uma mobilização em torno da CONCLAT. Os 2 polos principais são P.A. e Caxias. A FIESG lança uma ofensiva, antecipando-se. Além disso as eleições sindicais estão absorvendo grande esforço. A federação das Assoc. de bairro tem sido um obstáculo: é dominada por partidos e está com uma proposta ruim. A articulação é fraca. Espera-se fazer alguma coisa, mobilizando para o dia da luta nacional dando continuidade à CONCLAT.

PE A situação do desemprego parece menos violenta porque sempre existiu. 2 dados importantes: 1) recomeçou o corte da cana e os trabalhos nas usinas o que prende o pessoal no campo; 2) muita gente está voltando do sul e engrossando as filas dos desempregados. Nas empresas que demitem reúne-se o pessoal da fábrica para exigir o pagamento imediato da indenização. Encontros com o pessoal de empresas que pretendem demitir para propor alternativas. Na P.O. proposta de campanha de ajuda, ainda não concretizada. Dois grupos encaminharam o requerimento do auxílio-desemprego mas esbarram na burocracia. Houve convite para discutir o problema mas foi mandado para as diretorias dos sindicatos e não teve repercussão. Quanto à P.O. na questão de uma fábrica de papel, o pessoal fez piquetes para evitar a retirada das máquinas. O sindicato não aceitou e a questão foi levada para os bairros.

BA. O desemprego deve ter diminuído ultimamente. Reação fraca. Os sindicatos combativos são poucos. A preocupação com a CONCLAT desviou a atenção. Nas indústrias químicas, tenta-se uma mobilização, criando uma associação para dividir a classe. Nenhuma atividade concreta. A P.O. está dando os primeiros passos. Tentou-se algo em relação ao auxílio-desemprego, mas esbarrou no desconhecimento da Lei.

CE. As indústrias mais importantes são metalúrgica e de calçados. Sindicatos fracos. A P.O. está quase limitada a uma pessoa. Tenta-se articular com o meio rural onde são grandes os problemas com o tal programa de emergência. Campanha para empregar mulheres e menores e não reduzir ao chefe de família apenas. Tem havido muitos saques e o povo está realmente morrendo de fome a verdadeira causa que é disfarçada nos atestados de óbito, como dizia alguém.

PE Os dados tem como fonte os jornais e declarações de sindicatos: na indústria, o índice de demissões vai a 34,3% e na construção civil vai a 63%. A comissão de Defesa dos Direitos Humanos e a Educação Popular procura dar cobertura ao pessoal que invade terras porque não tem mais onde ficar. Houve invasão de um terreno das freiras e deu muita confusão. A PO promove 1º uma campanha com o pessoal do campo pela Reforma Agrária; 2º por um debate nacional sobre o desemprego que seria coroado por uma greve geral. Multiplicam-se os encontros mas é difícil encaminhar soluções.

Ainda em S. Paulo - Em S. José dos Campos, comitê contra o desemprego e discussão nas fábricas sobre a redução da jornada de trabalho sem redução do salário, entre os metalúrgicos. Em Jundiá, comitê para discutir o problema do desemprego.

#### CONCLAT.

Existe um documento do IBAES que fornece dados importantes sobre o desemprego. É um documento importante na preparação do Dia de Luta contra o desemprego que, segundo uma resolução da CONCLAT será 1º de outubro.

A CONCLAT foi um grande acontecimento: Lá se defrontaram duas correntes já bem conhecidas. A luta que se deu lá dentro é um início, pois agora é que o campo está aberto, em relação aos desdobramentos. Aqueles que lutam por um sindicato novo com nova estrutura conseguiram afirmar-se porque suas teses foram bem acolhidas por aqueles mais de 5.000 trabalhadores. Um dos mais significativos objetivos vai ser a campanha em torno da CUT para que não seja uma expressão do sindicato vertical.

A surpresa foi a presença e a decisão dos representantes do campo. Para a P.O. os grandes desafios vão ser: a preparação do Congresso de 82 para não frustrar a esperança dos trabalhadores e todo um esforço de aumentar a participação dos trabalhadores no sindicato.

#### DEBATE

- Em PE, o que se percebeu é que o pessoal da Unidade investiu muito no campo e sentimos certa rejeição, na preparação da CONCLAT. Mas houve uma mudança porque o contato direto com o movimento nacional abriu-lhes os olhos e esta foi a surpresa.
- Está havendo reunião em Brasília para tirar a comissão Executiva mas segundo informações o pessoal da Unidade já goza de maioria.
- Pela experiência de N. Iguazu, o grande desafio que a CONCLAT impõe é levar o fato à base. A Baixada está marcada negativamente pelo ENTOIS, pelo fracasso da greve da Fiat e é preciso dar-se conta que a CONCLAT foi um marco e é preciso devolver às bases para que os manipuladores não se apropriem. Foi uma surpresa diante de certo clima de desalento e veio mostrar a capacidade do trabalhador, veio mostrar que o sindicato é um instrumento de luta e este instrumento pode ser recuperado e colocado na mão do trabalhador. É um fato carregado de sentido que pode levar os operários a se sindicalizarem, porque é fruto de toda uma história e a final uma conquista.
- A CONCLAT veio mostrar que não existe nenhuma corrente hegemônica no movimento sindical. Daí a necessidade de uma reavaliação do movimento sindical para situar-se, fluir informações e organizar-se. No início, começamos bem mas fomos perdendo espaço por falta de preparação do pessoal. É preciso ser mais ofensivo e reforçar S. Bernardo, analisando claramente a correlação de forças para enfrentarmos 82.
- Necessidade de ser objetivo no determinar o que podem fazer a CPO e a CPT. Existem falhas de coordenação. É preciso definir se somos forças de apoio ou de intervenção. A CUT vem aí. Vai depender do trabalho se vai ser expressão de um sindicalismo vertical ou se vai ser um organismo democrático, emergindo da base. O PC tem uma longa experiência que temos de considerar. Talvez seja urgente criar pontos de apoio nos estados, secretarias e pensar numa articulação maior com a CPT.
- Em SP fizemos algumas observações. A maioria não apostou na CONCLAT talvez intimidades por toda a mobilização da Unidade. A surpresa maior veio da participação dos lavradores. Os delegados passaram a assumir nossas propostas. A Unidade não conseguiu manipular. Agora temos que a postar no Congresso. É fundamental para podermos enfrentar as manobras e evitar que saia uma CUT que seja mais um organismo contra o verdadeiro sindicato, mais um obstáculo a combater na nossa luta.

.....

#### RELATÓRIO DA DISCUSSÃO DA TARDE

Grupo 1.-

COMO DEVE SER UMA RESPOSTA GLOBAL FRENTE ÀS ACUSAÇÕES CONJUNTURAIS DO PODER?

- a) Tomar mais eficiente a comunicação interna na Igreja, para que todos os Estados sejam informados rapidamente do que se passa em cada um deles.  
Articular a comunicação CPO, CPT e CIMI; centralizar as informações e agilizar a comunicação.  
Procurar atingir o público interno da Igreja.  
Não deixar que experiências tipo Ronda Alta (RS), se deixem isolar.

Aproveitar os instrumentos existentes para comunicação.

- b) Criar instrumentos de discussão política que tornem os militantes capazes de intervir de maneira eficiente nas manifestações coletivas da classe, apresentando e defendendo propostas próprias.
- c) Apoiar as lutas das organizações populares.
- d) Não aceitar a discussão no terreno ideológico com o Governo.
- e) Fortalecer a participação nas organizações dos trabalhadores.
- f) Produzir um estudo permanente da situação política, econômica e social do país, e utilizá-lo como instrumento.
- g) Os liberados nos Estados devem apresentar mensalmente relatórios à Executiva Nacional

#### Grupo 2.-

A POSIÇÃO DA PO DEVE SE APOIAR OU PARTICIPAR DO MOVIMENTO OPERÁRIO?

- a) A Igreja é vista por alguns, como uma entidade que não toma posição definida.
- b) O ideal é não só apoiar posições, mas se envolver no processo.
- c) O cristão deve participar da organização do movimento operário.
- d) O objetivo é formar, criar um poder a partir das bases.
- e) O cristão deve participar diretamente do processo, sem apresentar receitas próprias.

#### Grupo 3.-

DIANTE DO DESEMPREGO, QUE RESPOSTAS APRESENTAR?

- a) Levar as resoluções da CONCLAT para serem debatidas e aprofundadas nas bases.
- b) Fazer um estudo mais correto e claro sobre o problema do desemprego no Brasil.
- c) Apoiar as lutas pela ocupação do solo rural e urbano, como forma de conscientizar os trabalhadores de que a solução dos problemas está nas mãos deles.

#### Grupo 4.-

COMO A MENSAGEM LIBERTADORA DO CRISTIANISMO PODE ILUMINAR A LUTA OPERÁRIA?

- a) Aprofundar os motivos que levam à luta operária, em particular os que decorrem da fé.
- b) Aprofundar a reflexão teológica sobre a luta do operário e a transformação da sociedade.
- c) Oferecer subsídios para caracterizar a nova sociedade sob o prisma do cristianismo.
- d) Apresentar propostas saídas realmente da base, através de participação coletiva, para se contrapor com eficiência às tentativas de manipulação.
- e) Características de uma PO:
  - Ser lugar de ligação entre vida operária e vida de bairro: perceber a raiz política dos problemas quotidianos.
  - Ser um lugar de ligação entre a vida operária e vida religiosa - perceber o sentido religioso (de pecado ou graça) da condição operária.
  - Saber denunciar como "pecado" aquilo de que fala mal nas conversas e que condena nas reuniões.
  - Formular um projeto para a nova sociedade, a partir da vida operária.
- f) Ajudar os militantes a desenvolverem um método de trabalho adequado aos objetivos específicos da PO.

#### POM TOS DISCUTIDOS:

- É necessário chegar a uma definição do que é a Pastoral Operária.
- Se reconhece a necessidade de um sistema prático de informação e de uma análise da realidade.
- É necessário chegar a uma formação permanente dos militantes.
- A questão do poder contém uma contradição:- Uma coisa é o poder popular como poder, outra coisa, seria uma sociedade igualitária, onde não pode haver dominação.  
O "poder que vem das bases" seria da mesma natureza que o poder atual?
- Apoiar a causa operária quando defende os direitos do povo, mesmo se esta determinada ação não está encabeçada por pessoas ligadas à Igreja.

#### SINTETIZANDO

- a) A questão principal é definir o que é a PO como conjunto de princípios, para que todos os militantes saibam o que é PO.
- b) Isso não é só uma questão que nasce e se fortalece na prática, mas é necessário uma avaliação da ação e uma busca da perspectiva de sociedade que a PO quer construir.
- c) Por isso se torna necessária uma análise permanente da conjuntura social, econômica e política da sociedade a nível amplo.
- d) A PO portanto, deve adotar um método de trabalho que permita a formação permanente dos militantes e sua atuação nas lutas e no movimento operário.

COMO NASCEU A PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL

1- Em que contexto:

Os últimos 16 anos caracterizaram-se por permanente e ostensivo bloqueio dos canais de expressão, participação e organização da classe trabalhadora.

As condições de vida e trabalho impostas aos trabalhadores pelo modelo social político e econômico implantado no país, com as piores consequências para a vida, lutas e organizações da classe operária fizeram nascer, em diferentes níveis das camadas populares e na classe operária, muitas e variadas formas, autônomas e independentes de lutas e até mesmo de organização. (Ver encarte do Boletim da CPO, nº 5, julho, 1980, pags 1 e 2)

Neste contexto nasce a Pastoral Operária organizada por militantes operários, cristãos atuantes no Movimento Operário.

2- Breve histórico:

1. No final da década de 60, o trabalho pastoral operária que se vinha fazendo no Brasil sofreu um grande golpe de desarticulação e de abafamento. A perseguição sob as mais variadas formas e os mais diversos graus visitou os seus agentes, militantes e assistentes.

2. Nessa época, o trabalho pastoral no meio operário viu-se forçado a prescindir de uma ação conjunta mais orgânica devido ao fato de os agentes que se dedicavam mais especificamente a essa tarefa, terem sido impossibilitados, praticamente de continuá-la com toda a eficiência.

3. A necessidade contudo de uma ação conjunta nunca deixou de fazer-se sentir muito forte. Ela foi se tornando cada vez mais imperiosa e, cada vez mais, foi atingido um número maior de militantes, agentes de pastoral e pastores.

4. Pelos anos de 1973-1974, um grupo de bispos e sacerdotes começou a reunir-se num esforço de estudar a situação dos setores populares rural e urbano da população brasileira e de refletir sobre apelos que tal situação fazia à ação pastoral destinada a esses setores do povo. Era uma época particularmente difícil. O povo inteiro não tinha como fazer ouvir sua voz. A repressão grassava em larga escala, o número de presos era alarmante e não eram raras as torturas. A voz que se erguia era a voz da Igreja. Um bispo que chamava a atenção para tal ou qual situação, um outro que advertia para este ou aquele acontecimento, prisão, injustiça, morte etc. Apareciam denúncias esparsas num que noutro jornal. Foi quando os bispos do Nordeste publicaram o documento: "Ouvi os clamores do meu povo" e os do Centro-Oeste: "Marginalização de um povo - Grito das Igrejas".

5. Em fevereiro de 1974, convidadas por uns cinco bispos, reuniram-se em Salvador, cerca de trinta pessoas com variados engajamentos pastorais junto ao povo, para um aprofundamento da reflexão, que já estava tomando corpo, sobre a necessidade de uma ação conjunta. Confirmou-se para os participantes da reunião a necessidade de articulação do trabalho, no sentido de somar esforços, manter as bases bem informadas e articuladas, a fim de que não esmorecesse a fé e fosse reavivada a esperança de todos os que se entregavam à missão de construir o Reino, o povo e a Igreja.

6. Sacerdotes e religiosos, sensíveis ao desafio que lhes propuseram os bispos, lançaram-se à obra, convictos de que neste desafio se revelava o Espírito do Senhor que convocava para a união. A responsabilidade não é só dos bispos. Todo o povo de Deus é chamado à participação - os leigos, os sacerdotes, as bases.

7. Constituiu-se uma pequena equipe de res-

ponsáveis: uma pessoa de Minas, uma do Rio, uma do Pará e outra de São Paulo. A primeira tarefa que se propôs esta e quipe foi fazer um mapeamento das experiências de Pastoral Operária então em curso: onde existiam, quantas eram, quem atuava nelas, o que realizavam, por que continuavam resistindo a tanta pressão,

8. Dez meses depois, se realizava o primeiro encontro dos integrantes dessa equipe que, na ocasião, já se havia ampliado para 10 pessoas. O encontro aconteceu em Belo Horizonte. Foi uma surpresa reconfortante para todos, a verificação do quanto de esforço e dedicação, do quanto de amor à Igreja e ao povo, particularmente ao operário, existia por todo o país. Grupos de Evangelho, Círculos Bíblicos, Juventude Operária Católica, Ação Católica Operária, Associação de Empregadas Domésticas, Associação de Moradores, Clubes de Mães, Grupos de Intelectuais, Comunidades Eclesiais de Base, etc... Como conclusão deste encontro sempre visando a uma ação conjunta e articulada, partiu-se para um trabalho de coleta das experiências, de responsabilização das pessoas e de distribuição de tarefas nas diversas áreas do território nacional.

9. Em 1975, realizaram-se duas reuniões em São Paulo - uma na Freguesia do Ó e outra, quatro meses depois no seminário dos padres de Sion no Bairro Ipiranga. - Nesses encontros, o objetivo foi a tentativa de elaboração de um método de leitura e análise da conjuntura, a partir das experiências, dos fatos e dos acontecimentos. O grupo assumiu então, como compromisso, a tarefa de fazer circular os resultados das experiências a fim de facilitar as bases com a atitude de permanente análise da realidade.

Aos poucos se foi delineando uma certa integração do trabalho com a soma dos esforços, mas no respeito pleno da identidade de cada experiência, uma vez que desde o início, a tentativa de articulação se fixou como objetivo ser somente um serviço.

10. Ainda em 1975 promoveu a equipe responsável do Rio Grande do Sul o primeiro encontro regional daquele estado com a participação de mais de 100 agentes pastorais, incluindo-se alguns de Santa Catarina e Paraná. Relataram-se mais de 20 experiências diferentes, todas porém com o mesmo objetivo comum: ajudar o povo a sobreviver

e a organizar-se, a partir da realidade e do Evangelho. As experiências analisadas compreendiam duas grandes faixas de atuação: o meio rural e o meio urbano.

Encontros semelhantes se realizaram no Estado do Rio e do Pará. Com isso crescia a consciência nacional da importância e da necessidade de uma articulação, para uma soma de esforços numa ação conjunta.

11. A Preocupação de a Igreja ser presença na vida real do povo vai se aprofundando sempre mais e fazendo surgirem iniciativas concretas. Em Goiânia, a partir de uma ampla reunião em que bispos, sacerdotes e leigos debateram e refletiram sobre a realidade rural e seus grandes apelos, surgiu a Comissão Pastoral da Terra.

12. Em 1976, num encontro em Nova Iguaçu (RJ) com a participação de representantes de 7 estados e de alguns membros da Comissão Pastoral da Terra, aprofundou-se mais ainda a consciência da necessidade de uma articulação específica para o trabalho pastoral no meio operário popular urbano.

O estudo do problema operário: - desemprego, condições de trabalho, ineficiência do sindicato, situação das periferias, boias-frias, - demonstrou a urgência da criação de um instrumento que fosse capaz de informar com rapidez e veracidade os trabalhadores, sobre problemas comuns a toda a classe e sobre os esforços que a Igreja, por força de sua missão, tem que fazer para tornar-se presença neles.

13. No mesmo ano de 1976, no Seminário de Ipiranga em São Paulo, realizou-se o primeiro encontro nacional, onde foram postos em comum os passos dados até então e foram examinados, os desafios que a classe operária apresenta à Ação Pastoral da Igreja.

14. Em 1977, cerca de oitenta pessoas, predominantemente padres e religiosos, se encontraram em Salvador para uma avaliação de como estava caminhando e como estava sendo assumida a articulação em vista de um trabalho conjunto.

15. Novamente em 1977, no mês de novembro,

iguave um outro Encontro Nacional que reuniu agentes e militantes dos diversos movimentos de Pastoral Operária atuantes nas várias regiões do país. Também nesta oportunidade, foi muito sentida a necessidade de um instrumento de articulação do trabalho. O relatório deste Encontro está na Separata do Comunicado Mensal da CNBB - Pastoral Operária.

16 . Em dezembro de 78, mais um Encontro-Seminário de âmbito nacional, sobre Pastoral Operária. Seu desenrolar está registrado na mesma publicação. Com mais força ainda se afirmou a urgência da criação de um instrumento capaz de promover, animar e ajudar a articulação da ação pastoral Operária nas suas diversas modalidades no país.

### 3 - Sugestões para a Pastoral Operária no Brasil

Desses Encontros foram tiradas algumas sugestões para a Pastoral Operária no Brasil. Foi também eleita uma Comissão Provisória para dar encaminhamento aos trabalhos.

#### 1. O específico da Pastoral Operária

A Pastoral Operária, em sua prática constante, deve estar atenta a conservar e a aprofundar a consciência do seu específico, que brota de suas duas vertentes essenciais: Operária e Pastoral.

Enquanto operária, ela deve vir da Classe Operária, ser feita pela Classe Operária e destinar-se à Classe Operária.

Enquanto pastoral, ela é um serviço à Classe Operária para que esta, coletivamente, se encontre cada vez mais profundamente, em Jesus Cristo, para a transformação do mundo, no sentido da construção de uma nova ordem social com a libertação de todas as dominações e a superação da própria sociedade de classes.

## 2. Decorrências deste específico da Pastoral Operária

Este específico da Pastoral Operária aponta para os seguintes pontos aqui indicados, sem a pretensão de maior sistematicidade. Ela deve:

Fomentar nos operários o desenvolvimento da consciência de classe, tanto a nível individual, quanto coletivo.

Denunciar, a partir do lugar social e cultural do operário, toda e qualquer espécie de dominação.

Reconhecer e valorizar o conteúdo próprio da luta operária, cuidando de não esvaziá-lo, sob nenhum pretexto, nem mesmo pastoral.

Não reduzir o alcance total e universal do anseio de libertação da Classe Operária, a simples conquista por parte dela, de certo grau de promoção social dentro das estruturas do sistema vigente.

Levar os cristãos cristãos a comprometerem-se com a Classe Operária na consciência de que tal engajamento é exigência de sua própria fé,

Ensejar a que o operário cristão aprofunde continuamente a fé pelo confronto de sua prática social que deve ser determinada pelas exigências da realidade, com a palavra viva de Deus.

Propiciar ao operário cristão condições para que por seu testemunho evangélico, se insira como fermento na Classe Operária, na caminhada do movimento operário, que deve ser agente transformador da sociedade global.

Levar o operário cristão a anunciar a mensagem do Reino de Deus, sobretudo explicando os valores evangélicos já presentes na vida e na luta operária.

Intensificar esforços para fazer surgir novas maneiras de expressar a fé, tanto no campo da teologia quanto no campo da liturgia, que respondam às necessidades de operários engajados.

Partir, na sua prática pastoral, das exigências da própria realidade da Classe Operária, através da análise constante da mesma vida operária nas sucessivas conjunturas e na estrutura fundamental do sistema dominante, e permanente confronto das sistematizações dessa análise com a prática da base e os apelos da Palavra de Deus.

Não criar organizações operárias próprias, mas acreditar na capacidade de organização da Classe Operária, respeitando e estimulando suas organizações autônomas.

Avaliar permanentemente a prática pastoral juntamente com a revisão da própria vida à luz do compromisso evangélico.

Definir o ministério dos "agentes" não operários, como animadores da Pastoral Operária, cuja direção seja assumida pelos próprios operários.

Reconhecer a existência de classes deferentes na sociedade e levar em conta este dado da realidade na organização da Pastoral.

Entender-se não como um espaço a ser ocupado eventualmente, mas como uma presença de Igreja que na sua opção pelos operários assume criticamente a sua luta de libertação dentro de uma visão política global, na esperança de uma nova sociedade justa e fraterna.

### 3. Pistas para um programa de ação

Foram definidos alguns critérios fundamentais para a Pastoral Operária:

- O trabalhador deve ser o sujeito de sua própria libertação,

- a organização dos trabalhadores deve nascer de sua própria ação,
- a contribuição dos militantes cristãos deve ser organizada:

- . num trabalho de conscientização permanente
- . num serviço de articulação dos militantes cristãos numa linha de política operária capaz de promover a união de todos os trabalhadores,
- . na luta pela mudança de estrutura sindical, a partir da implantação do sindicato de base nas empresas.

Após o diagnóstico da situação e especificamente da situação dos militantes, a Comissão provisória assumiu como propostas mínimas de ação:

#### I. ESPECIFICIDADE DA PASTORAL.

A Pastoral Operária não é um espaço a ser ocupado eventualmente, mas uma presença de Igreja no mundo operário que, ela em sua opção pelos trabalhadores, assume criticamente em sua luta de libertação, a partir de uma visão global da sociedade. Enquanto ação, Pastoral Operária é um serviço à Classe Operária para que ela, coletivamente se encontre cada vez mais profundamente, em Jesus Cristo para transformação do mundo, para a construção de uma nova sociedade livre de todas as dominações.

Para dar realidade a esta proposta, a Pastoral Operária indica como linha de ação:

1 - Propiciar ao operário cristão condições para que por seu testemunho evangélico, ele assuma a condição de fermento na Classe Operária, a fim de que ele possa ser agente de transformação da sociedade. Para isso, a Pastoral Operária deve dar ao trabalhador cristão condições de aprofundar sua fé no confronto da realidade.

Nesta caminhada em busca de uma nova so-

cidade os trabalhadores cristãos devem comprometer-se com a classe operária, convictos de que esse engajamento é uma exigência do cristianismo, que os leva a anunciar a mensagem do Reino de Deus, partindo da explicitação dos valores evangélicos já presentes na vida e na luta do trabalhador.

A Pastoral Operária será também o instrumento que permite surgirem novas maneiras de expressar a fé tanto no campo da teologia, quanto no campo da liturgia, para que ela responda às necessidades dos trabalhadores engajados.

2 - A pastoral é também instrumento de denúncia, a partir da posição social dos trabalhadores de todo tipo de dominação. Para conseguir a pastoral operária valorizará a experiência do trabalhador, através da observação sistemática das estruturas de dominação e de seu confronto com a experiência de base. Esta prática será o caminho pastoral para o aprofundamento da consciência social dos trabalhadores.

3 - Para que a libertação do homem seja assumida por todos os trabalhadores, a pastoral operária procurará mostrar que a ação social dos cristãos não deve esgotar-se na procura da promoção social ou política dentro dos sistemas de dominação. Só assim conseguirá reconhecer e valorizar o conteúdo próprio da ação operária sem procurar esvaziá-lo sob nenhum pretexto, nem mesmo pastoral.

4- A Pastoral operária não pretende criar organizações operárias pois acredita na capacidade de autogoverno dos trabalhadores. Nesse sentido define o ministério dos "agentes" não operários como animadores, submetidos à orientação da classe operária e cujo papel principal é o de avaliar permanentemente a prática pastoral, juntamente com a revidão da própria vida à luz do compromisso evangélico.

II - ORIENTAÇÃO. Tendo em vista que o ativismo decorre da incapacidade de compreensão dos fatos políticos em que estão envolvidos os militantes, sugeriu-se que um dos pontos do programa de trabalho seria a orientação. Esta atividade deve basear-se no estudo das experiências feitas pela base, tendo por isso um valor relativo, uma vez

que as experiências mudam com a própria realidade. Esta advertência dos participantes é importante no sentido de evitar os dogmatismos, ou de que a Comissão assuma a postura falsa das "vanguardas esclarecidas" do trabalhador.

Fica claro que a Comissão no seu trabalho de orientação terá o dever de, não somente refletir com a base mas de escutar e analisar as propostas e posições emanadas das diversas organizações que compõem o movimento operário.

III - ARTICULAÇÃO. Chegou-se à conclusão de que é necessário um trabalho coerente de articulação dos militantes de base, dos animadores e dos responsáveis.

Essa articulação, longe de pretender impor qualquer monolitismo é necessária mesmo para permitir o enriquecimento da diversidade, que deve ser um dos fundamentos da democracia operária.

Conclui-se, também, que a articulação dos militantes deve ter nível nacional, e que, para ser viável, deve assentar-se na existência de comissões regionais capazes de complementar o trabalho da Comissão de Pastoral operária.

IV - INFORMAÇÃO. No cumprimento de suas funções sugere-se à Comissão que assuma também algumas tarefas relacionadas com a informação dos militantes.

Uma das propostas mais aceitas é a de que a Comissão deve fornecer aos militantes de base subsídios para reflexão tiradas do tratamento sistemático das experiências em curso.

Outra sugestão apresentada propõe a criação de um boletim, ou jornal como instrumento de organização das diversas atividades desenvolvidas pelos militantes cristãos através do país.

No cumprimento dessa atividade, propõe-se à Comissão que ela centralize a coleta, o tratamento e a distribuição de informações, podendo assim permitir a troca de experiências; promover intercâmbios e realizar as ligações necessárias

V - TREINAMENTO. No cumprimento de sua missão sugere-se a elaboração de um programa de treinamento, a ser definido, baseado na análise da conjuntura econômica, política e social do país no estudo das experiências da base

operária e nos fundamentos da especificidade cristã da pastoral operária.

### 5 - Desafios enfrentados pela Pastoral Operária

- Os condicionamentos impostos pela própria realidade: péssimas condições sócio-econômicas, o desemprego...
- A repressão, o controle por parte do governo às organizações e lutas operárias, sobretudo à sindical, através de sua estrutura vertical e atrelada ao Ministério do Trabalho.
- O medo criado nos trabalhadores como consequência deste período difícil para a classe operária brasileira.
- O isolamento, a desarticulação e o desnível das experiências e sua consequente falta de análise e visão de perspectivas para o Movimento Operário, sindical e de uma alternativa para a sociedade.
- A falta de capacitação política de muitos e novos militantes operários engajados fortemente a nível pessoal e local.
- A falta de recursos e meios e a falta de apoio da Igreja em muitas bases.
- Pouca clareza quanto à orientação e papel da Pastoral Operária no processo da classe operária.
- A presença de muitos grupos de diferentes tendências, instrumentalizando ou dividindo as bases e muitas vezes impedindo a participação dos trabalhadores nas suas decisões.

Relatório da Comissão de Pastoral Operária

( Dezembro de 78 a dezembro de 80)

Em dezembro de 78, depois de alguns anos de experiência, a Pastoral Operária num Encontro Nacional em Nova Iguaçu, passou a se articular sob o nome de Comissão de Pastoral Operária, (CPO), como podem ver na Separata do Comumidade Mensal da CNBB, fev. de 79.

I - INTRODUÇÃO

A Comissão de Pastoral Operária, através de seus membros e de sua Equipe Executiva, desde o início de 79 buscou criar um relacionamento amplo com outros serviços de Igreja ou não, com o fim de somar experiências e contribuir na construção de uma sociedade onde os trabalhadores e os meios populares pudessem participar com voz e voto. O seu esforço específico foi o de atender à vida, aos problemas do dia-a-dia, às lutas dos trabalhadores, às organizações presentes no movimento operário e popular, às aspirações profundas e aos objetivos da Classe Operária, onde se fere a luta e de onde se apresenta a realidade concreta dentro desta sociedade de classes. A sua prática de anunciar o Reino de Deus, movida pela Fé, e denunciar corajosamente os obstáculos que a impedem, foi e continua sendo matéria de profunda revisão.

Como Pastoral Operária e serviço da Igreja, trabalhou e se reuniu permanentemente com Associações de Moradores, Clubes de Mães, Amigos de Bairros, Associações de Domésticss, Associações de Favelas, Sindicatos, Partidos Políticos. Reuniu-se e trabalhou com JOC, ACO, CPT, participou de reuniões do CIMI e buscou participar nos encontros e nas ações das Comunidades Eclesiais de Base.

Acompanhando os fatos, acontecimentos e situações, tentou manter-se engajada, solidarizando-se e participando através de seus membros, em greves justas, organizando campanhas de Fundos de Greves e denunciando quanto possível, as repressões e arbitrariedades cometidas contra os

trabalhadores. Por ocasião das greves no Brasil em 78,79 e 80, praticamente todas as Pastorais Operárias, até as que estavam se iniciando, deram sinais de participação e atuação concretas.

A morte do Santo foi para a Pastoral Operária um momento forte em plano de Brasil, quando, aproveitando o fato, pôde refletir sobre o engajamento, as consequências e o preço dos que se lançam na construção de uma sociedade justa. Santo membro da Pastoral Operária, metá-lúrgico sindicalizado, em greve e membro da Comissão de salário, na ocasião, através de sua vida, ensinou a todos e a Pastoral Operária, o que é viver o tema Fé e luta, sem dicotomias.

Dentro do processo dos trabalhadores de se organizarem, manifesto nos esforços das Oposições Sindicais, das Assembléias de Classe e das manifestações, das eleições, das negociações, das campanhas e comissões dos ENTOES, trabalhadores, membros também da Pastoral Operária deram testemunho de coerência, participando em debates políticos sobre contradições internas existentes dentro da classe e contra seus inimigos comuns. Alguns deles candidataram-se a chapas de oposição, vencendo até pelegos inveterados e estimulando a todos para a urgência da sindicalização e da prática democrática. A CPO estimulou e animou esta caminhada, oferecendo subsídios, avaliando os passos e fazendo ver que o engajamento é determinante num processo de conversão.

Sem discriminar nenhum trabalhador e nenhuma organização operária ou popular no exercício da democracia, a experiência vivida pela Pastoral Operária nos leva a perguntar: - que reflexões novas devem ser feitas, ou que estratégias devem ser assumidas para não impedir em nada o projeto da classe operária, mas antes, agilizá-lo. Que a Pastoral Operária não perca sua identidade, não se deixe instrumentalizar nem instrumentalize a Igreja e a classe operária.

A CPO e a CPT desde seu surgimento tentaram assumir a mesma causa. Por razões de realidade - campo e cidade - trabalham diferenciadas, mas com objetivos comuns. São instrumentos que se complementam e que fundamentam a

importância e a urgência de uma só classe trabalhadora: tra-  
balhadores do campo e trabalhadores da cidade.

As reuniões da CPO e da CPT em plano regional e nacional somente agora começam a trocar experiências. O relacionamento havido foi bom, mas pobre em intercâmbio de planos e ações. Como pastoral Operária achamos de vital importância a aproximação das duas experiências para atender com objetividade e eficácia, as migrações dos trabalhadores rurais. Quanto a CPO e CIMI, em algumas regiões foram poucas as oportunidades de contatos.

JOC, ACO, CPO. - O surgimento das Pastorais Operárias, deixou ou levantou uma série de questões nos agentes de pastoral e no interior destes movimentos de experiências já consagradas.

A CPO nasce para substituir esses movimentos?

Em absoluto, a Pastoral Operária pode ser substitutivo destes movimentos, ao contrário, é missão da mesma, fazer surgir em toda parte e dinamizar onde existem, tanto a JoC como a ACO. Trata-se de movimentos operários e de Igreja em níveis nacional, latinoamericano, e internacional. Aliás, os únicos no mundo.

A Pastoral Operária é um serviço amplo que reúne trabalhadores, bispos, padres, agentes de pastoral e que busca fazer presente a vida operária e suas lutas nas várias realidades da Igreja, enfim em toda a caminhada da libertação do povo à luz do Plano de Deus. Como tal ela se relaciona com Instituto Nacional de Pastoral (órgão anexo à CNBB), com os planos de pastoral de conjunto da CNBB, com o Centro de estudos bíblicos e com os demais planos de Pastoral das Igrejas particulares.

## II - A FORMAÇÃO E A INFORMAÇÃO

Desde o seu nascimento, a Pastoral Operária se preocupou com este grande tema: a Formação ou a Orientação, tendo em vista que o ativismo decorre da incapa-

cidade de compreensão dos fatos políticos em que estão envolvidos os militantes, sugeriu-se que um dos pontos do programa de trabalho, seria a Orientação.

Esta atividade deve basear-se no estudo das experiências feitas pela base. Foi sempre preocupação nestes dois anos de Comissão, de ir respondendo às exigências da base a partir dos passos da mesma.

Há muito a se fazer nesse sentido. As solicitações da base foram muitas. Algumas atendidas.

Solicitações feitas à Comissão:

- Como começar uma Pastoral Operária.
- Características de uma Pastoral Operária.
- Fé e Política
- A Pastoral nos bairros, nas favelas, nas fábricas, nas organizações operárias.
- O movimento político no Brasil. Os partidos.
- A realidade econômica.
- A Bíblia no engajamento.
- Como está organizada a Igreja.
- Movimento Operário no Brasil.
- A história da classe operária, etc.

A CPO acredita que é necessário sistematizar todo um plano de formação em todos os níveis, Dentro do plano de trabalho é urgente programar seminários de estudo, dias de estudos, dentro de um programa lógico e progressivo, respeitando os diversos níveis de consciência.

Acontece que se programam estudos onde participam militantes profundamente engajados e trabalhadores que estão começando a participar, prejudicando e fazendo perder tempo a estes ou àqueles.

Outro aspecto a considerar, é que se programam estudos a partir de algumas cabeças, quando as aspirações de algumas bases são totalmente diferentes. Para uns, o tema é partidos ou Sindicatos, quando para outros, é entender porque sindicalizar-se e para quem.

A informação tem sido o grito de todas as

bases. A CPO tem cumprido esta tarefa de forma muito precária. Fica aberto este desafio e a descoberta de meios para rápida e eficientemente devolver a todas as bases as inúmeras experiências que vem sendo feitas, bem como informar o que acontece nos estados, nas cidades, nas fábricas, nos Sindicatos, na Igreja, no que diz respeito à classe operária. Para uma pastoral Operária que pretende ser um Serviço Nacional e uma consciência nacional, é urgente que isto aconteça.

As publicações, folhetos, circulares, planos de trabalho a partir de cidades ou dioceses, são muitos e ricos; falta articulação entre os mesmos para um enriquecimento mútuo.

As dioceses que desde o ano de 74 articulam e desenvolvem um plano de Pastoral Operária: São Paulo, Sto André, Santos, Campinas Rio de Janeiro, Nova Iguaçu.

As dioceses onde se começa a desenvolver uma Pastoral Operária: Caxias do Sul, Porto Alegre, Salvador, Alagoinhas, Belém, Caçador, Tubarão, Lajes. Em todas estas dioceses, a CPO tem mantido um plano de visitas, de correspondência, de encontros de agentes, de militantes, de contatos com os respectivos bispos e coordenadores de pastoral.

As dioceses que nestes dois anos levam em conta nos seus planos de pastoral, a Pastoral Operária são as seguintes: BH, Juiz de Fora, Itabira, Mariana, Vitória, Bauru, Florianópolis, Joinville, Chapecó, João Pessoa, Fortaleza, Teresina, São Luis, Manaus, Volta Redonda, Itaguaí, Erechim.

É animador constatar como em todas estas dioceses existe um esforço, em umas mais que em outras, de responder à realidade operária.

Os coordenadores de Pastoral não tem se cansado de escrever à Equipe Ececutiva da CPO, pedindo subsídios, visitas para, a partir de experiências de outros, inspirar-se e dar corpo às suas bases em iniciação.

III - A AÇÃO E A ARTICULAÇÃO DAS MESMAS E A  
PASTORAL DE CONJUNTO

Aníbio

Os grupos de Pastoral Operária que se reúnem nos bairros, nos centros paroquiais e que a partir das suas mais diversas realidades desenvolvem sua ação, constituem ' sem dúvida, a razão de ser desta pastoral.

É difícil caracterizar os grupos dada sua ' grande diversidade. Os problemas do mundo operário, suas ' lutas e sua crescente marginalização, fazem com que os trabalhadores empregados, desempregados ou subempregados se ' encontrem discutam e planejem dentro das possibilidades, a sua ação. Esta realidade analisada à luz do Evangelho, pou ' co a pouco contribui na construção de uma classe com uma ' consciência mais esclarecida e coletiva.

Mensalmente, ou de dois em dois meses, ou de quando em quando, estes grupos se reúnem entre si a partir de dias de estudos, ou manhãs de intercâmbios e experiên - cias.

Boa parte das Dioceses contam com equipes ' de coordenação que cuidam para que os grupos não se isolem e aproximem critérios de ação com planos de trabalho inte - grado.

Estas equipes, por sua vez, organizam ou par ' ticipam de encontros de outros serviços diocesanos, como ' sejam, Liturgia, catequese, ação social, assembléias dioce ' sanas, Movimento do Negro, Cebis, JOC, ACO, Pastoral de fa - velas e outras promoções diocesanas - vocações, Campanha da Fraternidade, Conselhos comunitários, conselhos paroquiais equipes de preparação ao casamento, ministros da eucaristia...

Ainda há muito a crescer nesse sentido, prin ' cipalmente quando avaliamos os grupos de base e nos damos ' conta de que os militantes responsáveis, em geral, muito en ' gajados, estão comprometidos com uma série de outras ativida ' des também importantes, mas não diretamente endereçadas ao crescimento e aprofundamento da Pastoral Operária, da causa operária e popular.

Muitas vezes, como engajamento de Igreja se assume pastoral operária como prioridade, mas na prática, se acredita poder assumir tudo. Não deixa de ser uma grande ilusão. Existem exemplos de militantes que são responsáveis pela pastoral operária, pelos conselhos paroquiais, e ainda membros e conselheiros natos dos vigários e ministros da eucaristia. Isto sem falar do seu engajamento social no sindicato, no Partido político, na Associação de Moradores e membros da comissão de salário, etc. São de certa forma, super militantes, mas fica a pergunta:

- Como assegurar a continuidade dos grupos?
- Como assegurar a articulação todos os níveis?
- Como assegurar o nascimento de novos grupos?

Até que ponto não se cai na ilusão de querer abarcar tudo mas na realidade não assegurando nada?

#### IV - A CPO COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA

A Comissão de Pastoral Operária que em dezembro de 78, entrou em caráter provisório com a missão ampla de dar corpo a tudo o que vinha surgindo neste sentido se propôs um programa corajoso. (Cf. Separata Fev.79), sem saber como faria isso, dada a falta de recursos de pessoas liberadas, de instrumentos e de meios financeiros.

Da Comissão, ninguém estava liberado. Cada um, na base do voluntariado e do tempo disponível, buscava tornar verdade o que teoricamente se refletiu e se decidiu em dezembro de 78.

Como Comissão de Pastoral Operária, ficou estabelecido que de três em três meses, ela se reuniria com o objetivo de avaliar a caminhada. Estabelecer alguns critérios comuns para assegurar a unidade, respeitando a diversidade. Criar um Boletim através do qual a Pastoral pudesse acompanhar a marcha das experiências. Criar um Secretariado, onde tudo fosse encaminhado e rapidamente desenvolvido. Visitas às Dioceses, a bispos a agentes de pastoral, CNBB, a Sindicatos, a outros movimentos e organizações ocupadas com a Classe Operária e se fazer presente

nos encontros diocesanos, regionais, nacionais. (A Separata que está na pasta, apresenta ordenadamente todo o plano de encaminhamento e que continua no nosso entender, válido. Seria bom ler).

#### CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO

No final do Encontro de dezembro de 78 foram indicados para compor a Comissão em caráter provisório:

Dom Cláudio Hummes - Bispo de Sto André - SP  
 Dom José Maria Pires - Arcebispo de João Pessoa - Pb  
 Dom Waldyr Calheiros - Bispo de Volta Redonda - RJ  
 Pe. Agostinho Pretto - Rio de Janeiro - RJ  
 Maria Angelina de Oliveira - Rio de Janeiro  
 Geraldo Francisco Barbosa - Sete Lagoas - MG  
 Waldemar Fossi - São Paulo - SP  
 Pe. Humberto Hummel - Recife - Pe  
 Anísio Batista de Oliveira - São Paulo - SP  
 Maria Carvalho de Menezes - Rio de Janeiro - RJ  
 Pe. Raimundo José Soares - Brasília - DF  
 Gerson Florêncio Diniz - Vitória - ES

No terceiro mês de existência da CPO, Geraldo Francisco Barbosa pediu demissão por ter sido eleito dirigente latinoamericano da ACO e não poder acompanhar o programa.

Pe Raimundo José Soares cedeu lugar ao Pe Virgílio Uchoa, por redistribuição de tarefas no âmbito da CNBB.

Em 1979 passaram a integrar a equipe: Adelar de David, Olívia Barreto e mais os assessores: Cláudio Araújo, Frei Betto, Eliseu Lopes e Piragibe Castro Alves.

Em 1980: Eurides Mescolotto (SC), Joaquim Almeida (Ce), George Winnik (SP), Luiz Alves (BH), Aristides Pereira de Andrade (RJ), Geraldo Mendonça (Pr).

Faltam ainda operários representantes do Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Ajudaram a CPO a se manter atualizada no que se refere ao processo político, sindical: Piragibe Castro Alves e Luiz Alberto Gomes de Souza, cientista social.

Como assessoria de Bíblia e Teologia: Eliseu Lopes, Fr Carlos Mesters, Pe Raimundo José Soares, Fr Leonardo Boff, Jether Ramalho. Fr Clodovis Boff.

A Comissão buscou se manter atualizada no que se refere ao processo sindical, realizando reuniões com Jacó Bittar, Olívio Dutra, José Ibrahim, João Paulo Vasconcelos, Luiz Cardoso, Rolando Prati, Waldemar Róssi, Anísio Oliveira, Joaquim Arnaldo, José Cardoso.

### Lugar específico da CPO

A partir de 79, começo também das "aberturas políticas" a CPO viveu um momento forte de reencontrar seu lugar específico, uma vez que, durante os anos anteriores, muitos militantes engajados, sem serem convictamente de Pastoral, buscavam os espaços da Igreja para assegurar sua militância. Houve tensões, debates políticos, contradições, erros e acertos, ataques, defesas sem que com isso se tenham criado rupturas. O fundamental tem sido sempre respeitado. Os trabalhadores devem ser os sujeitos do processo, o processo educativo, evitando propostas e programas impostos e, a Pastoral Operária não pode instrumentalizar e nem se deixar instrumentalizar.

Depois de alguns meses, com o surgimento dos Partidos novos, com as "aberturas democráticas", com o debate aberto sobre o novo sindicalismo e as esperanças das eleições e com o ponto alto das greves, os trabalhadores engajados se lançaram na luta mais aberta e democrática. Isto possibilitou mais espaço para a organização da Pastoral Operária, mas em alguns lugares, o vazio de lideranças se faz sentir.

As GREVES, principalmente as do ABC e de João Monlevade, levaram a Igreja a se perguntar: Que tipo de mundo novo está surgindo? Que Igreja nova está surgindo? Que Pastoral deve nascer?

Retoma-se o Vaticano II, retoma-se Medellin, retoma-se Puebla e a Igreja vai se dando conta de que é preciso mudar e ter coragem.

O acontecimento da greve do ABC com a coerente posição da Diocese, a partir do bispo D. Cláudio Hummes, dá um toque a toda a Igreja.

Referimo-nos à primeira greve dos metalúrgicos. O susto que isto provocou e, para alguns, escândalo fez com que se começasse a refletir ordenadamente a partir dos que trabalham, dos que produzem, dos que sustentam esta máquina injusta e capitalista que aí está.

Praticamente declara-se a guerra. Coisa jamais acontecida neste país. Reunindo onda de greves que aconteceram antes e que foram sufocadas e ridicularizadas pela imprensa, aproximando as experiências de umas e os erros de outras, fizeram com que todos aqueles que se apresentavam como homens de fé, tomassem os fatos e avaliassem o engajamento dentro do grande binômio: Fé e política.

A CPO acompanhou e se fez presente no processo sindical, naquilo que se refere às Oposições, aos Autênticos, às chapas, às eleições. Participa como Pastoral Operária no nascimento do Documento de Monlevade, no Documento de São Bernardo, e na realização do ENTOES.

A CPO se preocupa como CPO de estar presente em toda esta política sem tomar partido, mas também sem perder a sua coerência. Militantes da Pastoral Operária estão presentes na formação dos novos partidos.

Dados os muitos desafios sociais e de Igreja a CPO, no cumprimento de sua missão, busca reforçar-se como Comissão e tornar-se cada vez mais representativa, convidando trabalhadores para integrá-la.

#### Programação da CPO para 1980

Foi feito um plano para 1980. Com o compromisso de que cada membro da Comissão o desenvolvesse na sua região, a equipe executiva procurou estimular a que isso acontecesse. Fica como matéria para esta reunião.

A pesquisa foi feita e com bom resultado sem se saber bem o que fazer com ela.

O seminário de estudo que a Executiva promoveu - Fé e Política, em plano nacional, em Nova Iguaçu- RJ  
Encontro Nacional dos Sub-Secretários da CNBB  
Encontro de bispos com dirigentes sindicais ' em Barueri- SP.

Seminário Teológico, em Cachoeiras de Macacu, RJ, 12 dias.

Organizou dias de estudo com os participantes das Jornadas Internacionais, em Nova Iguaçu.

Promoveu dias de estudo com estrangeiros: europeus, canadenses, asiáticos, que passaram pelo Brasil em viagem de estudo ou turismo.

Durante os anos de 79-80, 309 estrangeiros ' passaram pelo Brasil e manifestaram interesse pela Pastoral Operária. Com dias de estudo, com programas de contatos com grupos de base incluindo visitas a S. Paulo, Vitória, ' S. Mateus, Salvador, Recife, BH, Fortaleza, S. Luis. Nesta ' linha a equipe executiva orientou para que procurassem a pastoral operária de Santo André, S. Paulo, Vitória. Iguualmente se orientou o pessoal para que entrassem em contato com dirigentes sindicais dessas cidades.

A Comissão se reuniu de 3 em 3 meses para avaliar e retomar a caminhada. Nunca houve participação de todos os membros.

Como equipe executiva estivemos em:

Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Bauru, Vitória, Recife, Fortaleza, Manaus, Belém, Juiz de Fora, Itabira, Volta Redonda, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Erechim, ' Niterói, Valença, Nova Friburgo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Itaguai, Joinville, S. Mateus, Teixeira de Freitas, ' Salvador, Alagoinhas, Florianópolis, Brasília, Congonhas, ' Acesita, Santo André.

Em algumas cidades organizando, e em outras participando de Dias de Estudos e em algumas, simplesmente visitando para estimular e animar o nascimento da Pastoral Operária.

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA

(Dezembro de 78 a dezembro de 80)

Em dezembro de 78, depois de alguns anos de experiência, a Pastoral Operária num Encontro Nacional em Nova Iguaçu, passou a se articular sob o nome de Comissão de Pastoral Operária, (CPO), como pedem ver na Separata do Comunicado Mensal da CNBB, fev. de 79.

I - INTRODUÇÃO

A Comissão de Pastoral Operária, através de seus membros e de sua Equipe Executiva, desde o início de 79 buscou um relacionamento amplo com outros serviços de Igreja ou não, com o fim de somar experiências e contribuir na construção de uma sociedade onde os trabalhadores e os meios populares pudessem participar com voz e voto. O seu esforço específico foi o de atender à vida, aos problemas do dia-a-dia, às lutas dos trabalhadores, às organizações presentes no movimento operário e popular, às aspirações profundas e aos objetivos da Classe Operária, onde se fere a luta e de onde se apresenta a realidade concreta dentro dessa sociedade de classes. A sua prática de anunciar o Reino de Deus, movida pela fé, e denunciar corajosamente os obstáculos que a impedem, foi e continua sendo matéria de profunda revisão.

Como Pastoral Operária e serviço da Igreja, trabalhou e se reuniu permanentemente com Associações de Moradores, Clubes de Mães, Amigos de Bairros, Associações de Domésticas, Associações de Favelas, Sindicatos, Partidos Políticos. Reuniu-se e trabalhou com JOC, ACO, CPT, participou de reuniões do CIMI e buscou participar nos encontros e nas ações das Comunidades Eclesiais de Base.

Acompanhando os fatos, acontecimentos e situações, tentou manter-se engajada, solidarizando-se e participando através de seus membros, em greves justas, organizando campanhas de Fundos de Greves e denunciando quanto possível, as repressões e arbitrariedades cometidas contra os trabalhadores. Por ocasião das greves no Brasil em 78, 79 e 80 praticamente todas as Pastorais Operárias, até as que estavam se iniciando, deram sinais de participação e atuação concretas.

A morte do Santo foi para a Pastoral Operária um momento forte em plano de Brasil, quando, aproveitando o fato, pôde refletir sobre o engajamento, as consequências e o preço dos que se lançam na construção de uma sociedade justa. Santo, membro da Pastoral Operária, metalúrgico sindicalizado, em greve e membro da Comissão de salário, na ocasião através de sua vida, ensinou a todos e a Pastoral Operária, o que é viver o tema Fé e luta, sem dicotomias.

Dentro do processo dos trabalhadores de se organizarem manifesto nos esforços das Oposições Sindicais, das Assembléias de Classe e das manifestações, das eleições, das negociações, das campanhas e comissões dos ENTOES, trabalhadores, membros também da Pastoral Operária deram testemunho de coerência, participando em debates políticos sobre contradições internas existentes dentro da classe e contra seus inimigos comuns. Alguns deles candidataram-se a chapas de oposição, vencendo até pelegos inveterados e estimulando a todos para a urgência da sindicalização e da prática democrática. A CPO estimulou e animou esta caminhada, oferecendo subsídios, avaliando os passos e fazendo ver que o engajamento é determinante num processo de conversão.

Sem discriminar nenhum trabalhador e nenhuma organização operária ou popular no exercício da democracia, a experiência vivida pela Pastoral Operária nos leva a perguntar: - que reflexões novas devem ser feitas, ou que estratégias devem ser assumidas para não impedir em nada o projeto da classe operária, mas antes, agilizá-lo. Que a Pastoral Operária não perca sua identidade, não se deixe instrumentalizar nem instrumentalize a Igreja e a classe operária.

A CPO e a CPT desde seu surgimento tentaram assumir a mesma causa. Por razões de realidade - campo e cidade - trabalham diferenciadas, mas com objetivos comuns. São instrumentos que se complementam e que fundamentam a importância e a urgência de uma só classe trabalhadora: trabalhadores do campo e da cidade.

As reuniões da CPO e CPT em plano regional e nacional somente agora começam a trocar experiências. O relacionamento havido foi bom mas pobre em intercâmbio de planos e ações. Como pastoral operária achamos de vital importância a aproximação das duas experiências para atender com objetividade e eficácia, as migrações dos trabalhadores rurais. Quanto a CPO e CIMI, em algumas regiões foram poucas as oportunidades de contatos.

JOC, ACO; CPO - O surgimento das Pastorais Operárias, deixou ou levantou uma série de questões nos agentes de pastoral e no interior destes movimentos de experiências já oconsagradas.

A CPO nasce para substituir movimentos?

- Em absoluto, a Pastoral Operária pode ser substitutivo destes movimentos, ao contrário, é missão da mesma, fazer surgir em toda parte e dinamizar onde existem, tanto a JOC como a ACO. Trata-se de movimentos operários e de Igreja em níveis nacional, latinoamericano, e internacional. Aliás os únicos no mundo.

A Pastoral Operária é um serviço amplo que reúne trabalhadores, bispos, padres, agentes de pastoral e que busca fazer presente a vida operária e suas lutas nas várias realidades da Igreja, enfim em toda a caminhada da libertação do povo à luz do Plano de Deus. Como tal ela se relaciona com Instituto Nacional de Pastoral (órgão anexo à CNBB), com os planos de pastoral de conjunto da CNBB, com o Centro de estudos bíblicos e com os demais planos de Pastoral das Igrejas particulares.

## II - A FORMAÇÃO E A INFORMAÇÃO

Desde o seu nascimento, a Pastoral Operária se preocupou com este grande tema: a Formação ou a Orientação, tendo em vista que o ativismo decorre da incapacidade de compreensão dos fatos políticos em que estão envolvidos os militantes, sugeriu-se que um dos pontos do programa de trabalho, seria a Orientação.

Esta atividade deve basear-se no estudo das experiências feitas pela base. Foi sempre preocupação nestes dois anos de Comissão, de ir respondendo às exigências da base e partir dos passos da mesma.

Há muito a se fazer nesse sentido. As solicitações da base foram muitas. Algumas atendidas.

Solicitações feitas à Comissão:

- Como começar uma Pastoral Operária.
- Características de uma Pastoral Operária.
- Fé e Política.
- A Pastoral nos bairros, nas favelas, nas fábricas, nas organizações operárias.
- O movimento político no Brasil. Os partidos.
- A realidade econômica.
- A Bíblia no engajamento.
- Como está organizada a Igreja.
- Movimento Operário no Brasil.
- A história da classe operária, etc.

A CPO acredita que é necessário sistematizar todo um plano de formação em todos os níveis. Dentro do plano de trabalho é urgente programar seminários de estudo, dias de estudos, dentro de um programa lógico e progressivo, respeitando os diversos níveis de consciência.

Acontece que se programam estudos onde participam militantes profundamente engajados e trabalhadores que estão começando a participar, prejudicando e fazendo perder tempo a estes ou àqueles.

Outro aspecto a considerar, é que se programam estudos a partir de algumas cabeças, quando as aspirações de algumas bases são totalmente

diferentes. Para uns, o tema é partidos ou Sindicatos, quando para outros, é entender porque sindicalizar-se e para quê.

A informação tem sido o grito de todas as bases. A CPO tem cumprido esta tarefa de forma muito precária. Fica aberto este desafio e a descoberta de meios para rápida e eficientemente devolver às bases as inúmeras experiências que vem sendo feitas, bem como informar o que acontece nos estados, nas fábricas, nas cidades, nos Sindicatos,, na Igreja, no que diz respeito à classe operária. Para uma Pastoral Operária que pretende ser um Serviço Nacional e uma consciência nacional, é urgente que isto aconteça.

As publicações, folhetos, circulares, planos de trabalho a partir de cidades ou dioceses, são muitos e ricos; falta articulação entre os mesmos para um enriquecimento mútuo.

As dioceses que desde o ano de 74 articulam e desenvolvem um plano de Pastoral Operária: São Paulo, Sto. André, Santos, Campinas, Rio de Janeiro, N. va Iguaçu.

As dioceses onde se começa a desenvolver uma Pastoral Operária: Caxias do Sul, Porto Alegre, Salvador, Alagoinhas, Belém, Caçador, Tubarão, Lages. Em todas estas dioceses, a CPO tem mantido um plano de visitas, de correspondência, de encontros de agentes, de militantes, de contatos com os respectivos bispos e coordenadores de pastoral.

As dioceses que nesses dois anos levam em conta nos seus planos de pastoral, a Pastoral Operária são as seguintes: BH, Juiz de Fora, Itabira, Mariana, Vitória, Bauru, Florianópolis, Joinville, Chapecó, João Pessoa, Fortaleza, Teresina, S. Luis, Manaus, V. Redonda, Itaguaí, Erechim.

É animador constatar como em todas estas dioceses existe um esforço, em umas mais que em outras, de responder à realidade operária.

Os coordenadores de Pastoral não tem se cansado de escrever à Equipe executiva da CPO, pedindo subsídios, visitas para, a partir de experiências de outros, inspirar-se e dar corpo às suas bases em iniciação.

### III - A AÇÃO E A ARTICULAÇÃO DAS MESMAS E A PASTORAL DE CONJUNTO

Os grupos de Pastoral Operária que se reúnem nos bairros, nos centros paroquiais e que a partir das suas mais diversas realidades desenvolvem sua ação, constituem, sem dúvida, a razão de ser desta pastoral.

É difícil caracterizar os grupos dada sua grande diversidade os problemas do mundo operário, suas lutas e sua crescente marginalização, fazem com que os trabalhadores empregados, desempregados ou subempregados se encontrem discutam e planejem dentro das possibilidades, a sua

ação. Esta realidade analisada à luz do Evangelho, pouco a pouco contribui na construção de uma classe com uma consciência mais esclarecida e coletiva.

Mensalmente, ou de dois em dois meses, ou de quando em quando, estes grupos se reúnem entre si a partir de dias de estudos, ou manhãs de intercâmbios e experiências.

Boa parte das dioceses contam com equipes de coordenação que cuidam para que os grupos não se isolem e aproximem critérios de ação com planos de trabalho integrado.

Estas equipes, por sua vez, organizam ou participam de encontros de outros serviços diocesanos, como sejam, Liturgia, catequese, ação social, assembléias diocesanas, Movimento Negro, Cebis, JOC, ACO, Pastoral de Favela e outras promoções diocesanas - vocações, Campanha da Fraternidade, Conselhos comunitários, conselhos paroquiais, equipes de preparação ao casamento, ministros da eucaristia ...

Ainda há muito a crescer nesse sentido, principalmente quando avaliamos os grupos de base e nos damos conta de que os militantes responsáveis, em geral, muito engajados, estão comprometidos com uma série de outras atividades também importantes, mas não diretamente endereçadas ao crescimento e aprofundamento da Pastoral Operária, da causa operária e popular.

Muitas vezes, como engajamento de Igreja se assume pastoral Operária como prioridade, mas na prática, se acredita poder assumir tudo. Não deixa de ser uma grande ilusão. Existem exemplos de militantes que são responsáveis pela pastoral operária, pelos conselhos paroquiais e ainda membros e conselheiros natos dos vigários e ministros da eucaristia. Isto sem falar do seu engajamento social no sindicato, no partido político, na Associação de Moradores e membros da Comissão de salário, etc. São de certa forma, super militantes, mas fica a pergunta:

- como assegurar a continuidade dos grupos?
- como assegurar a articulação em todos os níveis?
- como assegurar o nascimento de novos grupos?
- até que ponto não se cai na ilusão de querer abarcar tudo mas na realidade não assegurando nada?

#### IV - A CPO COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA

A Comissão de Pastoral Operária que em dezembro de 78, entrou em caráter provisório com a missão ampla de dar corpo a tudo o que vinha surgindo neste sentido se propôs um programa corajoso. (Cf. Separata fev. 79), sem saber como faria isso, dada a falta de recursos de pessoas liberadas, de instrumentos e de meios financeiros.

Da Comissão, ninguém estava liberado. Cada um, na base do voluntariado e do tempo disponível, buscava tornar verdade o que teoricamente se refletiu e se decidiu em dezembro de 78.

Como Comissão de Pastoral Operária, ficou estabelecido que de três em três meses, ela se reuniria com o objetivo de avaliar a caminhada. Estabelecer alguns critérios comuns para assegurar a unidade, respeitando a diversidade. Criar um Boletim através do qual a Pastoral pudesse acompanhar a marcha das experiências. Criar um Secretariado, onde tudo fosse encaminhado e rapidamente devolvido. Visitas às Dioceses, a bispos, a agentes de pastoral, CNBB, Sindicatos, a outros movimentos e organizações ocupadas com a Classe Operária e se fazer presente nos encontros diocesanos, regionais, nacionais. (A Separata que está na pasta, apresenta ordenadamente todo o plano de encaminhamento e que continua no nosso entender válido. Seria bom ler).

#### CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO

No final do encontro de dezembro de 78 foram indicados para compor a Comissão em caráter provisório:

D.Cláudio Hummes - bispo de Sto.André - SP  
D.José Maria Pires - arcebispo de João Pessoa - PB  
D.Waldyr Calheiros - bispo de V.Redonda - RJ  
Pe.Agostinho Pretto - Rio de Janeiro - RJ  
Maria Angelina de Oliveira - Rio de Janeiro  
Geraldo Francisco de Barbosa - Sete Lagoas- MG  
Waldemar Rossi - São Paulo - SP  
Pe.Humberto Hummen - Recife - PE  
Anísio Batista de Oliveira - São Paulo - SP  
Maria Carvalho de Menezes - Rio de Janeiro - RJ  
Pe.Raimundo José Soares - Brasília - DF  
Gerson Florêncio Diniz - Vitória - ES

No terceiro mês de existência da CPO, Geraldo Francisco Barbosa pediu demissão por ter sido eleito dirigente latinoamericano da ACO e não poder acompanhar o programa.

Pe.Raimundo José Soares cedeu lugar ao Pe.Virgílio Uchoa, por redistribuição de tarefas no âmbito da CNBB.

Em 1979 passaram a integrar a equipe: Adelar de David, Olívia Barreto e mais os assessores: Cláudio Araújo, Fr.Betto, Eliseu Lopes e Piragibe de Castro Alves.

Em 1980: Eurides Mescolotto (SC), Joaquim Almeida (CE), George Winnik (SP), Luiz Alves (BH), Aristides Pereira de Andrade (RJ), Geraldo Mendonça (PR).

Faltam ainda operários representantes do Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Ajudaram a CPO a se manter atualizada no que se refere ao processo político, sindical: Piragibe Castro Alves e Luiz Alberto Gomes de Souza, cientista social.

Como assessoria de Bíblia e Teologia: Eliseu Lopes, Fr. Carlos Mesters, Pe. Raimundo José Soares, Fr. Leonardo Boff, Jether Ramalho, Frei Clodovis Boff.

A Comissão buscou se manter atualizada no que se refere ao Processo sindical, realizando reuniões com Jacó Bittar, Olívio Dutra, José Ibrahim, João Paulo Vasconcelos, Luiz Cardoso, Rolando Frati, Waldemar Rossi, Anísio Oliveira, Joaquim Arnaldo, José Cardoso.

#### Lugar específico da CPO

A partir de 79, começo também das "aberturas políticas" a CPO viveu um momento forte de reencontrar seu lugar específico, uma vez que, durante os anos anteriores, muitos militantes engajados, sem serem convictamente de Pastoral, buscavam os espaços da Igreja para assegurar sua militância. Houve tensões, debates políticos, contradições, erros e acertos, ataques, defesas sem que com isso se tenham criado rupturas. O fundamental tem sido sempre respeitado. Os trabalhadores devem ser os sujeitos do processo, o processo educativo, evitando propostas e programas impostos e a Pastoral Operária não pode instrumentalizar e nem se deixar instrumentalizar.

Depois de alguns meses, com o surgimento dos Partidos novos, com as "aberturas democráticas", com o debate aberto sobre o novo sindicalismo e as esperanças das eleições e com o ponto alto das greves, os trabalhadores engajados se lançaram na luta mais aberta e democrática. Isto possibilitou mais espaço para organização da Pastoral Operária, mas em alguns lugares, o vazio de lideranças se fez sentir.

As GREVES, principalmente as do ABC e de João Monlevade, levaram a Igreja a se perguntar: Que tipo de mundo novo está surgindo? Que Igreja nova está surgindo? Que Pastoral deve nascer?

Retoma-se o Vaticano II, retoma-se Medellín, retoma-se Puebla e a Igreja vai se dando conta de que é preciso mudar e ter coragem.

O acontecimento da greve do ABC com a coerente posição da Diocese, a partir do bispo D. Cláudio Hummes, dá um toque a toda a Igreja.

Referimo-nos à primeira greve dos metalúrgicos. O susto que isso provocou e, para alguns, escândalo, fez com que se começasse a refletir ordenadamente a partir dos que trabalham, dos que produzem, dos que

sustentam esta máquina injusta e capitalista que aí está.

Praticamente declara-se a guerra. Coisa jamais acontecida neste país. Reunindo onda de greves que aconteceram antes e que foram sufocadas e ridicularizadas pela imprensa, aproximando as experiências de umas e os erros de outras, fizeram com que todos aqueles que se apresentavam como homens de fé, tomassem os fatos e avaliassem o engajamento dentro do grande binômio: Fé e Política.

A CPO acompanhou e se fez presente no processo sindical, naquilo que se refere à Oposições, aos Autênticos, às chapas, às eleições. Participa como Pastoral Operária no nascimento do Documento de Monlevade, no Documento de S. Bernardo e na realização do ENTOES.

A CPO se preocupa como CPO de estar presente em toda esta política sem tomar partido, mas também sem perder a sua coerência. Militantes da Pastoral Operária estão presentes na formação dos novos partidos.

Dados os muitos desafios sociais e de Igreja a CPO, no cumprimento de sua missão, busca reforçar-se como Comissão e tornar-se cada vez mais representativa, convidando trabalhadores para integrá-la

#### Programação da CPO para 1980

Foi feito um plano para 1980. Com o compromisso de que cada membro da Comissão o desenvolvesse na sua região, a equipe executiva procurou estimular a que isso acontecesse. Fica como matéria para esta reunião.

A pesquisa foi feita e com bom resultado sem se saber bem o que fazer com ela.

O seminário de estudo que a Executiva promoveu - Fé e Política, em plano nacional, em Nova Iguaçu - RJ.

Encontro Nacional dos Sub-Secretários da CNBB.

Encontro de bispos com dirigentes sindicais em Barueri - SP.

Seminário Teológico, em Cachoeiras de Macacu - RJ - 12 dias.

Organizou dias de estudo com os participantes das Jornadas Internacionais, em Nova Iguaçu.

Promoveu dias de estudo com estrangeiros: europeus, canadenses, asiáticos, que passaram pelo Brasil em viagem de estudo ou turismo.

Durante os anos de 79-80, 309 estrangeiros passaram pelo Brasil e manifestaram interesse pela Pastoral Operária. Com dias de estudo, com programas de contatos com grupos de base incluindo visitas a São Paulo, Vitória, São Mateus, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Fortaleza, São Luís. Nesta linha a Equipe Executiva orientou para que procurassem a pasto

ral operária de santo André, São Paulo, Vitória. Igualmente se orientou o pessoal para que entrasse em contato com dirigentes sindicais dessas ' cidades.

A Comissão se reuniu de 3 em 3 meses para avaliar e retomar a caminhada. Nunca houve participação de todos os membros.

Como equipe executiva estivemos em:

Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Bauru, Vitória, Recife, Manaus, Belém, Juiz de Fora, Itabira, Volta Redonda, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Erechim, Niterói, Valença, Nova Friburgo, Novo Amburgo, Caxias do Sul, Itaguaí, Joinville, São Mateus, Teixeira de Freitas, Salvador, Alagoinhas, Florianópolis, Brasília, Congonhas, Acesita, Sto. André.

Em algumas cidades organizando e em outras participando de Dias de Estudos, e em algumas, simplesmente visitando para estimular e animar o nascimento da Pastoral Operária.

.....

11985

A busca da hegemonia democrata cristã no sindicalismo latinoamericano, com a organização de uma corrente própria e supostamente "terceirista", no já tão dividido mundo sindical do continente, é o principal objetivo do trabalho conjunto entre o CELAM (Conselho Episcopal Latinoamericano) e a CLAT (Central Latinoamericana de Trabalhadores) e que vem sendo cada vez mais aprofundado. Um dos principais momentos nesta estratégia será a " III Conferência Latinoamericana sobre Direitos Humanos - As Liberdades dos Trabalhadores e dos Povos ", que a CLAT realizará de 4 a 7 de dezembro, no Rio de Janeiro, com o apoio do Cardeal EUGENIO DE ARAUJO SALES - um dos principais dirigentes da corrente conservadora da Igreja na América Latina e com a participação de cem representantes de movimentos populares e sociais do Continente.

A programação deste evento para o Rio não é uma decisão puramente geográfica ou turística: Brasil e sua Conferencia Episcopal (a maior do mundo católico, depois da italiana) têm sido escolhido como campo preferencial na estratégia CELAM / CLAT no mundo dos trabalhadores. Esforços significativos tem sido feitos por essas duas instituições, para que os bispos brasileiros se incorporem ao discurso "celam-clatista", que "utiliza" como o principal instrumento ideológico, a Doutrina Social da Igreja.

#### Os homens da CLAT

A união e a convergência de esforços entre o CELAM e a CLAT buscando agora, dividir ainda mais o movimento sindical do Continente, não representam algo totalmente incomum: depois de um momento histórico de abertura e compromisso com a libertação dos povos latinoamericanos em que MEDELLIN e mesmo PUEBLA foram marcos importantes, o CELAM de D. Helder Câmara, Manuel Larrain, Cândido Padim e Aloisio Lorscheider entre outros, converteu-se no CELAM de Alfonso Lopes Trujillo, Dario Castrillon, Antonio Querracino, Luciano Cabral Duarte e outros igualmente conservadores. Em um âmbito mais geral, o CELAM converteu-se num instrumento da política da grande restauração, a volta à disciplina definida para a igreja por João Paulo II.

Por outro lado, a CLAT encontra no CELAM, um interlocutor adequado para afirmar sua própria linha, identificada, a nível internacional com a CMT (Confederação Mundial dos Trabalhadores) com sede em Bruxelas, Bélgica, contando com 20 milhões de filiados e financiados, assim como a própria CLAT, pela Fundação Konrad Adenauer, do Partido Democrata Cristão da RFA, atualmente no poder. A CMT origina-se da CISC (Confederação Internacional de Sindicatos Cristãos) fundada em 1920 em Bruxelas. Na América Latina, a CLASC (Confederação Latinoamericana de Sindicatos Cristãos) já com sede em Caracas, representava os interesses da CISC. Em 1968, houve uma troca de nomes; a CISC passou a chamar-se CMT (Confederação Mundial de Trabalhadores) e a CLASC passou a chamar-se CLAT.

---

(1) Documento recebido de um Centro de Estudos de Caracas - Venezuela.

Em termos gerais, as duas outras articulações sindicais no mundo são: a FSM (Federação Sindical Mundial) e a CIOSL (Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres). A FSM foi fundada em 1945, após o término da 2ª. Guerra mundial, está sediada em Praga-Tchecoslováquia e possui 260 milhões de filiados. A CIOSL nasceu em 1949 em Bruxelas, possui 70 milhões de filiados e segue uma orientação social-democrata. É financiada pela Fundação FRIEDERICH EBERT, dos social-democratas da Alemanha Ocidental.

Dentre os grupos sindicais pertencentes à CIOSL, estão: AFL-CIO, norte-americana; na América Latina, essa central está estruturada na ORIT (Organização Regional Interamericana de Trabalhadores).

A FSM participa na América Latina do CPUSTAL (Congresso Permanente de Unidade Sindical dos Trabalhadores da América Latina).

Na conjunção de esforços com o CELAM, a CLAT joga toda a experiência de um "staff" de diversas origens e utiliza a forte infraestrutura de sua sede em Caracas, Venezuela, um enorme e imponente edifício, além de contar com o apoio da UTAL (Universidade de Trabalhadores da América Latina) dirigida por jesuítas.

O staff está centrado, basicamente, em três pessoas: o secretário geral EMILIO MASPERO, argentino, homem de classe média, poliglota; o cubano exilado EDUARDO GARCIA MOURE e o uruguaio LUIS MARIUS, chefe de relações internacionais. EDUARDO GARCIA MOURE, tem uma história não exatamente democrata, nem cristã. De acordo com os registros da própria CLAT e outras centrais sindicais: antes da revolução cubana, foi secretário estadual do Sindicato do Comércio na ilha Caribenha. Moure é atualmente o secretário geral adjunto da CLAT e, em Cuba, no início do processo revolucionário, esteve envolvido no "Movimento Revolucionário do Povo", fundado por REYNOLDO GONZALEZ, um sindicalista cubano, por orientação e financiamento da CIA, de acordo com registros das centrais sindicais Latinoamericanas.

O dossiê de MOURE é ainda mais completo: antes de fugir de Cuba, foi acusado de ter participado na sabotagem da loja "O Encanto" - principal loja de mercadorias de Havana, a qual foi incendiada com material explosivo. Em virtude dessa ação terrorista, pouco antes dos acontecimentos de Playa Giron, morreu a trabalhadora Fe del Valle.

MOURE passou então a morar em Caracas, onde no governo democratacristão de HERRERA CAMPINS, colaborou com a DISIP, a polícia política do governo venezuelano. Considerado por muitos sindicalistas como agente da CIA, MOURE está, pouco a pouco, concentrando na CLAT outros contrarrevolucionários cubanos, como é o caso de ALBERTO CAO, inimigo do processo revolucionário cubano e JOSE DE JESUS PLANA, ex-dirigente da Ação Católica de Cuba e também comprometido com ações desestabilizadoras da revolução nascente. (É bem conhecido o papel da Igreja frente à Revolução Cubana, em uma direção contrária à que, naquela época, assumia pouco a pouco, a Igreja Universal se antecipando ao Concílio Vaticano II).

Outros elementos destacados no staff da CLAT são: o cubano CARLOS MAURI e o venezuelano PEDRO LEON TRUJILLO. Dizem os sindicalistas de Venezuela que hoje, na CLAT, há uma contradição cada vez maior entre o secretário geral MASPERO e seu secretário adjunto, MOURE, justamente por causa desta presença cada vez maior de contrarrevolucionários cubanos. Isto não significa que MASPERO seja favorável à Cuba, mas a atuação de MOURE está sendo muito ostensiva, o que não favorece à estratégia

da CLAT de apresentar-se, no continente e sobretudo junto aos bispos, como uma organização ideologicamente neutra, comprometida com a doutrina social da Igreja e com "os direitos humanos e as liberdades dos povos".

#### As Conferências da CLAT

Na história dos últimos oito anos, a CLAT registra a realização da 1ª Conferência sobre os Direitos Humanos e as Liberdades dos Trabalhadores e suas organizações, em São José, Costa Rica, em novembro de 1977. Ali aprovou-se uma declaração sobre o mundo do trabalho e decidiu-se por realizar uma assembléia e executar medidas concretas de ação.

Essa Assembléia dos Trabalhadores e dos Povos Latinoamericanos realizou-se em novembro de 1978, na cidade de Panamá, aprovando "A Carta Latinoamericana dos Direitos e Liberdades dos Trabalhadores e dos Povos". Uma decisão importante foi a de criar uma "Assembléia Permanente dos Trabalhadores e Povos Latinoamericanos", além de organizar uma comissão destinada a tarefas de "estudo", pesquisa, informação, defesa, fortalecimento e desenvolvimento desses direitos.

A 2ª Conferência foi realizada em Bogotá, Colômbia, em dezembro de 82 com 172 delegados da Europa, Ásia, África e América Latina, além dos Estados Unidos e Canadá. A principal referência dos debates tem sido o processo de "abertura" democrática vivido em vários países do continente, como Brasil, Argentina e Uruguai.

A partir disto, a CLAT aprofundava seus contatos tanto através do ILACDE (Instituto Latinoamericano de Cooperação e Desenvolvimento) com personalidade jurídica na Venezuela, Antilhas Holandesas, Costa Rica e Estados Unidos, como através do IPROS (Instituto de Promoção Social), que já está organizado no Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) promovendo cursos para jovens sindicalistas, especialmente do interior, particularmente aqueles que se iniciam na atividade sindical e ainda não estão participando das centrais sindicais do país, a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a CONCLAT (Conferência das Classes Trabalhadoras). Tentava ainda, ampliar os contatos com as Conferências Episcopais, particularmente com a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Já neste ano (1985), em San Antonio de Los Altos, Venezuela, de 28 de janeiro a 1 de fevereiro, o CELAM e a CLAT organizaram uma Conferência sobre a "Doutrina Social da Igreja e o mundo do trabalho na América Latina dos anos 80", com a presença de mais de cem participantes, entre os quais se encontravam bispos, padres e dirigentes sindicais.

Um mês depois, em sua vigésima assembléia ordinária, de 11 a 15 de março, o CELAM confirmou as linhas básicas da estratégia de trabalho com a CLAT, sem mencionar a Central: divulgação e promoção da doutrina social da igreja; estudos no meio operário (e na perspectiva CELAM/CLAT) da encíclica *Laborem Exercens*, de João Paulo II; incentivo ao diálogo operário-patrão e entre os bispos e "os construtores da nova sociedade". (Esta expressão é característica da linguagem neoconservadora na Igreja latinoamericana e viabilizado de uma forma policlassista. D. EUGENIO ARAUJO SALES, por exemplo, reúne periodicamente, na casa de retiros de Sumaré, bairro do Rio de Janeiro, estes "construtores da nova sociedade", ou seja, patrões, empresários

operários, homens e mulheres, para um diálogo que é bastante divulgado. Porém depois, não se traduz em mudanças nas relações de produção e trabalho).

A principal preocupação nesta reunião do CELAM, no que diz respeito ao Departamento de Pastoral Social, tem sido a de "esclarecer desvios que estão experimentando as organizações populares e as comunidades de base".

Posteriormente, entre outras atividades, a CLAT realizou em São Paulo, Brasil, de 1º a 5 de julho, através do seu Instituto de Promoção Social (IPROS), um curso de sindicalismo, reunindo mais de 60 líderes sindicais de todo o país, especialmente da região sul. A maioria era composta de jovens que pertencem às direções de pequenos sindicatos de trabalhadores de cidades do interior.

### A Conferência do Rio

A Terceira Conferência Latinoamericana sobre "Direitos Humanos, as liberdades dos trabalhadores e dos povos" no Rio de Janeiro (de 4 a 7 de dezembro de 1985) e a 2a. Conferência sobre Doutrina Social da Igreja e o mundo do trabalho (para 1986, ainda sem data definida) - esta última para celebrar o quinto aniversário da encíclica *Laborem Exercens*, de João Paulo II - são prioridades "celamclatistas" da qual para adiante.

A Conferência do Rio já tem apoio declarado do Cardeal Arcebispo local, D. EUGENIO ARAUJO DE SALES (que é membro de dez congregações vaticanas, liderou o processo de silêncio contra o teólogo da libertação Frei Leonardo Boff e, nos anos 60, fundou vários sindicatos rurais para frear o avanço das Ligas Camponesas). Informa-se no Rio, que D. EUGENIO SALES garantiu à CLAT a infraestrutura para a Conferência e prepara uma missa campal em uma favela com a participação de todos os congressistas, para dar um caráter popular ao evento.

A nível da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), não existe ainda uma definição. O setor de ação social mais conhecido como linha 6, consultou a CPO (Comissão Pastoral Operária), sobre apoiar ou não o evento. Os dirigentes pastorais se pronunciaram de forma negativa, no entanto, o setor episcopal ainda não decidiu o que vai fazer.

O temário inicial da Conferência do Rio prevê os seguintes tópicos: "Análise da atual situação de violação dos direitos humanos na América Latina - em países com regimes totalitários, em países em processo de democratização; aprofundamento nos alcances dos direitos dos trabalhadores, os povos e suas organizações no marco da atual situação sócio-econômica regional; linhas gerais de trabalho para garantir a plena e integral vigência dos direitos e liberdades dos trabalhadores, de suas organizações e dos povos.

Para fundamentar estes objetivos, a CLAT parte de "dois tipos de situações" que distingue hoje no plano político latinoamericano:

- a) países que continuam com regimes totalitários, independentemente da justificativa ideológica que o fundamenta, onde persistem as violências contra os direitos humanos e as liberdades;
- b) países que já iniciaram um processo de democratização.

Os sindicalistas nicaraguenses que conhecem a CLAT e seu staff, dizem que o primeiro tipo de situação, é uma referência indireta à Nicarágua e Cuba. Na pátria sandinista, a CLAT apoia, financeira e materialmente, à inexpressiva CIN (Central de Trabalhadores da Nicarágua) que se contrapõe às demais centrais, inclusive à CST (Central Sandinista de Trabalhadores). E atua como oposição à revolução sandinista colaborando com os contra-revolucionários.

As orientações da CLAT.

Além do que se percebe nas entrelinhas, sobre a atuação da CLAT (fortalecida nos últimos anos pelo CELAM), quais são, as orientações básicas desta Central? As respostas se encontram no "Documento de Orientações e Recomendações", aprovado na Conferência de 28 de janeiro a 1º de fevereiro próximo passado, em San Antonio de los Altos, Venezuela. Resumindo, são estas as orientações centrais:

1. Além dos problemas sócio-econômicos do continente latinoamericano, há um outro caráter político que é "a subsistência de regimes ditatoriais e totalitários de diversas natureza" (aqui se coloca em pé de igualdade de condições e considerações, as Revoluções cubana e sandinista com regimes de Pinochet, Duvalier e Stroessener) além "da persistência ou incremento de situações de guerra mantidos por interesses alheios à nossa região, como é o caso da América Central" (a crise centroamericana é explicada do ponto de vista de conflitos Leste-Oeste e não em termos da história crônica de injustiça sócio-econômica nessa área).

O documento do CLAT/CELAM fala também da "agressão de natureza ideológico-cultural como tentativas de neocolonialismo pela via de importação de modelos de pensamentos e comportamentos alheios à nossas tradições e identidade" (com certeza não se referem ao modelo individualista e consumista, impostos há séculos sobre os povos latinoamericanos e sobre suas formas comunitárias de vida).

2. A agressão maior e mais grave que sofre o continente é de caráter cultural, pois afeta "nossa identidade" que não se confunde "nem com o capitalismo liberal nem com o coletivismo marxista" (é a terceira via que qualifica o capitalismo liberal e o socialismo como "coletivismo marxista").

O documento faz referência a uma decisão: A Conferência de Caracas foi organizada, "expressamente" para coincidir com a sexta visita de João Paulo II à América Latina, no início deste ano. Cita, ainda, um discurso feito pelo Papa, na Venezuela, em 29 de janeiro próximo passado, onde critica "a primazia dos processos economicistas", incluindo, num mesmo bloco o capitalismo e o socialismo. O texto chega a dizer, também, que tanto o capitalismo quanto o socialismo - ao qual, chamam de "coletivismo marxista" - dão prioridade ao capital sobre o trabalho.

3. O ensinamento social da Igreja e a Laborem Exercens, de João Paulo II, são as referências básicas para o trabalho de mudança no continente.
4. A partir da "evangelização da cultura moderna", haverá que descobrir, articular e consolidar, no mundo do trabalho e dos movimentos organizados dos trabalhado

res latinoamericanos, as novas sínteses (entre a compreensão cristã do homem, os valores derivados das lutas dos trabalhadores e os elementos positivos da sociedade urbano-industrial).

5. Deve haver uma ação articulada entre o CELAM, as Conferências Episcopais Nacionais e a CLAT " como expressão regional de inspiração cristã do movimento dos trabalhadores latinoamericanos ... frente aos regimes ditatoriais e totalitários que persistem ou se esboçam na região ". Alguns fazem recordar aos discursos de OBANDO Y BRAVO ou de MICHAEL NOVAK, do IRD ( Instituto sobre a Religião e a Democracia ), de Washington ...
6. O avanço da ação articulada CELAM/Conferências Episcopais/CLAT, deve acontecer no marco da " comemoração dos 500 anos da fé católica no Continente " (leia-se os 500 anos do início da conquista, do ensanguentamento de novos povos indígenas, da escravidão dos negros e do saque de nossos bens e recursos naturais, utilizando-se como instrumento ideológico - a fé cristã ).
7. A ação conjunta deve visar, particularmente, a juventude latinoamericana.
8. A Igreja hierárquica (em primeiro plano) e aos trabalhadores (em planos complementares) atribui-se a tarefa de seres "gestores fundamentais da paz regional e mundial ".
9. Recomenda-se "um sério discernimento da problemática da "Teologia da Libertação" (N.R.: o documento põe a expressão entre aspas) para não empobrecer esta importante veia teológica que suscitou tanta vida e esperança ( note: o verbo está no passado). Neste sentido, o documento recomenda, ou melhor, insiste, " na necessidade de difundir integralmente a Instrução da Sagrada Congregação da Fé sobre a citada Teologia, para que se possa distinguir na mesma o que é válido e o que não é". O texto repete, assim, a orientação básica do Cardeal JOSEPH RATZINGER.
10. Para concretizar os acordos CELAM/CLAT, está sendo criada uma Equipe Interdisciplinar, para o intercâmbio de informação e reflexão dos temas que têm causado mais impacto no mundo do trabalho, " À luz do Ensino Social da Igreja, a fim de elaborar modelos e alternativas novas e eficazes". Paralelamente já começou um Programa de Formação de Dirigentes Pastorais, Sociais e Sindicais. "
11. Há uma recomendação específica a favor do método da não violência ativa no continente. A realidade continental indica que o ponto de partida não é a questão do método, porém o enfrentamento da realidade de exploração e injustiça. O método é consequência da consideração objetiva da realidade.
12. Toda esta ação será complementada por uma ampla tarefa de informação e comunicação em todos os setores e níveis da Igreja e também junto a trabalhadores e empresários. Está previsto também, um trabalho junto à classe média.
13. Nos Institutos e Universidades, particularmente os católicos, será impulsionado o estudo do ensino social da Igreja.
14. Além de encontros e promoções conjuntas, estas recomendações serão amplamente divulgadas tanto pelo CELAM, quanto pela CLAT.

15. O ano de 1986 será dedicado, prioritariamente, no trabalho celamclatista, ao debate e à celebração do quinto aniversário da Encíclica Laborens Exercens, de João Paulo II. Esta encíclica considera o marxismo como um sistema fechado, equiparando-o ao coletivismo, nada mais. Valoriza-se ao trabalho humano mas não explica as formas de efetivar esses valores e defende, basicamente, o terceiro caminho.

Por tudo isto, que os trabalhadores latinoamericanos, com posições mais críticas e avançadas, consideram que a conjunção de esforços CELAM/CLAT obedece a uma estratégia de dividir o sindicalismo no continente, de favorecer o retorno neoconservador da Igreja, de freiar o avanço da teologia e a pastoral libertadora e finalmente, de favorecer a manutenção do status quo no continente, ou no máximo, de apoiar mudanças " reformistas " que não afetem aos interesses fundamentais da dominação na América Latina.

Tempo e Presença, n: 200, out. 85

# A ofensiva da CLAT no Brasil

**C**riar uma nova central sindical — de orientação democrata-cristã — no Brasil e enfraquecer as bases da CUT/CONCLAT, da Comissão Pastoral da Terra e da Pastoral Operária, são os principais objetivos da ação conjunta entre o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) e a CLAT (Central Latino-Americana de Trabalhadores), segundo denunciam militantes sindicais da América Latina, reunidos em torno da CPOSTAL (Congresso Permanente de Unidade Sindical dos Trabalhadores da América Latina), com sede no México.

O Brasil é a prioridade principal da CLAT neste momento, indicam também agências cristãs holandesas que financiam projetos de desenvolvimento no Terceiro Mundo. Uma dessas agências recebeu recentemente um pedido de 40 mil dólares para a "III Conferência Latino-Americana sobre Direitos Humanos, as liberdades dos trabalhadores e dos povos" que a CLAT realizará, de 4 a 7 de dezembro

próximo, no Rio de Janeiro, com apoio do cardeal Eugênio de Araújo Sales.

## O DINHEIRO

A CLAT é financiada pela Fundação Konrad Adenauer, do Partido Democrata Cristão, atualmente no poder, na República Federal Alemã e também por poderosas multinacionais alemãs, como é o caso da Krupp. Recebe dinheiro, igualmente, do governo holandês e da central sindical democrata-cristã da Holanda.

Estes recursos são manejados, num imenso edifício de Caracas, por um staff que inclui o argentino Emilio Máspero, o secretário geral adjunto Eduardo García Moure e o uruguaio Luis Marius. O segundo homem da CLAT é exilado cubano e está implicado, segundo o CPOSTAL, no incêndio da Loja "El Encanto", de Havana, pouco depois da Revolução e no qual morreu a operária Fe del Valle. Agente da polícia política venezuelana, está reunindo, na CLAT, vários cubanos exilados.

congresso de trabalhadores do Terceiro Mundo...

Para 1986, a meta conjunta CELAM/CLAT é organizar debates e comemorações do quinto aniversário da encíclica *Laborem Exercens*, de João Paulo 2º. Utilizando a carta papel como bandeira, as duas entidades esperam encontrar um caminho fácil para realizar a sua estratégia de atuação.

Uma preparação imediata do congresso do Rio, marcado para dezembro, foi o II Congresso Internacional de Cultura e Trabalho, organizado de 4 a 7 passados, no Rio, pela Arquidiocese e pela Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos. Além do Nuncio em Brasília, D. Carlo Furno, participaram convidados bem identificados com a linha conservadora ratzingeriana da Igreja, como Rocco Butiglione, de Roma, monsenhor Massimo Camisasca, do Comitê João Paulo 2º, romano. Um momento destacado do evento foi o lançamento do livro "A fé em crise", de Ratzinger.

## DE DENTRO DO FURACÃO



Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação, primeiro volume da coleção "Protestantismo e Libertação".

Cr\$ 30.000

Pedidos através de cheque nominal para o CEDI

## NO BRASIL

Representada, no Brasil, por Ruy Britto e Tibor Sulik — assessor do cardeal Sales —, a CLAT mantém, no Rio e São Paulo, os "Institutos de Promoção Social". Organiza, regularmente, cursos para jovens sindicalistas, com todas as despesas pagas e se apresenta como a central apoiada pela Igreja e pelo CELAM. Tenta ser adotada, também, pela CNBB, mas vem enfrentando a resistência dos bispos e das pastores da terra e operária.

Além de procurar dividir o movimento sindical — já tão dividido —, a CLAT utiliza a doutrina social da Igreja — e as encíclicas sociais dos papas — para se legitimar. Seus documentos não escondem, contudo, uma orientação profundamente anti-socialista. Ou, mais particularmente, anti-soviética. Foi por isso que a CLAT propôs, recentemente, à Federação dos Sindicatos chineses — cujos dirigentes visitavam Caracas — o financiamento de um

## QUEM TEM MEDO DA REFORMA AGRÁRIA

Dossiê das reações ao 1º Plano Nacional de Reforma Agrária

Cr\$ 25.000

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI.

N.º Igreja - Pastoral Operária  
TOMBO  
AQUISE Nº

TREINAMENTO DA P.O



1º DIA: CONCLUSÕES

Quanto aos objetivos do treinamento:

O produto que queríamos todos era:

- 1 - Clarear o que é a PASTORAL OPERÁRIA, seus limites e suas possibilidades, mais concretamente;
- 2 - Uniformizar os instrumentos (métodos de trabalho), trocar experiências para melhor orientação, capacitar pessoas para avançarem no seu trabalho.
- 3 - Nova coordenação da P.O. para ajudar a organizar os grupos.

Quanto à avaliação do QUEBRA-CABEÇAS:

O QUEBRA-CABEÇAS revelou alguns aspectos interessantes:

- as etapas que passa até atingir o grupo: individualismo  
sub-grupo  
grupo
- as necessidades de ligar o detalhe ao global
- a dominação, a cooperação, a paciência.

Quanto ao que É A PASTORAL OPERÁRIA:

Pergunta-se: a partir do seu trabalho, como você explica a P.O?

- RESUMO:
1. É um trabalho de Igreja
  2. Visando mudança de mentalidade (participação) de forma a permitir que o operário descubra seu valor e seus direitos) e sua tarefa (engajamento) na sociedade.
  3. Para tanto, a P.O. se propõe a formação de militantes, a partir da ação (tomar consciência e conscientizar) em vista da organização da classe operária.

2º DIA: CONCLUSÕES

Resumo dos grupos para esclarecimento da DEFINIÇÃO sobre o que é P.O.:

- Mudança de mentalidade:
- não andar de mula
  - acreditar nas próprias forças
  - vencer o individualismo
  - vencer o fatalismo (sofrimento)
  - visão nova das coisas
  - descobrir que é uma peça importante
  - descobrir que existem interesses que o mantêm nesta situação
  - ver a realidade de forma diferente
  - se valorizar, a partir do que produz.

MUDANÇA DE ATITUDE:

- se unir, vencendo o comodismo
- lutar pelos seus direitos e aumentá-los
- tomar posição dentro da sociedade
- participar em conjunto
- criar condições de crescimento
- espírito de luta e sacrifício
- paciência e respeito pelo nível das pessoas.

VALOR: ter consciência de que é PESSOA HUMANA

- pertence a uma classe, sem a qual a sociedade não sobrevive (é ele que PRODUZ).
- e o agente de transformação da sociedade

TAREFA: Transformar a sociedade segundo os interesses de sua classe.

MILITANTE: - consciente que conscientiza  
 - ajuda a organizar a luta comum  
 - tem clareza da sua tarefa e sabe avaliar  
 - não fica paralelo aos outros, mas junto.  
 - também se conscientiza e muda com os outros.

FORMAÇÃO PELA AÇÃO - fábrica é o local fundamental  
 - partir de lideranças reconhecidas  
 - partir de interesses sentidos  
 - partir de ações pequenas

ORGANIZAÇÃO DE CLASSE: - a partir da própria fábrica  
 - conscientização para organização

TEATRINHO SOBRE A FÁBRICA:

O FATO: Dois militantes discutem a situação dos banheiros e resolvem consultar os outros companheiros e marcar um pape para a hora do lanche. Daí todos decidem fazer um abaixo-assinado, em colocar levar ao patrão.

A AVALIAÇÃO: - Militante não fez tudo sozinho, passou RESPONSABILIDADE  
 - Não se deve falar logo em SÍNDICATO; o operário foge  
 - lista-redonda (circular) é criatividade  
 - foi fácil demais discutir. Faltou argumentos  
 - não partiram de pessoas iniciante. Era como se todos já tivessem dado um passo  
 - pareceu que só existia o problema do banheiro... na verdade sempre há outros  
 - como distinguir o problema que junta mais gente, dos demais problemas?

3º DIA: CONCLUSÕES

Teatrinho sobre o BAIRRO

O FATO: Duas militantes resolveram discutir com pessoas do bairro (vizinho, padre, padeiro e amigos do Bairro) a necessidade de se juntarem para resolverem o problema do ônibus local. Outro dia um cara caiu do ônibus, de tão cheio... O padre falou na missa sobre os Direitos Humanos... Mas ainda meio desanimado, é novo no local. O vizinho é fanático pelo futebol e acha que a situação não tá boa e que tudo sempre foi assim. O padeiro não se interessa. Os amigos do bairro, estão dispostos a procurarem o padre.

AVALIAÇÃO

positivo: Glória alertou o padre que "fala demais" e que não deve acusar o povo e o animou a se desacomodar.  
 Maria: não aproveitou os interesses do vizinho (pelos futebol):  
 - não valorizou sua conversa  
 - rebateu com muita dureza suas opiniões. Mas tentou ajudá-lo a se esclarecer, a partir da situação de vida dela, e questão: verdade ou subversão.  
 - fez a tarefa mais difícil: procurar o vizinho

Glória:

positivo: ter dividido tarefas com Maria  
 - ter servido de ponte de união entre os Amigos do Bairro  
 - ter percebido e juntado objetivos do partido (D.H.) e dos "Amigos do Bairro" (melhoria)  
 - ter partido de um problema local, de um acontecimento.

negativo: assumiu o papel do padre (junto aos "Amigos") levou-os ao padre. Este, o padre, ficou como "líder", não revisou a tarefa de Maria, e portanto, não ajudou-a/ a melhorar sua militância junto ao vizinho.

### TEATRINHO SOBRE O SINDICATO

O FATO: o militante vai distribuir noutra fábrica, folheto de convocação de reunião do sindicato. Explica para um grupo de operários o Sindicato. As mais diferentes perguntas são feitas ao militante, que tenta respondê-las.

### A AVALIAÇÃO

#### Pontos positivos e negativos

- . militante tentou esclarecer sobre sindicato
- . jogou tudo num sermão só e valorizou o papel
- . o povo ou militante, quem questiona?
- . havia problemas diferentes (é preciso papo individual)
- . sozinho não se faz nada - podia aproveitar essa "dica"
- . faltou tática - é preciso aprofundar o papel do sindicato
- . militante ficou na armadilha, defendeu sindicato com poderismo
- . faltou encaminhamento das pessoas pelo grupo
- . campanha de porta de fábrica, é preciso conhecer o pessoal que quer alguma coisa - não se tratava de fazer promessas
- . CUNTRADIÇÃO - convida mas desanima, angustia e não dá saída
- . militante - seria mais fácil se fôsse da mesma fábrica
- . não só distribuir as convocações, mas argumentar, estar consciente de seu papel - consultar a CLT ou advogado.

JURI: O pessoal dividido em: Réus, advogados de defesa, promotores, jurados, juiz e escrevente tentaria aprofundar a questão:

A PASTORAL é um trabalho de IGREJA. Por trabalho de Igreja, pode se entender:

1. Levar a salvação aos operários ou
2. Participar da Salvação - libertação da classe ou
3. Ajudar o operário a renovar sua visão religiosa

### PERGUNTA-SE

- Qual o seu modo de entender?
- Como voce liga isso ao seu trabalho?

### DEPOIMENTOS DOS RÉUS

- ajudando o operário a esclarecer sua realidade, estamos salvando
- trata-se de um trabalho de justiça, uma luta pela igualdade.
- para ajudar a descobrir os caminhos da Salvação
- não se trata de se preocupar com a alma, mas com o todo

### ATAQUE:

- A salvação está com aqueles que sentem seus problemas
- Está salvo quem compreende a realidade?
- Será que o Cristão, só com a orientação da Igreja tem condições de tomar uma posição?
- Quem salva? : os cristãos ou os operários?
- não ligarem suas idéias com seu trabalho...

DEFESA:

- o operário não vai salvar, vai participar com todos os outros da LIBERTAÇÃO
- quem salva é Cristo
- nosso papel é descer até o operário, para esclarecê-lo
- não há diferença entre cristão e operário: vive e sofre juntos
- a libertação é de um povo

JURADOS

- descer?... não se trata de subir juntos?
- libertação no sentido de unificação de todo um povo, e acabar a escravidão. Como MOISÉS
- e o sentido do que é ser Cristão? Qual sua tarefa?
- não se trata de salvar o espírito, ou ajudar a descobrir o caminho de se salvar, mas de ver os problemas reais
- a salvação é coletiva, nem de um, (cristão) nem de outro (operário)
- falta esclarecer o que se está entendendo por CRISTÃO e LIBERTAÇÃO
- Afinal SALVAÇÃO, PROMOÇÃO, LIBERTAÇÃO, REVOLUÇÃO é tudo a mesma coisa?
- é obrigação do cristão entender os outros, cristãos ou não
- caminhar juntos, não importa quem...
- a pessoa se liberta de diversas escravidões; a salvação é aqui, na medida em que se torna gente...
- tem problemas que a Igreja não pode resolver

4ª FIA: CONCLUSÕESO QUE HOUVE DE COMUM NOS 3 TEATROS1ª) Quanto ao início de ENCAMINHAMENTO

- Já existia um trabalho anterior, que era de ser com os amigos e assim não existir desconfiança
- era preciso valorizar as pessoas, aproveitar seus interesses (futebol), respeitar as etapas de crescimento de pessoas não se precipitar
- trabalho não pode ser iniciativa só do militante
- ele vai ajudar o povo a perceber o PROBLEMA; vai partir de uma necessidade sentida pelo povo (que quase sempre é o choque entre opressor e oprimidos), para agrupá-lo em torno desse OBJETIVO, mas
- não deve se tornar Herói-estrela; assumir tudo sozinho

2ª) Quanto aos FATOS (ACONTECIMENTOS, PROBLEMAS)

- os problemas eram conhecidos de todos, então é o povo que dá o FATO
- o militante percebe o FATO e ajuda o povo a descobrir as causas, a perguntar o porquê daquilo
- Mas deve buscar as causas com os outros, porque os outros devem levar a uma ação conjunta desde o início.

3ª) QUANTO AOS OBJETIVOS DO MILITANTE

- conscientizar, unir e organizar para resolver os problemas
- mas o problema, o fato, deve ser visto como um meio e não um fim, sempre haverá fatos
- educar, esclarecer em cima de problemas concretos
- recrutar, a partir do grupo, pessoas para dar continuidade aos trabalhos, a partir do grupo, pessoas para dar continuidade aos trabalhos e se tornarem militantes.
- ampliar o trabalho e ligá-lo com outros trabalhos
- aproveitar das vitórias (conquistas) para a construção de união.

UMA CONCLUSÃO GERAL

Sem um grupo de Revisão de Trabalho, o militante não cresce. É no seu Grupo de R visão que ele avalia o seu trabalho e sabe dar continuidade. É no seu Grupo também que ele aprende a usar um Método - mais organizado de trabalho, trocando experiências.

1. EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE FÁBRICA

- a) Quando entrou ficou decepcionado pois o pessoal era cru, não -  
integro de cara devido ao moralismo cristão.
- b) Começou a conhecer outras pessoas fora da fábrica, a participar  
do Sindicato, começou a ter consciência de classe;
- c) Se integrou com o pessoal da fábrica e viu que os mesmos tinha/  
de bom;
- d) Percebeu que uma parte do pessoal queria estudar
- e) visitou os colegas
- f) percebeu que os outros colegas já faziam trabalho de bairro
- g) fez - pic-nic com algumas pessoas que estudavam no curso e que  
já faziam um trabalho de Bairro, pessoas de Pastoral tendo -  
assim maior conhecimento.
- h) formou-se dois grupos, alguns com interesses sindicais, para -  
isso usou o Boletim da Pastoral, participação na Campanha Salar-  
rial, cada reunião com esses grupos era escrita para passar -  
nos outros colegas;
- i) Grupo que estudava leis trabalhistas e discutia problemas da -  
fábrica. OBS - o maior interesse desse grupo era estudar e ob -  
ter informações.  
- começa a haver união desses dois grupos em torno dos proble -  
mas recentes da fábrica.  
- fazia revisão sozinho do que faziam

REVISÃO DO GRUPO DE FÁBRICA

- . Teve conhecimento das pessoas e seus problemas
- . para reuni-las partiu dos interesses do pessoal: estudar os  
problemas da fábrica e sindicato
- . iniciou sozinho, juntou mais gente, mas fez quase tudo sozinho  
(pelo menos como iniciativa) correndo o risco de estrela
- . partiu para fazer o trabalho de várias áreas do atividades do  
pessoal (bairro, fábrica, visitas e curso)
- . não houve revisão em grupo massozinho, o que garantiu a conti-  
nuidade.

2. EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE BAIRRO

- a) existia uma organização de filhas de Maria e Congregados Marianos
- b) houve uma descoberta, envolvimento com a realidade que mudou a  
mentalidade de um grupinho, que começou a questionar o resto d.  
pessoal
- c) houve choque com o vigário e o povo
- d) o trabalho era com risco sem revisão e sem paciência pois era  
espontâneo.
- e) viram necessidade de ampliar e a possibilidade de participar d.  
Pastoral Operária.

REVISÃO DO GRUPO - BAIRRO

- . ponto positivo: foi ter-se mantido o grupinho, a tentativa de se  
ligar a outras atividades
- . não tinham objetivo claro, onde chegar
- . queima-etapas.

3. EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE SINDICATO

- a) A experiência sindical foi adquirida com a participação no Sin-  
dicato e Campanha Salarial (Assembléia, distribuir folhêtos -  
sindicais em portas de fábricas).

- b) Participação nos cursos do Departamento de Educação e Cultura do Sindicato, o que traz uma visão de sindicalismo e a situação de classe, apesar de limitado
- c) ação na fábrica tentando atingir várias pessoas (recorte de jornal) pesquisa em outros Sindicatos
- d) orientação sobre Sindicato

REVISÃO DO TRABALHOSINDICAL

- 1 - militante procura mudar a mentalidade dos colegas, que a Diretoria do Sindicato não atende a classe (Sindicato é a própria classe).
- 2 - Que o instrumento seria a formação de militantes
- 3 - que o objetivo seria de formar COMISSÃO DE EMPRESA

O QUE ENTENDE POR TRABALHO DE IGREJA?

Exposição feita por três pessoas do que entendem sobre trabalho de Igreja:

- a) povo reunido na pessoa de Cristo
- b) povo que proclama que somos Igreja fiel a verdade
- c) povo que luta pela justiça, libertação da Sociedade, da humanidade
- d) ser operário, assumir a vida como operário tendo como ponto específico o EVANGELHO
- e) cumprir a missão da Igreja: - agrupamento do povo, organizando os trabalhos, transformando a Sociedade na FÉ.
- f) ter esperança além da gente.

OBS. As pessoas que fizeram exposição, ficaram m de escreve - alguma coisa sobre o assunto para ser aprofundado.

REVISÃO DA MILITÂ CIA NOS GRUPOS DE SETORES

SETOR INTERLAGOS

- Levantou 11 pontos para avaliação que será feito em reunião do setor

SETOR IPIRANGA

- Reunião onde fará revisão dos objetivos e encaminhamento
- Entrosamento com o Setor Vila Mariana
- Levantamento dos Instrumentos de trabalhos

SETOR VILA MARIANA

- Grupo de fábrica que fará revisão no próprio grupo
- maior entrosamento com outras atividades
- avaliação das atividades
- necessidade de ampliação
- reunião uma vez por mês com o setor

SETOR MORUMBI

OBJETIVOS - formar um grupo

DIFICULDADES - falta de interesse dos padres, falta de clareza do que é ser Igreja, as atividades da Paróquia não estimula o trabalho da Comunidade.

PONTOS NEGATIVOS

- Elementos do grupo não participam da Comunidade
- Os militantes não tarem se preocupados com o pessoal cru da área de Igreja.

PERSPECTIVA

- entrosamento com o pessoal cru da comunidade
- criar condições nas bases
- sustentar as iniciativas boas da cúpula da igreja

• SETOR CIDADE ADEMAR

- Programação de Natal (boletim, novena)
- Revisão em reunião com os militantes do Setor
- avaliação rápida (todos os setores)
- necessidade de trabalho de Militância na Pastoral Operária (programa, curso, não são militância, mas sim instrumento).
- quem vai fazer o trabalho de militância são os operários e outras pessoas (professores, padres) ajudam a formar esse pessoal
- que trabalho de fábrica talvez não possa ser revisado ou revisto no Setor
- que talvez seja necessário encontros de pessoal que faz trabalho de fábrica.

ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL (SETORES E REGIÃO)

Foi feita rápida a exposição sobre situação da COORDENAÇÃO E seus problemas.  
Tiramos uma coordenação provisória por Setor que deverá aprofundar este ponto e plejar um novo encontro.

=====

AVALIAÇÃO DO TREINAMENTO DA P.O. PELA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO

Revisa os a partir da PROPOSTA INICIAL, do treinamento feita aos setores.

- 1º) - Essa proposta não chegou a todos os setores. Houve falta de comunicação da comissão com a coordenação Regional e Desta com os setores.
- 2º) - Quanto aos participantes:
  - pediu-se militantes com experiências, por causa dos objetivos propostos. Faltou a coordenação regional e setores, explicaram aos militantes os objetivos
  - o fato de viverem muitos que nem sequer sabiam o que era a PASTORAL, não favoreceu maior aprofundamento
  - por isso a riqueza das experiências serviu mais para os iniciantes e não para os atuantes
  - entretanto o pessoal novo, inspirou grande esperança pela riqueza de seus valores e sua seriedade
  - houve participantes que vieram apenas um ou dois dias. Não só ficaram um pouco a margem, como não foi produtivo
  - a presença dos professores, foi tão "evidente" que alguém pensou que fossem os coordenadoras. Faltou-lhes Pedagogia e maior clareza de seu papel.
  - religiosos: presença positiva e discreta, sem deixar de ser atuante
  - mulheres casadas: atuação como exemplo muito positivo
  - a frequência quase que de 100% foi outro ponto alto
- 3º) - Quanto aos objetivos
  - 1) Definição da PASTORAL - o aspecto IGREJA, foi o mais divergente. Havia níveis diferentes de se ver isso, exatamente pela heterogeneidade de pessoas. No entanto, nos aspectos mais práticos, no encaminhamento, não há divergências.

Parece que o OBJETIVO de esclarecer a P.O. foi alcançado

## 2) MÉTODOS DE TRABALHO

- As técnicas aplicadas foram positivas (telefone, quebra-cabeças, teatrinho, grupo dentro e fora, júri, etc.)
- Os teatrinhos ajudaram a ver como se dá um trabalho de militante, mas parece que foi pouco. O aprofundamento teria que sair nas revisões do grupo, quando seu dia-a-dia seria AVALIADO.
- foi positiva a conclusão de se partir para GRUPOS DE REVISÃO.

## 3) ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL

- ficou para uma equipe (pessoas de cada setor), encaminhar o problema e convocar o pessoal para discutí-lo

## 4) PROGRAMA BÁSICO

- dividir o pessoal em grupos de trabalho foi positivo. Permitiu a todos participarem, ter um papel. De um modo geral, foi bem assumido
- cada grupo: Integração: em geral boa, mas faltou maior aproximação do pessoal, a equipe poderia ter criado isso, até nas brincadeiras. Parece que não houve rodízio nas atividades (o recreador foi sempre o mesmo).

5) SECRETÁRIA: tentou (nem sempre conseguiu) trazer resumos do dia anterior, valeu o esforço

6) AValiação: faltou método de avaliação, entre outras causas por falta de tempo. O Grupo de Coordenação se auto-critica por não ter imposto tempo para avaliação (coisa muito importante).

7) COORDENAÇÃO: na preparação: por diversos motivos, o técnico convidado acabou ficando com a incumbência de ser "ponte" de ligação entre os diversos elementos.  
Na execução: só se assumiu coisas decididas pelo grupo e nas horas de intervenção necessária. Bastante cooperação. Tudo planejado anteriormente e revisto na hora conforme o andamento.  
A equipe poderia estar tecnicamente mais preparada para assumir.

### O PROFETA GIBRAN v o s d i z :

"Sempre vos disseram que o trabalho é uma maldição e o labor, uma desgraça.

Mas eu vos digo que, quando trabalhais, realizais parte do sonho mais longínquo da terra, desempenhando assim uma missão que vos foi designada quando esse sonho nasceu. E, apesando-vos ao trabalho, estais na verdade, amando a vida.

Disseram-vos que a VIDA é escuridão; e no vosso cansaço, repetir o que os cansados vos disseram.

E eu vos digo que a vida é realmente escuridão, exceto quando há um impulso.

E todo impulso é cego, exceto quando há saber.

E todo saber é vão, exceto quando há trabalho.

E todo trabalho é vazio, exceto quando há A M O R.

E quando trabalhais com amor, vós vos unis a vós próprios, uns aos outros e a D E U S".

(GIBRAN KHALIL, BIBRAN, O Profeta

E. Van Lpe  
P. 028

RELATÓRIO DA ASSEMBLÉIA DA PASTORAL OPERÁRIA DA  
ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO    22.2.87



INTRODUÇÃO:

Vamos aprofundar os Princípios e Propostas da Pastoral Operária. Esta redação é fruto do trabalho da coordenação da P.O. Arq. em 86; é fruto de um trabalho que vamos desenvolvendo durante nossa caminhada de P.O. .

Desde 78, 79 nós já temos princípios, ex.: ajudar o trabalhador cristão a se engajar no dia a dia de sua realidade, nosso trabalho é de apoio ao movimento sindical, político etc.

Nós somos P.O., não somos sindicato nem partido, e assim, nosso papel é outro. A P.O. é um espaço aonde o trabalhador cristão reflete a sua luta.

Os nossos princípios nascem de uma metodologia de trabalho, partimos da realidade do trabalhador cristão, das injustiças sofridas. Temos a bíblia, as encíclicas, os documentos da igreja e assim, partindo da realidade, julgando através da bíblia, nós agimos: método VER - JULGAR - AGIR.

Esta colocação - curta e grossa - é só no sentido de lembrar que os nossos princípios nós os tiramos durante uma longa caminhada junto aos trabalhadores; no acúmulo de experiências. Por isso somos uma Pastoral Classista comprometida com os trabalhadores.

I Tivemos uma divisão em grupinhos para responder às perguntas:

1. O que diz este documento ( princípios e propostas ) para a minha prática?
2. Quais os princípios e propostas que mais nos dão pistas para o nosso trabalho atual enquanto P.O.?

2. Participação Sindical e Política:

2.1. SINDICAL:

- . Fizemos em algumas regiões alguns cursos de formação sindical e campanha de sindicalização, mas sentimos que não foi suficiente.
- . Sentimos falta de um trabalho de formação e informação
- . No movimento sindical ( como no político ) existem desníveis de participação dos companheiros, precisamos avançar no método de trabalho para conseguirmos caminhar nos vários níveis
- . 86 foi um ano de acontecimentos em ritmo acelerado: "Plano Cruzado"; pacotes econômicos, greves pipocando em várias fábricas etc; enquanto, paralelo a isto os

trabalhos de base caminharão de forma lenta, sem que conseguíssemos compreender o momento e dar uma resposta a tantos acontecimentos.

- . Houveram desentendimentos entre as lideranças sindicais
- . Apesar de muitas dificuldades, tivemos algumas vitórias no campo sindical, como por ex.: a conquista do sindicato dos Trabalhadores nas Bebidas
- . Foram feitos uma série de questionamentos à sindicalistas que, apesar de se dizerem combativos, acabam atrapalhando a luta sindical, contribuindo com os patrões.

## 2.2 Político:

- . Nas eleições parlamentares procuramos levar um trabalho de conscientização ao povo, fizemos campanha para candidatos do PT; participando inclusive, da escolha dos candidatos.
- . PT foi bastante perseguido, o governo ( e toda a direita) utilizou os acontecimentos de Leme e Salvador para uma campanha de difamação ao PT.
- . Os acontecimentos fortes na área econômica: " Plano Cruzado " e Pacotes Econômicos dificultaram os trabalhos da P.O tivemos dificuldades em expor nossas críticas e questionamentos sobre a situação criada pelo governo através dos pacotes. Nos faltou uma resposta classista em relação ao conteúdo do " Plano Cruzado "
- . Passadas as eleições, sentimos um desgaste do movimento popular e sindical devido a campanha eleitoral. Isto trouxe uma certa frustração, cansaço e desilusão por muitos companheiros.

## 3. Com Relação à Igreja:

- . Em alguns lugares a P.O. tem encontrado dificuldades perante a Igreja em realizar seu trabalho; apesar de que as Igrejas da periferia tem se engajado, comprometendo-se com a formação e informação de seus militantes.
- . Em algumas regiões tivemos algumas atividades, como:
  - . Semana de estudos
  - . Semana do trabalhador
  - . Rétiros
  - . Cursos de formação bíblica

O apoio recebido a estas atividades foi muito positivo. Apesar disto percebe-se ainda falta de diálogo sobre os grandes problemas que afetam o país e uma coerência maior na área eclesial entre o que falamos e o que fazemos.

Fizemos um resumo dos encontros de militantes que tivemos em 86:

- 15.2 Militantes engajados em partidos políticos
- 15.3 Pacotes Econômicos
- 22.3 Estrutura Sindical
- 17.5 Estrutura Sindical (continuação)
- 21.6 Aprofundar princípios de participação política
- 16.8 Prática do militante frente ao partido político
- 18.10 Ligações entre a militância política e sindical

#### PERSPECTIVAS PARA 87:

##### NA ÁREA SINDICAL:

- . Este ano será repleto de eleições sindicais. Precisamos acompanhar de perto a formação de possíveis Chapas de Oposição para darmos um apoio consciente
- . Teremos um ano de muita miséria e desemprego, será preciso muita força e organização dos trabalhadores para avançarmos em nossas conquistas.
- . Devemos marcar reunião sobre a questão das eleições sindicais em São Paulo, especialmente em relação aos metalúrgicos
- . É preciso que aprofundemos as questões econômicas para que não fiquemos tão perdidos como aconteceu com o decreto dos "Pacotes"
- . Precisamos aprofundar a discussão sobre o que significa "Autenticidade Sindical"

##### NA ÁREA POLÍTICA:

- . Devemos trabalhar no sentido de mobilizar o povo para participar na constituinte
- . Precisamos levar um trabalho de conscientização classista
- . Incentivar para que os núcleos dos partidos políticos comprometidos com a classe trabalhadora funcionem

##### ECLESIAL:

- . Os membros da P.O. devem participar de outros grupos da comunidade para divulgá-la
- . Devemos incentivar a igreja de São Paulo no compromisso com a

questão operária

- . O nosso espaço na igreja deve ser conquistado; inclusive mais espaço nas celebrações
- . Devemos participar do Planejamento da Arquidiocese
- . Participação na Campanha da Fraternidade
- . Criação de mais grupos de P.O. nas comunidades

#### PROPOSTAS GERAIS:

- . Precisamos avançar no sentido da unificação do movimento sindical e popular para uma resposta aos acontecimentos imediatos - ex.: aumento abusivo nos preços das passagens de ônibus
- . Um ponto em que estamos bastante fracos é no que se refere à Revisão de Vida Operária. Precisamos de um aprofundamento de fé. Na Revisão de Vida Operária avançamos na questão do nosso eixo; aprofundamos a partilha na caminhada
- . A relação do militante com a família fica, às vezes, difícil pois a militância exige muito tempo e a família, em muitos momentos não compreende e aceita. Precisamos nos aprofundar na reflexão desta questão
- . A coordenação deve consultar com antecedência as regiões antes de marcar atividades para não haver coincidência de datas com as programações regionais
- . Nossa participação na Campanha da Fraternidade deve enfatizar a questão do menor trabalhador e suas causas conjunturais.
- . Devemos nos preocupar com a organização interna da P.O.
- . Precisamos enfatizar a prática da Revisão de Vida Operária nos grupos de P.O. e através das reuniões da coordenação garantir intercâmbios para que esta auxilie-os sempre que solicitado

#### CONCLUSÃO:

Nossa Assembléia foi produtiva, apesar de termos uma série de questões que merecem ser aprofundadas em pouco espaço de tempo.

Diante de tantas questões levantadas, devemos priorizar algumas para que consigamos aprofundá-las:

- Acompanhamento das eleições sindicais
- Análise da Conjuntura ( pacotes, Constituinte )
- Acompanhamento do processo de Revisão de Vida Operária ( nas várias instâncias e grupos de P.O. )

Para o aprofundamento de questões urgentes, a coordenação deve convocar reunião quando achar necessário.

Iniciamos a discussão dos Princípios e Propostas nesta Assembléia, depois deste aprofundamento em grupos, precisamos garantir nossa presença em outro encontro como este para finalizar este trabalho.

Relembramos ainda, que faltam dois pontos para discussão:

- . Ponto III - Organização
- . Ponto IV - Metodologia

II - A Arquidiocese está em processo de escolha das prioridades para o próximo triênio; muitas regiões já as definiram, teremos uma Assembléia da Arquidiocese no dia 31.05.87 para esta definição à nível Arquidiocesano

. Nós da P.O. devemos, à nível de Região levarmos o maior número possível de companheiros.

Na Assembléia de hoje ( 22.3 ); elegamos 03 companheiros que serão nossos representantes na Assembléia Arquidiocesana. Tiramos também 03 suplentes para, no caso do representante efetivo for escolhido em sua região, passar a sua "vaga" para o suplente.

Os companheiros que escolhemos nesta eleição ( livre, direta e secreta ) foram:

LEIGOS	AGENTES
EFETIVO: Sueli e Elieser	EFETIVO: Miguel
SUPLENTES: Ari e Ricardo	SUPLENTE: Ruth

Lembramos ainda, aos companheiros que o nosso primeiro encontro de formação deste ano será no dia 22.03.87; cujo tema será:

Dentro dos principais desafios de hoje à Luz. da Caminhada do Povo de Deus: " A Conjuntura Sindical dentro da Conjuntura Política "

PROPOSTAS DE ALTERAÇÃO NO TEXTO DE PRINCÍPIOS E PROPOSTAS:

Na parte II - Com relação à Participação Sindical e Política; item B:

Ponto 1. : " Priorizar as formas de luta e de organização dos trabalhadores dentro das fábricas e das comunidades

Ponto 4. : " Lutar para que os núcleos dos partidos políticos comprometidos com a classe trabalhadora funcionem "

Em relação ao item B; no parágrafo que se refere ao apoio aos sindicatos autênticos, às Oposições sindicais, e Centrais Sindicais; sugeriu-se que explicitemos melhor o que é "autenticidade" e "combatividade".

Também devemos deixar claro que tipo de Central Sindical nós apoiamos. Alguns companheiros colocaram também que, precisamos deixar mais claro a diferença entre Classe Explorada e Classe Exploradora.

Estas questões precisam ser aprofundadas nos grupos e Regiões.

A ENCONTRO DE CASAIS MILITANTES DA PASTORAL OPERÁRIA - JULHO/86

O Encontro Nacional de Casais Militantes da Pastoral Operária realizou-se em Teresópolis-RJ no Sítio Assunção.

Estiveram presentes 6 casais: 1 de SC, 2 do PR, 1 do RJ e 2 do ES.

Iniciamos refletindo como nossa participação na militância da PO e dos movimentos populares estão influenciando nossa vida familiar. Foram levantados alguns pontos.

1) Influência do trabalho na família.

Comumente é falado que não devemos levar problemas de trabalho para dentro do lar. Esta colocação é aceita até certo ponto. No entanto, questionamos isto porque o casal deve participar um dos problemas do outro. Os filhos também devem ter um conhecimento do que acontece na família. O sistema social em que vivemos faz esta separação porque é mais conveniente para ele. O domínio está assim assegurado. Não há um corte entre mundo do trabalho e família. O mundo do trabalho influencia a família.

Falando sobre nossos engajamentos e militância tanto na PO como nos Mov. populares e sindical vimos que existe uma grande influência na nossa família:

- falta o diálogo em casa (marido-mulher; pais-filhos)
- somos levados a nos preocupar mais com os problemas fora do lar do que dentro do lar (crescimento dos filhos, amizades, educação, etc.)
- a questão financeira (sustentação da família) às vezes sofre com o nosso engajamento.
- o engajamento e militância nos levam também a um compromisso maior com a família. Militantes levam mais a sério seu casamento no que se relaciona a fidelidades, compreensão, confiança um no outro.
- os filhos, vendo o engajamento dos pais, são mais críticos na compreensão da sociedade e também mais exigente na convivência dentro do lar.

2) Discriminação que a sociedade faz dos militantes.

O militante e a militante da PO são discriminados. De modo geral somos vistos como agitadores e questionadores da ordem social. Por isso, somos perseguidos e ficamos facilmente desempregados, ocorrendo muitas vezes um grande período de desemprego. Os patrões fazem listas ou se comunicam entre si dando o nome de militantes que atuam em greves ou reivindicam melhores condições de trabalho.

3) Nas amizades

Ocorre muitas vezes também que nossas amizades sofrem por causa da militância. Até mesmo a amizade com nossos familiares. Isto porque adquirimos um senso crítico maior que influenciam as conversas e diminuem o tempo disponível para encontros e visitas.

É fato notável que os casais confiam muito na militância um do outro, não havendo ciúmes que dificultam o trabalho. Isto é fruto da confiança que depositam entre si.

Pe. Boim, que assessorou o encontro, alertou para não cairmos na produção pastoral. Se questionamos o sistema capitalista que coloca a produção acima das necessidades das famílias dos operários, é preciso que em nosso trabalho de militância não caiamos no mesmo erro, reproduzindo um sistema que é questionado.

O espírito crítico também não deve acabar com o coleguismo e a convivência com aquelas pessoas que estão ainda num estágio inferior ao nosso em termos de consciência.

-4) Como estamos vivendo a nossa fé a partir de nossa militância? Estamos celebrando esta fé em nossas famílias e no culto nas comunidades?

Esta questão levantada nos fez ver que de modo geral não há uma separação entre Igreja e Movimento popular. A Igreja sofre por estar mais comprometida com o pobre. É este modo de agir da Igreja que nos dá força em continuarmos na luta.

A espiritualidade do militante é sustentada pela vivência da fé, no trabalho de organização da classe trabalhadora. Este trabalho se realiza através da participação nas reuniões de base onde meditamos o evangelho, rezamos em cima dos acontecimentos mais recentes (greves, violência, encontros, doenças, etc.). A oração não é metódica (não segue esquema pré-fixado) mas traz a força do momento que se vive. Achamos que os nossos pais contribuíram para que nossa fé hoje fosse mais adulta e madura. Mesmo em famílias onde não se vivia a mesma fé (eram evangélicos) o contato com a Igreja católica auxiliou o compromisso de fé que possuímos hoje.

Há certa dificuldade em se rezar em família. No sul isto acontece com mais frequência, ainda assim quando os filhos são pequenos. Hoje em dia, com o horário diferente de trabalho se torna mais difícil. Em outros lugares onde este costume nunca existiu não criou ainda formas de se exercitar e praticar a oração no lar.

Foi acentuado que a discussão sobre a espiritualidade operária é uma preocupação que está crescendo muito. O Encontro de Agentes dedicou um dia todo para esta reflexão e vimos aí que o operário dentro de sua militância cultiva sua espiritualidade. Busca-se agora uma espiritualidade comunitária que parta da realidade e vida do operário.

##### 5) A discriminação da mulher

Nossa sociedade é dominadora. A família reproduz a dominação da sociedade. Esta reprodução de poder está dentro do sistema: idade e sexo. Para nossa sociedade quem tem mais idade sabe mais, a juventude é deixada

ã margem das decisões. E o sexo masculino é o sexo que domina. Dentro dis-  
so, qual a posição da mulher operária, mãe e companheira?

Em certos casos a mulher é discriminada três vezes: por ser mu-  
lher, por ser negra, por ser casada.

Muitas empresas não querem empregar mulher casada. Pedem até  
atestado de esterilização. O governo espalha anticoncepcionais a torto e  
a direito não dando nenhum esclarecimento e usando mulheres pobres como  
cobaias para produtos das multinacionais. Quando a mulher trabalha, ela  
executa trabalhos inferiores ao homem e ganham menos. Aliás, a remunera-  
ção da mulher é vista não pelo trabalho e capacidade que têm, mas em refe-  
rência ao marido ou aos pais. Se é solteira ganha pouco porque acham que  
os pais a sustentam. Se é casada, o seu trabalho é visto como auxiliar ao  
do marido que a sustenta. De um modo geral o trabalho da mulher é visto  
como se fosse para ela comprar seus grampos.

Examinando de modo especial, constatamos que a PO não discrimi-  
na a mulher. De modo geral há uma igualdade entre militantes da PO (homens  
e mulheres). Mas notamos que o número de mulheres participantes da PO é  
muito pequeno. Notamos que, embora haja igualdade, na hora das decisões  
essas recaem sobre os homens. Por exemplo, os homens em sua maioria, são  
escolhidos como delegados de encontros, liberados, coordenadores, etc.  
Foi mostrado que nas CEBs a maior participação é das mulheres, mas há um  
número maior de homens escolhidos como representantes no 6º Encontro Inter-  
eclesial das CEBs.

#### 6) A política familiar e a política demográfica

Estes dois temas foram refletidos no domingo de manhã. Fizemos  
dois grupos. Um de homens e outro de mulheres. Trouxemos a seguinte refle-  
xão em plenário:

- é a mulher que deve escolher o método anticonceptivo. Ele não deve ser imposto. A decisão de usar ou não, deve ser dela e não do governo. Há uma interferência norte-americana nesta decisão, fazendo com que a mulher brasileira pobre seja cobaia.
- Devemos educar as jovens para conhecer seu corpo e serem orientadas sobre os métodos naturais. Denunciamos que há médicos decidindo pela ligação de trompas, sem necessidades, em mulheres que dão a luz ao terceiro filho e em jovens-mães entre 16 e 20 anos. Isto é um abuso, uma vez que não se respeita a opinião da mulher nem se orienta sobre o que é a ligação de trompas. A ligação de trompas deve ser decidida pela mulher e, principalmente, pelo casal.
- marido e mulher devem juntos conversar sobre a questão dos filhos: educação e número de filhos.
- é notório que os homens engajados são mais "humanos" com suas esposas, dando valor as opiniões delas.

- Deveria haver por parte do pai maior contato com as filhas, explicando a questão sexual e incluindo a vida íntima da mulher, não ficando só para mãe este papel, pois assim haverá um melhor relacionamento, inclusive em conversas no lar.
- os grupos de base deveriam levar esta discussão sobre sexualidade, principalmente a sexologia da mulher, às favelas e ao campo.
- a própria política salarial de arrocho é uma política demográfica. O casal faz um controle de natalidade forçado pela situação econômica. Ao mesmo tempo a situação de pobreza leva a um aumento de filhos por não se ter melhores condições de vida (educação, lazer, etc.).
- os movimentos populares devem levar à igualdade entre homem e mulher e não à superação de um pelo outro.
- a sexualidade é muito importante na vida familiar.
- os filhos de pais engajados no movimento popular estão crescendo em consciência. Eles não se deixam levar tanto pela ideologia transmitida na escola como as outras crianças.
- Não devemos fazer uma separação entre a mulher (casada) e mulher (menina-moça). Os problemas da dominação e libertação da mulher são comuns a ambas e devemos introduzir a menina nesta discussão através da mudança da educação das filhas desde criança.

Debates também o relacionamento que deve existir entre os casais quando participam de movimentos populares:

- toda a família deveria participar das reuniões da PO. Os filhos devem ser introduzidos na luta libertadora.
- quando um participa de grupos é bom explicar ao outro o que é o grupo em que participa.
- quando os dois participam do mesmo grupo, deve-se aceitar as opiniões dentro do grupo como participante e não como marido e mulher.
- ainda se entende Igreja como se fosse bispos e padres. Mas a hierarquia é uma parte da Igreja como também o laicato. Devemos nos convencer de que quando os leigos se pronunciam a respeito de alguma coisa eles também são Igreja e sua opinião deve ser respeitada. Daí, é importante nossa atuação e participação no Conselho Nacional dos Leigos (CNL) a fim de fazer com que o CNL seja uma representação e um órgão próprio dos leigos, como a CNBB é dos bispos.

#### 7) Decisões do Encontro de Casais e Avaliação.

- Reunidos neste Encontro Nacional de casais militantes da PO achamos que deve-se reproduzir nos estados este encontro. Só haverá um encontro nacional se houver acontecido nas bases. Por isso sugerimos:
- a) que haja espaço no calendário estadual da PO para encontro de casais;
  - b) estes encontros obedeceriam a uma dinâmica própria respeitando as ca -

racterísticas dos estados ou regiões. Sugerimos que a dinâmica usada no encontro de São Paulo seja aplicada, a saber: discussão em grupos separados de homens e mulheres para discutir os problemas da família, principalmente aqueles trazidos pela militância; apresentação da discussão dos grupos em forma de encenação. Análise desses problemas levantados nos grupos; retomada da discussão em grupos mistos.

- c) Sugerimos que haja um tema comum de estudo que oriente os encontros estaduais. Esse tema seria: A FAMÍLIA. Dentro desse tema viríamos a questão do menor abandonado (tema da Campanha da Fraternidade de 1987), a questão da discriminação da família engajada nos movimentos populares e a educação dos filhos - acentuando-se a questão: como educar ou preparar a menina para discriminação da mulher e para o processo de sua libertação?
- d) É bom continuar havendo o Encontro Nacional dos casais, mas deve ser por representação. Cada estado enviaria dois casais que participaram do Encontro estadual para o Encontro Nacional. O Encontro Nacional seria uma troca de experiência entre os diversos casais de estados diferentes e se levantariam questões surgidas a nível estadual.
- e) O Secretariado Nacional da PO é o ponto de referência de articulação do Encontro Nacional. Será enviado o relatório para todos os casais participantes deste encontro e do encontro do ano passado. O casal Enock-Jane ficam responsáveis pela comunicação e contato entre os casais.
- f) foi feita uma avaliação do Encontro. Todos gostaram do encontro. Não houve uma rigidez no horário, o que possibilitou uma amizade maior entre os casais. O fato de não haver uma pauta de assuntos ou temas também fez com que todos os casais se sentissem responsáveis e participantes da organização.

Devemos aproveitar mais o tempo começando as reflexões mais cedo. O início do Encontro deve ser na sexta-feira à noite para evitar que haja um atraso no início do Encontro no sábado.

\*\*\*\*\*

#### NOME E ENDEREÇO DOS PARTICIPANTES

- Jane Marangoni Araújo e Enock - Av. Pres. Kennedy, 1861 - Sala 11  
25.020 - Duque de Caxias - RJ.
- Elza Mariano do Nascimento e Agildo - R. Domingos Dadalto, 33 - Cpo. Grande  
29.154 - Cariacica - ES.
- Paulo Borges e Maria C. Arruda - R. Monte Castelo, 284  
84.260 - Telêmaco Borba - PR.
- Alvaro REis e Maria da Penha - Cx.P. 107 - 29.000 - Vitória - ES.
- José Geraldo dos Santos e Maria - Almt. Tamandaré - PR . CEP.83.500
- Flora e Erondino de Andrade - R. Marquês de Olinda, 677  
São Cristóvão  
89.900 - Chapecó - SC.

Y.U.

C. Pas. qto.

PJ D3

α

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

INSCRIÇÃO Nº CQC Nº 219.969/0000-69

RUA MARIANO SENDRA DOS SANTOS, 44 - SALA 501

CEP 22.000 - DUQUE DE CAXIAS - RJ

Rio de Janeiro, 02 de abril de 1986

Companheira e companheiro,

Dia 15 de abril o Congresso norte-americano irá votar a "ajuda" de 100 milhões de dólares aos Contra na Nicarágua.

Não poderemos assistir passivamente mais esta medida da política intervencionista do Governo Reagan, política esta que já causou 10 mil mortes de jovens nicaraguenses e a tentativa de destruição total da economia deste país de 3 milhões de habitantes, onde 60% da economia (orçamento público) está voltada para a defesa.

Estamos solicitando a diversas pessoas e entidades representativas da sociedade brasileira que enviem telegramas para o Presidente da República, o Ministro de Relações Exteriores, os líderes dos partidos e o presidente da Comissão de Relações Exteriores do Congresso com o seguinte texto:

"Exigimos do governo brasileiro total repúdio política intervencionista governo norte americano na Nicarágua e posicionamento firme em defesa da paz e autodeterminação dos povos da América Central com adesão e apoio decisivo a Contadora"

Além disso sugerimos que se envie telegramas para o Congresso norte-americano, e a Conferência dos Bispos norte-americanos, com o seguinte texto:

"Repudiamos política intervencionista governo Reagan na Nicarágua. Apoiamos Conferência Católica dos USA. Exigimos do Congresso Norte-Americano a rejeição "ajuda" aos Contra e apoio decisivo a Contadora em defesa da paz e autodeterminação dos povos da América Central."

Certos de contar com todo seu apoio,

- Agostinho Pretto - Comissão Nacional de Pastoral Operária
- Ina Cruz - Comissão Pastoral Operária - RJ
- Arlindo Luis Fagundes da Silva - Diocese de Volta Redonda
- Carlos Alberto Steil - ISER
- Gilberto Carvalho - CPO - PR
- Bernardo Allegri - Comissão Pastoral da Terra (Nacional)
- Jether Pereira Resalho - CEDI
- João Lima - CPO - RJ - Movimento Nacional de Luta contra o Desemprego
- Lucília Garcia Resalho - Igreja Evangélica Congregacionária
- Marcos Arruda - IBASE
- Mário Prigol e Josina Gonçalves - Ação Católica Operária - RJ
- Marcelo Benou - CEDAC

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERARIA

INSCRIÇÃO NO CEC 27.912.908/0020-00

RUA MARIANO SÊNDRA DOS SANTOS, 44 - SALA 501

CEP 25000 - DUQUE DE CAXIAS - RJ

Mirian Goldenberg - INESC  
Mozart Noronha - Igreja Cristã de Confissão Reformada  
Nivaldo Doniseti Cruz - CPO Nacional  
Normand Cayouette - Diocese de Volta Redonda  
Neide Esterci - CEDI  
Pedro Dolabella Portella - CPO Nacional  
Percival Tavares - CPO Nacional  
Rafael Soares - CEDI  
Salvador Marcellino - CPO Nacional e CNL  
Waldemar Rossi - CPO - SP  
D. Waldir Calheiros - Bispo de Volta Redonda

Ps.: - Sugerimos reproduzir e encaminhar urgentemente este material a todos os seus contatos.  
- sugerimos que se faça manifestações, atos públicos, vigílias, etc., diante dos consulados norte-americanos dos seus estados no dia da votação da "ajuda" aos Contra.

Endereços para os telegramas:

1º Texto:

Presidente da República José Sarney  
Palácio do Planalto  
70.150 - Brasília - DF

Ministro Abreu Sodré  
Ministério das Relações exteriores  
Esplanada dos Ministérios BI J  
70.170 - Brasília - DF

Pimenta da Veiga - PMDB  
Câmara dos Deputados  
Pc. dos Três Poderes  
70.160 - Brasília - DF

2º Texto:

USA CONGRESS  
Washington DC  
USA

United States Catholic Conference  
1312 Massachusetts Ave NW  
Washington DC 20005

Ob.: Para os outros líderes dos partidos, seguir o mesmo endereço acima

PDI - Matheus Schmitt  
PT - Irma Passoni  
PUB - Alberto Goldman

C. Rao. 92  
P. D6

70

Duque de Caxias, 07 de fevereiro de 1985.

Companheiros:

A Comissão Executiva Nacional da Pastoral Operária esteve reunida no dia 04/02/1985 na Casa de Oração em Nova Iguaçu, onde foram discutidos diversos assuntos e tomadas algumas decisões. Para que estas decisões não fiquem apenas na "Cúpula", para que todos possamos trabalhar numa mesma direção e assim aumentar nossa participação conjunta na PO-NACIONAL, adotaremos a prática de enviar aos Estados, mensalmente, o relatório minucioso de nossas reuniões.

Pedimos dos companheiros a leitura atenta de cada ponto, para que o companheiro possa mobilizar suas bases em função dos trabalhos necessários, bem como fazer sua avaliação crítica do trabalho que a Executiva esteja desenvolvendo.

Neste sentido, esperamos insistentemente que haja um RETORNO, com manifestações dos companheiros.

Abrimos a reunião com uma oração-reflexão sobre a situação atual dos trabalhadores brasileiros e logo a seguir uma reflexão sobre dois pontos fundamentais do momento:

- + Conjuntura Nacional
- + Conjuntura Eclesial

Refletiu-se sobre: - A Instalação da Constituinte nos diversos Estados.

- O Novo Governo e suas implicações
- O "Pacto Social"
- Visita do novo Governo ao Papa.

Sobre todos esses pontos será montado um documento com as reflexões e as propostas mais detalhadas dos companheiros da Executiva e enviado às bases.

Com relação à questão específica da CONSTITUINTE, após longa discussão decidimos:

- 1 - Estimular que nossos companheiros entrem pra valer no debate sobre a constituinte, visando:
  - a) divulgar ao máximo O QUE É UMA CONSTITUINTE, UMA CONSTITUIÇÃO;
  - b) o que a CLASSE TRABALHADORA PODE E DEVE REIVINDICAR NUM PROCESSO DE CONVOCAÇÃO DE CONSTITUINTE;
  - c) discutir qual é a CONSTITUINTE DOS "SETORES LIBERAIS" e qual é a constituinte que a CLASSE TRABALHADORA PODE PROPOR;
  - d) conscientizar os trabalhadores da impossibilidade de se chegar a uma constituição que favoreça os setores "populares" quando a correlação de forças classistas pende nitidamente em favor dos setores burgueses.

2 - Enviar aos Estados material que possibilite e ajude esta discussão:

- Entre produzir um material próprio ou repassar outros materiais, decidimos optar pela não reprodução de esforços já realizados e entrar em contato com entidades que estão com a mesma preocupação: NESTE SENTIDO NO DIA SEGUINTE FOMOS DISCUTIR COM COMPANHEIROS DO IDAC, IBASE e CEDAC, sendo que procuraremos ainda D.Mauro Morelli e Grupos de São Paulo, na tentativa, quem sabe, de se produzir um material comum, de divulgação na base, de boa qualidade. Aguardem para muito breve novas informações.

## 2 - ENCONTROS REGIONAIS

Revimos as datas, as decisões da Assembléia sobre este encontro, como está o encaminhamento de cada Regional e também escolhemos membros da Executiva para acompanhar os regionais.

### Datas dos Regionais:

- Regional Leste (MG, ES e GO) - 24/02/85 - Belo Horizonte
- Regional Centro (RJ, SP e MS) - 03/03/85 - São Paulo - 5 participantes por Estado.
- Regional Sul (PR, SC e RS) - 2 e 3/03/85 - Lages-SC - 10 participantes por Estado.
- Regional Norte - 1, 2 e 3/03/85 - Fortaleza - Contatamos a Ana Angélica e soubemos que o encontro está sendo articulado.
- Regional Nordeste - 9 e 10/03/85 - Recife - Contatamos o Luis Tenderini e soubemos também que o encontro está bem encaminhado.

Escolhemos Waldemar Rossi, para acompanhar os Encontros dos Regionais Norte e Nordeste e também ajudar na assessoria. Ele viajará no dia 28/02, chegando à Fortaleza no dia 10/03; após o encontro irá para Natal dias 4 e 5; João Pessoa 6 e 7; Recife 8, 9 e 10.

### Proposta de Pauta para os Regionais

Como sugestão, apresentamos a seguinte pauta:

- 1 - A Pastoral Operária, a Ação Sindical e o Movimento Popular.
- 2 - Quais os problemas comuns das cidades grandes e das cidades de menor porte para a implantação da PO.
- 3 - O novo Governo e os desafios que se colocam.
- 4 - Planejamento de atividades envolvendo o maior número possível de pessoas.
- 5 - Desemprego - Nossa contribuição para organização dos desempregados a nível regional e nacional.
- 6 - Questão financeira das Comissões Estaduais da Região.
- 7 - Exigências de subsídios - O que é preciso produzir a nível Nacional
- 8 - Intercâmbio entre os Estados.

### 3 - COMISSÕES DE TRABALHO

A primeira reunião da Equipe de subsídios que estava marcada para os dias 5 e 6 de fevereiro, não se realizou, por diversos motivos dos companheiros que compõem a equipe. Como tentativa para a realização do encontro, marcamos para o dia 25 e 26/03/85, nova reunião com a equipe de subsídios.

Outras comissões ainda não foram montadas, o que tentaremos fazer até o final de março.

### 4 - CNBB

Como é do conhecimento dos Companheiros, no mês de abril de 9 a 19 será realizada a Assembléia anual da CNBB. Neste ano o tema da Assembléia será: LIBERDADE E LIBERTAÇÃO CRISTÃ; na mesma assembléia será lançado o tema LEIGOS E O TEMA JOVENS. É possível que diante da convocação do novo Sínodo de revisão do Vaticano II outros temas sejam incorporados. A executiva decidiu sugerir à CNBB que um dia da Assembléia seja dedicado à presença de LEIGOS, que deveriam discutir com os Bispos, como na prática, está sendo levada a questão das lutas pelo processo de libertação, à luz do Evangelho. Gilberto deverá levar esta proposta à próxima reunião da CNBB, no final de fevereiro.

8º PLANO BIENAL - A cada 2 anos, a CNBB estabelece o que se chama um Plano Bienal, com propostas de ação para cada uma das chamadas "linhas" da CNBB (setores como liturgia, catequese, ecumênico, ação social, missões, etc.)

A Pastoral Operária está inserida neste processo e deverá colaborar na composição deste plano. Decidimos, neste sentido, enviar à CNBB nossa programação para o ano de 1985 (com repetição dos pontos básicos em 86) e mais uma proposta de encontro conjunto entre nós, a CPT, ACO, JOC, ACR, para este ano de 1985.

### 5 - CONGRESSO EUCARÍSTICO

Será no dia 16 de julho em Aparecida - SP.

Faremos uma campanha através de circulares às bases, para que trabalhadores dos diversos estados formem comitivas e possam ir ao Congresso.

### 6 - ENCONTRO DE CASAIS ENGAJADOS NA PASTORAL OPERÁRIA

Será nos dias 13 e 14 de Julho, provavelmente o local será em São Paulo. Discutiremos melhor o assunto na próxima reunião da Executiva.

Esta iniciativa da Comissão Executiva tem o objetivo de abrir um intercâmbio e discussão sobre a questão da família operária engajada e as crises que hoje ela atravessa. É bom que os Companheiros procurem sentir a repercussão que uma iniciativa dessas teria em seu Estado.

## 7 - PUBLICAÇÕES

Fazendo uma avaliação de nossas publicações periódicas, (CPO-INFORMA e BOLETIM) concluímos que elas precisam passar por um processo de mudança, especialmente o Boletim.

A idéia básica, que deveria ser discutida pela Comissão Nacional e pelos estados seria a de lançarmos um jornal tabloide (tipo, por exemplo, o Jornal da CUT ou o JORNAL DOS TRABALHADORES SEM TERRA), alguma coisa enfim que conseguisse passar a mensagem, mais profissionalizada e que atraísse minimamente o público leitor, o que, efetivamente, não tem acontecido com nosso Boletim. Esperamos opiniões a respeito. Enquanto isso vamos continuando a publicar o CPO-Inforna e o Boletim, até concretizarmos as mudanças.

## 8 - RELATÓRIO DA ASSEMBLÉIA

A equipe de publicações periódicas, fez um resumo do relatório da Assembleia, no qual constará os Desafios, Prioridades e Atividades nos diversos campos de atuação da Pastoral Operária. Este relatório está sendo preparado e será enviado posteriormente a todos os Estados.

## 9 - REUNIÃO COMISSÃO NACIONAL

Será nos dias 23 e 24 de março - Casa de Oração - Nova Iguaçu.

Quanto ao critério de participação (nº por Regionais) e proposta de pauta enviaremos uma circular com todas essas informações.

## 10 - FINANÇAS

Foi relatado a situação atual da CPO Nacional e constatou-se que temos vivido de empréstimos; isto se deve aos atrasos dos financiamentos das entidades externas. A equipe de finanças elaborou 2 projetos, os quais serão assumidos por 4 entidades externas. Juntamente com estes projetos foram enviados um relatório completo da situação financeira atual, a nossa programação para 85 e também um histórico da Pastoral Operária.

## 11 - CONGRESSO DOS SEM TERRAS

Realizou-se nos dias 29, 30 e 31 de janeiro - Curitiba. Gilberto esteve presente representando a Pastoral Operária. Participaram do Congresso cerca de 1.500 pessoas, representando quase todos os Estados. Aguarde matéria a respeito no próximo Boletim Nacional.

## 12 - CAMPANHA DA FRATERNIDADE - ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

A CPO preparará um documento sobre o tema da Campanha, enfatizando a importância da participação da Pastoral Operária, o qual será enviado às comunidades de base, para que façam a divulgação e promovam a participação dos trabalhadores.

13 - INFORMES GERAIS

- A Comissão Justiça e Paz de São Paulo, está convocando várias entidades e pessoas do Estado, para um encontro no dia 11/02/85, a discutirem e tirarem algumas propostas de encaminhamento sobre a Constituinte.

- Dias 30 e 31/03/85 - Haverá Assembleia Estadual da Pastoral Operária de São Paulo.

- Dias 26, 27 e 28 de fevereiro haverá a reunião da Executiva da CNBB e Comissão Episcopal de Pastoral da qual Gilberto participará como representante da CPO, como acontece todos os meses.

14 - OUTRAS ATIVIDADES

- Enviamos carta de solidariedade aos companheiros de Franca-SP, trabalhadores das Indústrias de Calçados, e aos operários do Sind. de Condutores de veículos de Guaratinguetã.

- Carta de repúdio ao Governador Franco Montoro, por sua responsabilidade na agressão sofrida pelos trabalhadores de Franca.

- Carta de protesto veemente contra a intervenção nos Sindicatos de Franca e Guaratinguetã, ao Ministério do Trabalho.

- Carta de solidariedade ao Pe. José Bragheto, pela sua atuação e apoio aos trabalhadores.

- Carta de apoio e solidariedade a Dom Aloísio Lorscheider por sua oportuna manifestação a respeito das expectativas em torno do novo governo.

\*\*\*\*\*

P.O. C. Paz. Op.  
B 07

DOCUMENTO DE ANÁLISE Nº 1/85

COMPANHEIROS,

A Comissão Executiva nacional reunida no dia 4 de fevereiro, conforme relatório anexo, debateu, como primeiro ponto de pauta a conjuntura nacional, tentando analisar o quadro político econômico e a atuação da Igreja neste contexto.

Decidimos encaminhar este texto, síntese desta discussão para o conjunto da Pastoral Operária, com o objetivo de PROVOCAR UMA DISCUSSÃO desde a base.

Indispensável dizer que não tivemos aí a preocupação de fazer uma análise exaustiva e acabada. Levantamos alguns pontos, que passamos à apreciação dos companheiros, esperando que esse SEJA O INÍCIO DE UM PROCESSO DE CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E PRÁTICAS ENTRE NÓS.

Neste sentido, colocamos à disposição dos companheiros nosso Secretariado, no sentido de fazer circular pelos estados as idéias de todos: basta que nos enviem seu material, a gente multiplica e distribui. A democracia operária passa por aí. Vamos nessa?

As perguntas que nortearam nossa discussão foram basicamente as seguintes:

- O que significa para a classe trabalhadora o atual processo de transição política?
- Como podemos, enquanto pastoral operária, contribuir para que o conjunto da classe trabalhadora possa identificar seu papel nesse processo de "transição democrática"?
- A que vem a Constituinte? Os trabalhadores devem participar ativamente desse processo?
- A Igreja no Brasil, como será sua atuação diante do Novo Governo?
- O que significa para a Igreja latino-americana os últimos pronunciamentos do Papa sobre a Teologia da Libertação e suas atitudes durante a última visita à América Latina?
- Como ser fermento de esperança e libertação dentro desse processo?

Começando pela Igreja, percebemos que estamos diante de uma situação que apresenta um novo desafio: ATÉ AGORA, NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, POR FORÇA DO REGIME REPRESSIVO, A IGREJA ASSUMIU UM PAPEL DECISIVO NA DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS, SENDO, MUITAS VEZES, O ÚNICO ESPAÇO ONDE SE TORNOU POSSÍVEL UM PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO POPULAR.

Hoje a situação muda, na medida em que a Sociedade Civil vai recuperando seus espaços; a imprensa rompe a censura oficial, os setores populares avançam em sua organização.

E agora, o ponto decisivo: está claro que o Novo Governo tem interesse em eliminar os pontos de maior conflito que fazem com que hoje a Igreja continue numa posição firme e de contínua ação. Para citar apenas dois exemplos: Durante os governos militares a questão do Estatuto dos Estrangeiros e os constantes vetos para a entrada de missionários estrangeiros (ou expulsão de padres) foi causa de contínua disputa entre a Igreja e o Governo, no Ministério da Justiça; de outro lado a questão da terra, na medida em que tem provocado uma onda de violências, assassinatos, perseguições, prisões e que tem gerado um imenso contingente de desempregados-emigrantes, também tem requerido da Igreja contínuos pronunciamentos e gestões em relação ao Ministério de Assuntos Fundiários e do Interior (questão indígena).

É evidente que o Governo Tancredo Neves vai procurar eliminar estas e outras áreas de conflito mais agudo. Quanto à primeira, com muita facilidade, pois trata-se de orientação política. Quanto à segunda, o novo Governo já fala na aplicação do Estatuto da Terra (e frise-se não de

Reforma Agrária) que pode, sem resolver o problema fundamental, pelo menos ao nível da opinião pública, desarmar aqueles que se colocam numa postura de maior cobrança...

É bom, ainda nesta área, não menosprezar a inteligência política do Dr. Tancredo Neves. Não é à toa que ele tem procurado com alguma frequência a CNBB; não é à toa que a primeira escala de sua viagem foi o Vaticano e acima de tudo não é à toa que ele passou todo um dia (farta-mente divulgado pela imprensa) com Dom Lucas Moreira Neves, de todos conhecido como [redacted] de postura conservadora e que tem um importante papel na nomeação dos novos bispos para o Brasil...

Claro que para o Governo Tancredo Neves não interessará uma Conferência Episcopal e uma Igreja muito atuante, que esteja sempre firme na defesa dos explorados e denunciando eventuais (ou constantes) incoerências entre os compromissos de palanque (ou Colégio) e a prática governamental. Dom Aloísio Lorscheider fez, nesse sentido, importante pronunciamento no dia 3 de fevereiro. Vai ser preciso muita lucidez nesta questão!

De outro lado algumas atitudes da Igreja Oficial, de Roma, não deixam de preocupar. Independente de suas intenções, os pronunciamentos mais recentes do Papa e suas últimas viagens ao Continente latino-americano, parecem jogar muito mais água no moinho da visão conservador e colonialista do que numa visão de Igreja pós-conciliar e pós-Medellin e Puebla...

Quando João XXIII teve a feliz intuição de convocar o Concílio Vaticano II, ele pretendia propor um "repensar" da fé da Igreja num novo contexto cultural; pretendia remexer com toda a estrutura cristalizada, "empoeirada" pelo tempo...

Infelizmente, nós sabemos que poucos episcopados conseguiram "captar" esse espírito conciliar e passá-lo às suas respectivas Igrejas locais. A Igreja no Brasil, através da CNBB e certos segmentos minoritários da Igreja Latino-Americana parece que conseguiram iniciar uma caminhada segundo esse espírito. A linguagem "libertadora", depois sistematizada pela reflexão sobre a vida e a caminhada do povo numa chamada "Teologia da Libertação" nasce nessa situação.

Após o Vaticano II surge um novo clima de fé, de coragem para enfrentar a situação de crise vivida pelo mundo. É a Igreja no seu conjunto retomando suas origens, recuperando o que de mais essencial existe na proposta de Jesus, no Evangelho, e retomando, num certo sentido, as intuições pioneiras da Ação Católica...

O interessante desse processo no Brasil é que o setor assim chamado "mais avançado" (nós diríamos, que melhor captou o espírito conciliar) conseguiu ter uma lucidez suficiente para ao mesmo tempo empenhar-se no avanço para uma progressiva atitude consequente com os princípios evangélico e conciliares e ao mesmo tempo desenvolver um empenho pela manutenção da unidade da Igreja no País.

Hoje, a nível de Latino-Americano e mundial trava-se uma forte luta ideológica. Observamos que os setores - hoje muito influentes no Vaticano - que combatem a Igreja latino-americana são profundamente sectários, com uma postura ideológica nítida (apesar de o negarem, obviamente), que é decorrente de sua incapacidade de compreender o processo social e eclesial que se passa no meio deste povo. Sua postura, a despeito de boas intenções, acaba sendo de dominação e de favorecimento à manutenção do chamado "status-quo"...

A compreensão desse fenômeno passa pela compreensão da situação geral da Igreja: na Europa, a Igreja oficial, apesar do Concílio mudou muito pouco em sua estrutura interna e em sua ação Pastoral. Claro que isso tem a ver com a situação social, com o sistema sócio-econômico vigente, estagnado, empanturrado às custas da dominação colonialista, capitalista de centro...

Enquanto isso, a Igreja na América Latina, e particularmente no Brasil, cria uma nova reflexão pastoral, fundamentada numa ação profética transformadora, provocada pela própria dinâmica social de luta dos povos deste continente. Abre-se aos sinais dos tempos, deixa-se questionar em sua estrutura, amplia a participação das massas; essa participação popular traz novos questionamentos e segue-se um processo dialético de avanço que não tem retorno...

Diante disso o choque entre os "dois modelos" de Igreja seria inevitável, porque correlato ao próprio choque que se trava hoje entre o assim chamado "primeiro" e o "terceiro" mundo... e por isso mesmo, um choque marcado de profundo sentido ideológico...

De nossa parte, que somos Igreja e que estamos na Igreja não por mero oportunismo político, mas pela vinculação da Fé em Jesus e na Comunidade Eclesial, é extremamente importante termos a serenidade de quem, em sua consciência, sabe que procura ser fiel a Deus e ao Povo, no meio do qual o Senhor está. Combinar a firmeza dos princípios, a defesa intransigente dos direitos da Classe trabalhadora e oprimida com uma capacidade de diálogo honesto, parece ser muito importante neste momento em que vivemos...

Na área política deu o "bicho" "cantado" desde 1982, quando o Dr. TANCREDO DE ALMEIDA NEVES (e as forças que ele representa) sai candidato ao Governo de Minas tendo como objetivo final o Palácio do Planalto...

Hoje ninguém parece duvidar de que Tancredo (e tudo o que ele simboliza) foi a melhor solução que o Regime encontrou para operar uma transição liberal-burguesa, de aparência democrática, sem "traumatismos", ou seja, sem que fossem tocadas as feridas abertas pelo Regime de 20 anos de desgoverno... (esquecimento da corrupção, da repressão, dos desmandos passados em nome de um não ao "revanchismo"..)

Tancredo é figura ímpar na mais recente história política deste país. Hoje não se pode duvidar de que ele conquistou a simpatia de grande parcela do povo brasileiro (e mesmo de grande parte da classe trabalhadora), sendo o depositário de uma esperança muito grande. Esperança típica de quem até por absoluta necessidade ou tem esperança ou morre. Esperança propositalmente alimentada pelo grupo que sustenta o Novo Governo, pelos Meios de comunicação (Rede Globo à frente) que passa a ter "importante influência" sobre o ministério das comunicações através desta incrível figura chamada Antonio Carlos Magalhães (os baianos que o digam!), pelo empresário nacional e multinacional, pelos banqueiros, enfim, por todos aqueles que, inteligentemente, entregam alguns anéis para não perder os dedos e porque amanhã receberão braceletes...

De comportamento tradicionalmente liberal (é bom lembrar que na primeira "eleição indireta" pós 64, quando da "eleição" de Castelo Branco, Tancredo, então parlamentar do PSD foi o único parlamentar deste partido a negar seu voto ao novo Presidente...) Tancredo parece estar acima da média dos políticos brasileiros desta geração. Inspira confiança; tem personalidade forte, não é de confiar em qualquer um (dizem que leva consigo as chaves de suas três residências (Minas, Rio e Brasília) e tem uma extrema habilidade política (tanto que, pouco a pouco, "chegou lá!"; sinal dessa habilidade é o próprio episódio dos ministérios: sai de viagem, deixa que sejam soltos diversos balões de ensaio, o pão quebra e ele fica observando, fazendo suas análises entre mortos, feridos e sobreviventes...)

Nada disso, nada dessas qualidades pessoais do Presidente pode desviar nossa atenção de algumas coisas absolutamente objetivas: Tancredo não foi eleito em eleições diretas. Seu mandato não lhe foi outorgado pelo povo, mas por um Colégio Eleitoral de cuja composição todos sabemos. Sua base de sustentação não são as forças populares (pelo menos por enquanto...) mas os setores com quem ele teve que fazer alianças para chegar onde chegou. Ponto final. O resto é decorrência... Claro que há um espaço de manobra para o estilo e a boa vontade do Presidente. Mas o essencial é esse conjunto de forças que ao apoiar Tancredo conquistou fatias de poder!

E o que precisa ficar claro é que, se Tancredo aceitou esse jogo é porque acreditava que essa seria a melhor saída para o atual momento, dentro de sua visão liberal, muito própria do sistema capitalista.

Se "política é a arte de engolir sapos" (como dizia alguém para justificar os "acordos" que levaram Tancredo a aceitar, por exemplo, ter um vice-presidente como José Sarney) a verdade é que Tancredo engoliu foi um brejo inteiro (Aureliano, Armando Falcão, Antonio Carlos Magalhães, Nei Braga, Roberto Magalhães, Hugo Napoleão, Luís "Totô" Gonzaga, Francélio (que país é este?), Pereira, etc.); E agora, na formação do ministério

está ouvindo esse chiado todo do "brejo" em polvorosa... (o que, diga-se de passagem, é muito natural... ou será que poderíamos imaginar que esse povo todo de repente havia se convertido à "causa popular"...?)

E justamente agora a preocupação é com o peso excessivo que os VELHOS senhores, caciques e coronéis terão na chamada NOVA república... Até porque a história tem ensinado que muitas vezes É PRECISO MUDAR PARA QUE TUDO PERMANEÇA COMO ESTÁ ...

Pelos indícios até aqui acolhidos e apesar de alguns pronunciamentos interessantes do futuro presidente, a CLASSE TRABALHADORA não pode cultivar grandes ilusões:

- Na questão da terra fala-se em aplicar o Estatuto da Terra... no Nordeste; mas o grito da Classe Trabalhadora é outro, é por REFORMA AGRÁRIA JÁ, sob o controle dos próprios trabalhadores...

- Na questão operária a grande palavra mágica do momento é o PACTO SOCIAL anunciado por Tancredo e reforçado em sua viagem ao exterior. A grande questão que precisa se colocar (sem se rejeitar pura e simplesmente a proposta,) é que pacto é esse em que bases é proposto à Classe Trabalhadora. Historicamente, os trabalhadores brasileiros foram constantemente utilizados como "bucha de canhão" em circunstâncias como essa. Por isso, a desconfiança é geral. E afinal de contas, é bom sempre ter presente que o sistema vigente na Nova República continua ser o regime de exploração capitalista e todos nós sabemos o que são relações de trabalho neste contexto...

Nossa dívida externa... fala-se em não penalizar a população para o pagamento da dívida; mas ao mesmo tempo renovam-se as juras de fidelidade a esse Fundo que tem afundado esta Nação. Como vai ser?

- A questão do super-lucro dos Bancos e todo o desvio de nossa política financeira e monetária. Que mudanças é possível esperar-se os banqueiros são um dos suportes decisivos para o estabelecimento deste Governo?

Finalmente é importante a discussão em torno da:

ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE: desde sua campanha Tancredo Neves fala na convocação de uma Assembléia Constituinte (descartou a questão de um Congresso Constituinte), Tancredo diz que o projeto de uma nova Constituição (que ele já encomendou a seus assessores) deverá ser submetido a um "amplo" debate popular, para que o povo possa "amar sua Constituição e assim respeitá-la" (discurso no Recife).

Os setores Burgueses jogam a Constituinte como panacéia (remédio de todos os males), em cima da qual serão jogados todos os problemas não resolvidos até 86; além disso, para a classe dominante uma nova Constituição será ocasião para, de forma possivelmente mais liberal, confirmar-se os mecanismos que regem o regime de exploração de uma minoria sobre a imensa maioria.

A questão da Constituinte pode ainda tornar-se uma espécie de "distracção", para que a nação, ao entrar num debate "especialista" sobre a Constituição esqueça seus problemas fundamentais...

E PARA NÓS TRABALHADORES, o que pode ser um processo de convocação de uma ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE?

A CONSTITUINTE pode ser uma das QUESTÕES CENTRAIS desse momento, desde que nós a enxerguemos justamente como um omento de AMPLA DISCUSSÃO DE TUDO, DOS PRÓPRIOS FUNDAMENTOS QUE REGEM ESTA NAÇÃO; desde que nos disponhamos, grupo a grupo, base a base, a discutir com seriedade justamente o que "eles" não querem que a gente discuta: O QUE É UMA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE, O QUE É UMA CONSTITUIÇÃO, QUAL SEU ALCANCE, SEU PODER, PARA QUE ELA SERVE, EM QUE ELA INTERFERE EM NOSSA VIDA, EM NOSSO SALÁRIO, NO PREÇO DO FEIJÃO, NO CONSERTO DA RUA, NO DIREITO À MORADIA, AO TRANSPORTE, NO DIREITO À LIVRE ORGANIZAÇÃO DENTRO DOS LOCAIS DE TRABALHO, NO DIREITO A UM SINDICALISMO LIVRE, AO ENSINO GRATUITO PARA NOSSOS FILHOS, e por aí fora...

A CAMPANHA PELA CONSTITUINTE É UMA OCASIÃO ÓTIMA de levantarmos uma análise dessa sociedade que está aí... quem está mamando e que está tendo seu couro arrancado... quem está por cima e quem está por baixo sendo esfolado; esse negócio de classe dominante e classe oprimida; essa coisa de os meios de comunicação só passarem, em geral, o que interessa aos grandes; esse negócio de a escola fazer a cabeça de nossos filhos conforme esse sistema, etc...

Pode-se assim, deslanchar-se uma grande campanha Nacional, uma espécie de BALANÇO NACIONAL. Nesse sentido é útil reler o documento da CNBB sobre a Constituinte.

Vale salientar ainda que o momento de uma Campanha pela Constituinte poderá ser o momento em que a classe trabalhadora vá formulando e apresentando à nação, na medida do possível, seu projeto alternativo, de sociedade! Prã que isso?

Por uma razão bastante simples: Não se tem ilusões quanto ao caráter que terá a nova Constituição Brasileira. Todos sabemos que dentro da atual correlação de forças, a Constituição vai refletir a dominação de uma classe sobre outra. Será no máximo de caráter "liberal". Claro que os grandes grupos econômicos, o capital multinacional, os grandes conglomerados vão jogar pesado, fazer eleger seus "representantes" e dispor de grande poder de fogo.

No entanto, na medida em que você faz uma ampla discussão nos termos que propúnhamos acima, e que você apresenta um projeto alternativo, vai ser possível desencadear um grande processo de conscientização, de "desvendar horizontes" cujas consequências a longo prazo serão, sem dúvida, muito importante para a classe trabalhadora.

É por perceber a importância desta questão e ter consciência de que, enquanto cristãos, é fundamental que sejamos "fermento" nesse processo, levando dentro dele a semente evangélica, que estamos propondo uma decidida participação dos Companheiros da Pastoral Operária nesse processo da Constituinte: sem vender ilusões, mas tendo a percepção do sentido desse tempo...

Nestes termos, conforme consta já do relatório geral de nossa reunião, estamos propondo:

- Que nos grupos de base, grupos diocesanos, comissões estaduais e a nível nacional se abra o debate sobre a Constituinte (ressaltando aqueles aspectos acima abordados...)
- que nossos militantes levem essa discussão prã seus locais de trabalho, de moradia, para as comunidades, escolas; que participem com decisão das discussões nos sindicatos, nos partidos políticos e outras instâncias.
- que demos força à campanha pela constituinte nos municípios nos moldes propostos por Dom Mauro Morelli em Campanha lançada em Duque de Caxias no dia 26 de janeiro.

Para facilitar e até possibilitar este debate, a Comissão Executiva Nacional vai entrar em contato com algumas entidades (IDAC, IBASE, CEDAC, OAB, JUSTIÇA E PAZ de São Paulo e outras entidades) visando a edição de um material que sirva de provocação ao debate, ajudando a clarear questões como por exemplo: O que é uma constituição; o que é uma Assembleia constituinte? Como se faz para chegar até uma constituinte e outras questões como as que já levantamos neste texto.

Em breve deveremos passar novas informações a respeito.

Para concluir, é bom lembrar que a CNBB tem insistido na participação política do "laicato"... a questão está posta: como ser fermento do evangelho nesse momento, participando ativamente do processo político, sem tender a formar um "gueto eclesiástico", e sem, ao mesmo tempo perder ou "esconder" a identidade cristã?

C. Pao. Gpc.  
A. 08

INTRODUÇÃO:

Dia 6 de dezembro de 1980, no Centro de Formação de Líderes da Diocese de Nova Iguaçu, se reuniram 50 (cinquenta) dirigentes e ativistas sindicais e representantes de Movimento de Bairro do Grande Rio, para um dia de estudo sobre os documentos de Monlevade e São Bernardo.

Este dia foi organizado pelos participantes do Rio no Encontro de São Bernardo.

Foram convidados sindicatos, grupos de ativistas sindicais , entidades que reúnem associações de bairros, pastorais, etc.

Como a convocatória deste encontro destacava, a reunião não foi articulação formal, partidária ou não, mas um debate entre entidades e companheiros que se colocam a serviço dos interesses populares.

## PROGRAMA DO DIA:

- 1) Histórico dos documentos
- 2) Exposição de um companheiro economista
- 3) Trabalhos em grupo
- 4) Conclusões e avaliação

### 1 - HISTÓRICO DOS DOCUMENTOS:

Em 9/2/80 reuniram-se a convite do sindicato metalúrgico de Monlevade cerca de trinta companheiros sindicalistas e ativistas de movimentos populares, para trocar experiências e debater sobre os melhores caminhos a seguir. Destes debates foi tirada uma resolução que passou a ser conhecida como "Documento de Monlevade", por causa do local onde se realizou o encontro.

Neste documento depois de uma cópia análise da conjuntura e da situação sindical se tentou traçar um plano de ação e metas para o movimento sindical.

Dando prosseguimento a este primeiro encontro, se realizou um segundo nos dias 4,5 e 6 de julho de 1980, sob o patrocínio do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Devido à intervenção neste sindicato o Encontro realizou-se em Taboão da Serra. Deste 2º Encontro saiu o "documento de São Bernardo" assinado por mais de cinquenta companheiros do movimento sindical e popular.

Neste documento se destacou os seguintes assuntos:

- . Relação sindical cidade-campo;
- . Formas de colaboração e união do movimento sindical e outros movimentos populares;
- . Relação entre partido político e movimento popular;
- . Rumos prioritários do sindicalismo na cidade e no campo frente à conjuntura atual.

### EXPOSIÇÃO DO ECONOMISTA:

A política do grande capital baseia-se, exclusivamente, no lucro. E esta política assumiu, após 1964, características particulares capazes de assegurar, com maior eficiência, a acumulação crescente de capital e o aumento crescente da taxa de lucro.

Este modelo econômico foi montado para servir aos interesses das grandes empresas (nacionais, estatais e multinacionais) e dos grandes proprietários de terras e é sustentado pelo regime militar que subiu ao poder através do golpe de 1964.

O modelo adotado pelo grande capital, portanto, vai contra os interesses dos trabalhadores, aos quais interessa um modelo alternativo e está montado sobre as políticas de poupança, investimento e acumulação.

A) A POLÍTICA DO GRANDE CAPITAL1) POLÍTICA DE POUPANÇA

Até 1963, a poupança era, basicamente, realizada de forma voluntária, isto é, se baseava no mercado de ações (Bolsa de Valores). A partir de 1964, além da poupança voluntária, se implanta uma política de poupança forçada (compulsória) através de:

- PIS/PASEP: recolhimento de 0,5% anuais do montante das folhas de pagamento, aplicados pela Caixa Econômica Federal em projetos grandiosos, (Ponte Rio-Niterói). É importante observar que estes recursos jamais foram investidos no campo social, (melhoria do atendimento médico, da educação, etc.);
- FGTS: recolhimento de 8% mensais do montante de salários dos trabalhadores, que serão aplicados pelo BNH da seguinte forma: 30% no que eles chamam de "casas populares" (na verdade ou moradia cara demais para o povo ou conjuntos habitacionais em condições sub-humanas e sem saneamento básico para as populações faveladas) e, 70% na Indústria de Construção Civil e Fornecedores de Materiais para esta indústria, com o intuito de aumentar ainda mais os lucros dos empresários deste setor.
- ARROCHO SALARIAL: esta foi a primeira medida adotada pelo golpe de 1964. Ela se baseia na repressão sindical - intervenção nos sindicatos, atrelamento destes ao Ministério do Trabalho, manutenção do peleguismo nos sindicatos, uso da força repressiva e da legislação sindical fascista contra as greves, etc. -, no êxodo rural causado pela crescente expropriação dos pequenos camponeses e posseiros e na consequente formação de um exército industrial de reserva, isto é, de uma camada crescente de desempregados, o que facilita o achatamento dos salários. Este achatamento pode ser comprovado nos dados do Censo:

PARTE DOS SALÁRIOS NO VALOR  
DO PRODUTO INDUSTRIAL.

1966	-	12,2%
1970	-	10,7%
1973	-	10,0%
1974	-	8,7%

Finalmente, a política de poupança também baseia-se nas CADERNETAS DE POUPANÇA, de caráter voluntário.

2) POLÍTICA DE INVESTIMENTO

A política de investimento orienta-se, unicamente, para o favorecimento da grande indústria nacional, estatal e multinacional. Com relação ao mercado mundial, a nossa dívida externa atinge 60 bilhões'

de dólares, (com juros e amortização no valor de 14,5 bilhões de dólares no ano de 1980).

Portanto, não há investimento no campo social (hospitais, educação, saneamento básico, transportes, etc). Não é para menos, já que ' para os grandes patrões esta política de investimentos e a exploração' da barata mão-de-obra do trabalhador brasileiro dão-lhes a seguinte taxa de lucros: Taxa de lucro mundial: 4%

Taxa de lucro no Brasil 28%

### 3) POLÍTICA DE ACUMULAÇÃO

A política de acumulação se baseia na:

- Concentração do capital em grandes grupos na Agricultura, na área financeira (bancos), no Comércio (Sendas, Casas da Banha, etc.) e na Indústria (Grupo Gerdau, etc.). Há um monopólio crescente nas mãos de poucos empresários;

- Centralização de Capital, com a formação de conglomerados, ou seja, de grupos de produção diversificada. Ex.: Bradesco (banco, indústria, agricultura), Volks (banco, indústria, agricultura) Coca-Cola (hotéis, comércio, etc.).

### B) POLÍTICA ECONÔMICA DO PONTO DE VISTA DOS TRABALHADORES

Ao contrário da política econômica do grande capital, os trabalhadores têm a sua política econômica alternativa baseada não no lucro mas no interesse social e na satisfação das necessidades das massas populares. A política econômica dos trabalhadores baseia-se na produção, distribuição e consumo.

#### 1) PRODUÇÃO

Para os trabalhadores, os que produzem todas as riquezas da nação, é necessário que a produção esteja sob seu controle e planejamento.

Hoje, os trabalhadores dão os primeiros passos para o controle de produção e já criam as primeiras formas de organização capazes de levar a cabo esta tarefa (CIPAS), comissões de fábrica, comissões paritárias, e etc.) Entretanto, além do controle de produção, o planejamento da economia deve estar sob as mãos dos trabalhadores, afim de que ela saia da anarquia e esteja voltada não para o lucro mas para a satisfação das necessidades populares.

#### 2) DISTRIBUIÇÃO

Da mesma forma que a produção, aos trabalhadores também interessa o controle e planejamento da distribuição dos bens de consumo segundo os interesses das massas populares. Assim, os trabalhadores já criam formas de organização que poderão servir-lhes nesta tarefa: cooperativas populares, grupos comunitários de compra, sindicatos, associações de bairro, comunidades de base, grupos de mães, etc.

### 3) CONSUMO

Por fim, o próprio consumo deve ser orientação pelos próprios trabalhadores, ou seja, dar prioridade aos bens que atendam aos interesses populares e à satisfação das necessidades básicas da população, como o aumento e melhoria de creches, hospitais, ambulatórios, escolas, infra-estrutura urbana e rural (esgoto, água, transportes, luz, etc).

#### ENCAMINHAMENTO DAS DISCUSSÕES EM GRUPOS.

A) A primeira reunião de grupos debateu sobre os problemas que os bairros populares enfrentam, destacando-se os mais importantes, tendo como preocupação fundamental a descoberta de respostas dadas pelos trabalhadores à política sócio-econômica governamental.

Se por um lado existe uma falta de consciência mais geral da realidade, pouca politização dos movimentos, por outro os investimentos existentes visam controlar o grau de participação dos moradores, através de repressão (institucional e clandestina), de programas assistencialistas (ex. CSU), de influência dos partidos da classe dominante (ex. PP e PDS), de cooptação de lideranças, de forma a impedir que os movimentos venham determinar e fiscalizar o tipo de aplicação dos recursos financeiros determinados às obras de caráter social.

#### COMO PRINCIPAIS PROBLEMAS FORAM RELACIONADOS:

a) grau de consciência dos moradores/trabalhadores - imobilismo, individualismo, apatia, visão setorial dos problemas;

b) problemas típicos dos bairros/favelas - posse da terra, falta de saneamento básico, falta de escolas, deficiência de habitação, pouca atenção à saúde, precariedade do sistema de transportes, falta de creches etc.;

c) problemas gerais - desemprego, alto do custo de vida, violência (assaltos, assassinatos, prisões etc.), falta de unificação das lutas e arrocho salarial, na área sindical - atual estrutura atrelada dos sindicatos, direções pelegas e aparelhistas (da mesma forma nas associações de bairros/favelas), isolamento da base e lutas localizadas.

Estes problemas são enfrentados pelos movimentos de bairros/favelas com idas de moradores à administração regional e prefeituras, com o apoio a outros movimentos (ex. o dos professores), nas manifestações públicas, com a realização de diversas atividades (ex. culturais) etc., enquanto na área sindical a conquista de vários sindicatos, o intercâmbio entre categorias/sindicatos e cidade/campo, as lutas pela autonomia e independência, a reivindicação de estabilidade e a tentativa de criação da CUT.

B) A SEGUNDA REUNIÃO DE GRUPOS DEBATEU SOBRE O "FORTALECIMENTO DAS ENTIDADES" E "COMO APROXIMÁ-LAS?".

O fortalecimento das entidades ter por princípio a questão de democracia com a derrota do autoritarismo, com a garantia da autonomia e independência das entidades frente a partidos e Governo, tornando-as representativas e politizadas; pelo trabalho de base, através de comissões de fábrica; campanha de sindicalização, descentralização da diretoria/entidade (comissão de áreas, conselho de representantes, departamentos etc.); combinação de campanhas reivindicatórias com outras atividades (ex. culturais); encaminhamento das reivindicações básicas; ter a perspectiva de ter a frente das entidades diretorias combativas; e, estas atentas à nova prática de peleguismo na área sindical e nas associações.

Quanto à aproximação entre as entidades do movimento popular foi considerado ser recente o encaminhamento dessa questão. É preciso: levar os documentos de Monlevade e São Bernardo para discussão nas bases; multiplicar os encontros entre categorias, bairros, categorias e bairros; - procurar fortalecer o apoio recíproco entre sindicatos e associações (atualmente pelo uso de instalações, pela divulgação nos jornais dos assuntos do movimento popular, pela realização de encontro e de atividades comuns); - mantendo a autonomia e independência, procurar o apoio de outras entidades, tais como partidos, pastorias e instituições culturais; realizar outros encontros como este, mais abrangentes e melhor divulgados. Dessa forma, no encaminhamento destas propostas é que surgirão as bandeiras unitárias do conjunto do Movimento Popular.

# DOCUMENTO DE MONLEVADÉ

## PROPOSIÇÕES PARA O FORTALECIMENTO DA ATUAÇÃO SINDICAL

### I - INTRODUÇÃO

#### 1. A Natureza do Encontro de João Monlevade

Esta reunião se fez com a convocação de alguns dirigentes sindicais, não todos. Os que foram chamados aqui, a convite do Sindicato dos Metalúrgicos desta cidade, reuniram-se não pela identificação com determinadas correntes ou partidos políticos; o critério que presidiu a seleção dos convidados foi congregar dirigentes sindicais que tivessem, em comum, a preocupação de definir caminhos para a atuação sindical e a consciência de que o exercício do mandato sindical envolve o compromisso de se colocar a serviço da categoria. Outrossim, participaram como convidados pessoas vinculadas à luta da classe trabalhadora, através e movimentos como a Pastoral Operária e atividades comunitárias de base.

O que se pretendeu nesse encontro não foi uma réplica ou censura a encontros anteriores: ele teve tão somente uma intenção positiva - resultar em identificação de estratégias, metas e princípios consensualmente aceitos, para alterar qualitativamente as formas de atuação sindical, tendo em vista seu revigoramento, buscando a adesão de outros setores atuantes no campo e na cidade.

#### 2. O Modelo Econômico e suas Formas de Sustentação

Todo um projeto de dominação se implantou meticulosamente no país a partir de 1964, em função dos interesses da empresa multinacional, garantidos através de: arrocho salarial, barateamento da mão-de-obra pela extinção da estabilidade, obstrução dos instrumentos de luta de classe, repressão permanente, inclusive dentro das fábricas e na zona rural, liberalização da remessa de lucros, criação do FGTS. Para o controle dos Sindicatos não foi necessário o apelo a nenhum jurista de plantão; a legislação sindical que já existia e continua em vigor até hoje, dava ao governo os instrumentos necessários. Buscou-se criar, finalmente, uma sociedade de consumo para os bens e serviços sofisticados -

que nada tinham a ver com as reais necessidades do povo - a fim de permitir o desenvolvimento das multinacionais.

Ora, a criação deste mercado, com capacidade de consumo ajustada à produção industrial em escala, num país basicamente pobre, só era viável a partir da concentração da renda nacional numa pequena faixa da população, com o violento empobrecimento de uma faixa mais larga.

O repressivo achatamento salarial não foi, pois, consequência de algumas faltas na implantação do modelo econômico; pelo contrário, foi um dado previamente avaliado e calculado, com que se jogou para construí-lo.

Essa pequena faixa da classe média alta, mais a burguesia empresarial nacional, para quem se reservou parcela do bolo das multinacionais, passaram a constituir, então, a sustentação política do regime. Precisava ele, porém, para manter-se, de reprimir os anseios da larga faixa da população programaticamente excluída do bolo. A coesão das forças armadas em torno do regime passou a ser assim, essencial à sua sustentação; a heterogeneidade das camadas sociais de que provinham os oficiais, entretanto, poderia ser um dado de desajustamento... com o modelo. Em função pois, do segmento armado da Nação, foi necessário buscar um suporte ideológico para o regime, o qual resultou numa doutrina de Segurança Nacional. Ao lado disso, - e não deve ser surpresa para ninguém, - grande parte da intelectualidade brasileira, desvinculada da prática social das classes populares, foi facilmente cooptada pelo regime.

De sorte que, com tal nível de sustentação e apoio, o modelo implantado é dificilmente alterável pelas vias a seguir analisadas:

- a) por via de transação política - Pelo livre jogo das forças políticas geradas pela burguesia, jamais se conseguirá alterá-lo. Primeiro porque, dentro de uma colocação previamente definida, admite-se oposição ao Governo mas não ao regime; - e o modelo, em função da ideologia dominante, é inerente ao regime. Assim, admite-se na cena política a presença de partidos de oposição, e setores mais liberais chegam a admitir até mesmo que um partido de oposição conquiste o governo - desde que seja oposição "confiável"; - isto é, que não altere o regime.

b) por via de um vanguardismo político desvinculado das bases populares e arvorado em direção dos trabalhadores ou de um espontaneísmo que considerasse a fome do povo e agitação estranha à classe, fatores determinantes na conquista de um novo regime social cujo poder esteja efetivamente nas mãos dos trabalhadores do campo e da cidade.

Não se pode aceitar o poder político como um monopólio da classe dominante. O que se quer, em última instância, é construir uma sociedade dirigida pelos trabalhadores, e voltada para as aspirações de justiça das classes populares. Entretanto, o momento atual exige que este objetivo seja buscado através de lutas programadas e de campanhas que levem o trabalhador a conquistar sua liberdade, seus direitos e sua esfera de participação na vida política do País.

Na verdade, a mobilização da classe trabalhadora é a única força política capaz de, efetivamente, estabelecer condições de oposição ao próprio regime. Essa mobilização política exige ações táticas e estratégicas que, dentro de determinada conjuntura, não descartam inclusive a atuação na esfera parlamentar, embora se reconheça que, para os trabalhadores da cidade e do campo, ela não é determinante na mudança social.

O movimento sindical detém considerável potencial de organização e mobilização social, capaz de opor-se ao aparato de segurança do poder, em condições de ameaçar a estabilidade de seus detentores e levá-los a dobrarem-se frente às exigências dos trabalhadores do campo e da cidade.

#### . Análise da atuação sindical

Há indiscutíveis elementos inibidores da atuação sindical - interno e externos. Internamente, ela é inibida pelo fato inquestionável de que a maioria dos sindicatos está nas mãos de dirigentes acomodados, pelegos sem quaisquer vínculos com a categoria. Externamente, inibe-a a legislação repressiva que estreita a margem de atuação dos sindicatos, na medida em que a atuação dos trabalhadores está sob a permanente ameaça da "cassação branca" e de perseguições e represálias patronais de toda ordem.

A atuação sindical é dificultada também, pela atitude por vezes irracional de intolerância e sectarismo de certos setores ligados ao movimento sindical.

É inegável no entanto, para a luta dos trabalhadores, a contribuição da oposição sindical quando esta tem origem nas bases das categorias e considere o sindicato o legítimo órgão de representatividade da classe. É indispensável, portanto, a democratização da estrutura interna e a participação da categoria no sindicato, de modo a torná-lo um órgão a serviço de suas bases, evitando atitudes que neguem a sua legitimidade como órgão de representação da categoria.

O quadro é até aqui pessimista - a conclusão deve igualmente ser negativa? Não. E não porque a realidade mostra exemplos de recentes movimentos populares vitoriosos. O que prova que, mesmo na situação atual, mesmo nos estreitos limites da "legalidade formal" vigente, a atuação sindical vem conquistando maior espaço de liberdade popular e forçando, na prática, a "abertura". Ao invés de, creditar os êxitos somente ao magnetismo de lideranças e de debitar os malogros à legislação e ao regime repressivos, será mais construtivo procurar também, na observância ou não a certos princípios e estratégias de atuação a causa das nossas vitórias ou derrotas, bem como em outros fatores conjunturais e na avaliação correta da realidade.

Partindo, pois, destas convicções: 1) há espaços para a atuação sindical e condições de ampliá-los; 2) a atuação sindical pode obter algumas alterações no modelo econômico de concentração de renda - alinham-se seguir, ordenadamente, os princípios, as metas e as estratégias sugeridas para a atuação sindical.

Propõe-se aqui, um modesto e programático PLANO DE AÇÃO.

#### PROGRAMA DE AÇÃO

##### . Princípios Norteadores da Ação Sindical

- a) buscar a unidade do sindicato mediante o convívio democrático com as oposições.

- b) agir sempre em função das necessidades e da vontade das bases e conscientizá-las com relação a seus problemas.
- c) jamais vincular o sindicato a partido político, pois choca-se com os princípios da liberdade, da autonomia e da unidade sindicais a sua subordinação a um partido.
- d) ampliar e aperfeiçoar, de modo permanente, os laços intersindicais, para dar unidade a reivindicações básicas, visando a criação de organismos que promovam a integração dos trabalhadores da cidade e do campo a nível regional e nacional.
- e) democratizar a estrutura interna e a participação da categoria no sindicato, de modo a torná-lo um órgão a serviço de suas bases, estimulando o surgimento e novas lideranças.
- f) sempre que se lançar em campanhas por vantagens imediatas, buscar incluir reivindicações políticas de caráter duradouro.
- g) incentivar a articulação entre as lutas do movimento sindical com as lutas do movimento popular (bairro, terra, etc...), na cidade e no campo.

#### . Metas

- a) arquivamento do anteprojeto da CLT elaborado pelo Governo.
- b) fim da CLT e elaboração de um Código de Trabalho que preveja:
- b.1. Contrato Coletivo de Trabalho em substituição ao Contrato Individual de Trabalho.
- b.2. Liberdade e autonomia sindicais de acordo com a Convenção 87 da CLT, <sup>1946</sup> preservado o princípio da unidade sindical.
- b.3. Estabilidade no emprego, a partir do contrato de trabalho.
- c) derrogação da legislação reguladora da greve e emenda constitucional que permita seu pleno exercício, sem lei ordinária que a regula.

Obtidas as alterações acima, implanta-se a filo-

sofia de que, no campo trabalhista, a negociação direta será a fonte primeira das normas reguladoras do trabalho, excluindo-se a presença do Estado, através do Executivo nas relações Capital X Trabalho.

- d) participação efetiva nas empresas com a eleição de representação por trabalhadores, visando se ter acesso, analisar e discutir todas as medidas empresariais, criando formas de controle das condições de trabalho, das dispensas, da disciplina e de todos os assuntos que lhes interessa diretamente.
- e) participação nos lucros da empresa segundo critérios a serem estabelecidos na Convenção Coletiva de Trabalho.
- f) busca de um organismo nacional de coordenação das atividades sindicais, criado a partir das bases, o qual representará os sindicatos em seu relacionamento com organismos internacionais.
- g) extensão do voto direto a todas as instâncias da representação sindical, com direitos iguais das partes concorrentes no processo eleitoral.

### 3. Estratégias

Os sindicatos que julgarem conveniente a identificação com os princípios e metas aqui apresentadas, buscarão desenvolver de imediato:

- a) permanente trabalho de mobilização e conscientização das bases, mesmo quando não esteja prevista qualquer campanha.
- b) observação minuciosa entre os membros da categoria, detectando possíveis vocações para liderança, no sentido de estimulá-las e treiná-las, a fim de renovar e ampliar as lideranças sindicais. Seria recomendável que os sindicatos instituíssem, em caráter permanente, treinamento de lideranças sindicais.
- c) idêntico trabalho de observação junto a grupos de sindicatos não identificados com esses propósitos, a fim de, localizadas lideranças afinadas com esses objetivos, assessorá-las na luta pela conquista do seu sindicato, com o conseqüente afastamento de direções pelegas.
- d) no momento oportuno - depois que avaliações objetivas tí

verem concluído pela viabilidade prática - decretar a greve de solidariedade, sempre de duração simbólica (um dia, uma hora), tendo em vista a defesa dos interesses dos trabalhadores.

- e) organizar diversas formas de luta, no sentido de se obter ampliação dos direitos do trabalhador da cidade e do campo, inclusive pressionando o Poder Legislativo.
- f) institucionalizar mecanismos de consulta, de troca de experiências, de análise e de planejamento da atuação sindical, na forma de seminário, congresso ou encontro de realização periódica e pré-fixada (trimestral, semestral ou anual), o qual seria o embrião de uma futura organização intersindical, que, portanto, começaria a funcionar, na prática, a partir das bases, antes de existir formalmente.
- g) criar mecanismos que possibilitem a formação do Fundo de Greve e de recursos necessários às lutas da categoria, sem interferência do controle do Estado.
- h) buscar e apoiar assessorias qualificadas que, a exemplo do DIEESE e a serviço do sindicato, ajudem a classe em suas lutas e metas, especialmente por ocasião das negociações coletivas.

#### FINALIZANDO:

Os participantes do Encontro de João Monlevade, dirigentes sindicais, líderes operários e militantes do movimento popular - comprometem-se a encaminhar essas proposições às bases, a fim de que sejam discutidas. Todavia, reconhecem nessas proposições, pontos fundamentais que asseguram a sua unidade de ação na atual conjuntura e norteiam os seus passos futuros na luta. Propõem-se, desde já, multiplicar os encontros como este, a fim de articular o movimento popular engajado na busca da libertação integral do povo brasileiro.

João Monlevade, 09 de fevereiro de 1980

SINDIPETRO - Cubatão.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SANTOS

PASTORAL OPERÁRIA DE JOÃO MONLEVADE

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DOS SOCIÓLOGOS  
SINDICATO DOS MÉDICOS DO ESPÍRITO SANTO  
FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS URBANAS DO ESTADO DE SÃO PAULO  
METALÚRGICO RIO  
PASTORAL OPERÁRIA DE CAXIAS DO SUL  
SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DE MINAS GERAIS  
SINDICATO DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS CAETE  
SINDICATO DOS ASSISTENTES SOCIAIS DE MINAS GERAIS  
ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DO DISTRITO FEDERAL  
PRESIDENTE ELEITO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE PORTO ALEGRE  
(CUJA DIRETORIA, COM MANDATO A PINDAR-SE EM OUTUBRO DE 1981,  
ESTÁ NO MOMENTO AFASTADA DA DIREÇÃO DO SINDICATO)  
S.T.M. - J.M.  
SINDICATO SECURITÁRIOS DE PERNAMBUCO  
SINDICATO DOS METALÚRGICOS SÃO BERNARDO E DIADEMA  
SINDICATO EMPREGADOS ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS SP  
SINDICATO BANCÁRIOS BELO HORIZONTE  
SINDICATO TRABALHADORES METALÚRGICOS JOÃO MONLEVADE  
UNIÃO DOS TRABALHADORES DO ENSINO DE MINAS GERAIS  
TRABALHO DE PASTORAL POPULAR JOÃO MONLEVADE  
MEMBRO DA PASTORAL OPERÁRIA DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ (SP)  
E ASSESSOR DE COMUNIDADES DE BASE  
ASSESSOR JURÍDICO SINDICATO DOS METALÚRGICOS JOÃO MONLEVADE  
ADELAR D. DAVID  
ANTONIO DE FARIA LOPES  
JOAQUIM ARNALDO  
AGOSTINHO PRETTO  
ANIZIO B. DE OLIVEIRA

DISTRIBUIÇÃO DO  
CENTRO DE PASTORAL VERGUEIRO  
R. Vergueiro, 7290 - Tel. 635520  
04272 - São Paulo (SP) Brasil

4/82

# SEMANA DO TRABALHADOR PROMOÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA DE INDAIATUBA

Companheiras (os), Irmãs (os):

Pela primeira vez, em Indaiatuba, de 25 de abril a 19 de maio, vamos realizar a SEMANA DO TRABALHADOR. Nossos amigos de Campinas, São Paulo, Limeira e de outras cidades, também irão fazer a sua semana do trabalhador.

Como vocês sabem, as coisas estão difíceis pro nosso lado: nem tempo prá reunir e bater papo a gente encontra mais. Nesta semana vai dar prá gente se encontrar. Todos estão convidados.

Vai ter música, filme, eslaides e muita conversa boa. No último dia vai ter uma missa com muita gente. A promoção é essa:

26-abril-segunda-feira=19:30 horas, o encontro será no Parque dos Indaiá (Rua 10, nº 88). Vamos falar sobre a vida do trabalhador.

27-abril-terça-feira=às 19:30 horas, na Igreja São Benedito, vai ter eslaides, sobre a ligação da nossa fé com a vida política.

28-abril-quarta-feira=às 19:30 horas, na Capela Maria Goretti, vamos falar sobre as formas de organização do trabalhador.

29-abril-quinta-feira=às 19:30 horas, no Jardim Morada do Sol, vamos falar sobre o Sindicato e passar eslaides.

30-abril-sexta-feira=às 19:30 horas, na Capela S. Benedito, vamos passar um filme sobre as lutas dos trabalhadores.

19-maio-sábado=às 8:30 horas, Missa do Trabalhador na Igreja S. Benedito.

Todos estão convidados. CONVIDE AMIGOS.

PASTORAL OPERÁRIA DE INDAIATUBA

## J E J U N E DIA DE ORAÇÃO PELA PÁTRIA BRASILEIRA

Reunido em Brasília, de 28 a 31 de Agosto, o Conselho Permanente da C.N.B.B. analisou a atual situação de crise em que se encontra a nação brasileira e enviou uma "Carta aos Bispos" sobre o momento nacional.

A "Carta" analisa os seguintes pontos:

1. Tendo sempre acompanhado as dores do povo brasileiro, os Bispos constatarem uma situação cada vez mais difícil para o povo em geral, sobretudo para o povo pobre. Isto se dá em virtude da atual crise econômica do país, que tem gerado baixos salários, desemprego e destruição das riquezas nacionais.
2. Acrescenta-se a isto a trágica situação do povo nordestino, castigado pela seca e as enchentes do sul do país. Ambas situações, crônicas, têm como causa a falta de decisões políticas que estejam voltadas para o bem comum da população.
3. Tal sofrimento tem levado nosso povo a situações de desespero, como: greves, invasões de terras, etc, que vão contra as leis vigentes, mas, mesmo assim, têm merecido a atenção e o apoio dos Bispos, uma vez que não se teria chegado a isso se, a seu tempo, tivessem sido tomadas as medidas necessárias.
4. Quanto à situação política, o Conselho Permanente da C.N.B.B. constata que o povo se esterece diante do encaminhamento deprimente dado ao processo de escolha dos principais mandatários da nação.
5. Isto está presente na medida em que as aspirações populares, demonstradas em praças e ruas (campanha pelas eleições diretas), são frustradas por uma minoria política que insiste em manter o processo de escolha em caminhos que marginalizam a nação, fazendo dela uma mera espectadora de seu próprio destino. Também é visível a corrupção e o tráfico de influências presente a tal processo.
6. Somente uma decidida volta a valores éticos, pode devolver a dignidade ao processo político, e levar a Nação à grandeza de seus destinos.

Para isso se faz necessário que:

- a) o poder político deixe de lado o favorecimento a grupos particulares e coloque-se a serviço do bem comum;
  - b) o povo seja reintegrado como participante ativo do processo político, que exige uma evolução imediata do seu direito de escolha e decisão (eleições), seja através de uma Assembléia Constituinte ou de outro mecanismo legal.
- Só assim poderemos reconciliar a Nação com as classes dirigentes.

7. Afirmam nossos Bispos que o reencontro da dignidade nacional somente se fará na medida em que os corações se deixem tocar e as consciências se renovem, a fim de que "homens novos" sejam "capazes de gerar realidades novas a serviço de uma sociedade mais justa e fraterna".

8. A "Carta" sugere alguns gestos concretos:

- "Convocar todas as nossas Comunidades para um grande Jejum Nacional e um Dia de Oração pela Pátria Brasileira, na Celebração de Nossa Senhora Aparecida. Na véspera, dia 11 de Outubro, estaremos todos unidos no jejum penitencial, que prepara os caminhos de conversão e mudança. No dia 12, Dia da Festa, nos dedicaremos a intensa oração individual e comunitária."
- "Conclamar os nossos cristãos a que entrem decididamente na ação, difundindo com real solicitude de serviço e eficácia, as energias do Evangelho, e garantindo-lhes a formação e apoio necessários".
- "Animar todos os homens de boa vontade a assumirem, sem reservas, suas responsabilidades políticas, reconhecendo o indispensável desenvolvimento da consciência moral, que nos leva a assumir o encargo de uma solidariedade cada vez mais ampla, e a abrir-se livremente para os outros e para Deus."

Para tudo isso, esperamos contar com a necessária colaboração dos comunicadores e o serviço dos Meios de Comunicação Social. Queremos, por fim, reafirmar, em comunhão com todos os irmãos, Bispos, nossa esperança. Cremos em Deus, acreditamos na força transformadora de sua Palavra, confiamos na presença de seu Espírito no meio de seu povo.

Se nossa sociedade sofre hoje uma crise sem precedentes, ela vive igualmente às vésperas de um amanhã que, pela graça de Deus, pode ser promissor e fecundo, como sinal do Reino definitivo para todo nosso povo, que trabalhe, lute e sofra.

#### PROGRAMA DA PARÓQUIA DE N.S. DA CANDELÁRIA

Dia 11 de Outubro - JEJUM e VIGÍLIA

- Durante o dia: JEJUM PENITENCIAL em solidariedade com o povo sofrido e que passa fome. (As renúncias feitas (alimentos) poderão ser entregues na Missa do dia 12 para serem ofertados aos pobres pelos Vicentinos).
- Às 20:00hs. - VIGÍLIA DE ORAÇÃO. Em cada comunidade haverá uma vigília. As comunidades do centro se reunirão na Matriz.

Dia 12 de Outubro - DIA DE NOSSA SENHORA APARECIDA

- 9:00hs. - MISSA em louvor e súplica à N.S. Aparecida pelo povo brasileiro e suas necessidades. Será realizado um grande OFERTÓRIO DE ALIMENTOS, resultado do Jejum penitencial, expressando nossa conversão e desejo de mudança das desigualdades sociais, em vista de um mundo mais fraterno.

4/83

Paróquia N.Sra. da Candelária - INDAIATUBA  
Setor: Pastoral Operária

SEMANA DO TRABALHADOR

1º DE MAIO /1983

Queridos irmãos e irmãs na fé em Cristo,

Come vocês sabem o dia primeiro de maio tradicionalmente é consagrado a todos os trabalhadores do mundo. Ele se iniciou na cidade de Chicago (EUA) em 1886, quando vários operários foram condenados à morte, por terem lutado pela redução das horas de trabalho, que chegavam até 15 e 16 horas por dia.

Hoje a classe trabalhadora no Brasil e aqui em Indaiatuba vive em condições que estão muito longe da dignidade de "filhos de Deus". O desemprego que estamos vivendo é um exemplo que ninguém pode deixar de enxergar.

Pensando nisso é que a Paróquia da Candelária, através da Pastoral Operária, estará promovendo encontros de reflexão e projeção de eslaides, em nossas comunidades, entre os dias 25 e 30 de Abril (SEMANA DO TRABALHADOR).

Encerrando a Semana, no dia primeiro de maio (domingo), agradeceremos a Deus pela força que Ele nos dá para enfrentar todas as dificuldades e buscar soluções para nossos sofrimentos. Para isso é que convidamos todos os cristãos para participarem da procissão em louvor a São José Operário e da Missa pelos Trabalhadores, que será concelebrada pelo nosso pároco e pelo nosso Arcebispo Dom Gilberto Pereira Lopes.

Para que esse ato de compromisso e fé cristã se realize, contamos com a participação de você e de sua comunidade!

Estes são os lugares e datas de encontro:

- DIA 25 (2ª feira): Califórnia |A luta é nossa|  
Santo Antonio |A caminhada da Igreja de Campinas|
- DIA 26 (3ª feira): Califórnia |A luta é nossa|
- DIA 27 (4ª feira): Califórnia |A luta é nossa|  
Cecap |A ilha|
- DIA 28 (5ª feira): Morada do Sol |A ilha|
- DIA 29 (6ª feira): Salão Paroquial |Como funciona a sociedade e 1º de Maio|
- DIA 30 (sábado): Maria Goretti |1º de Maio|  
(todos os encontros começaram às 20:00 h.)
- PRIMEIRO DE MAIO: Procissão de S. José (até a Capela Maria Goretti - início: 17:00h)  
MISSA PELOS TRABALHADORES (18:00h, na Capela Maria Goretti)

PASTORAL OPERÁRIA EM INDAIATUBA.  
(PARÓQUIA N.SRA. DA CANDELÁRIA)

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

INSCRIÇÃO NO CUC 27.212.903/0000-09

RUA MARIANO SENDRA DOS SANTOS, 44 - SALA 501

CEP 25.000 - DUQUE DE CAXIAS - RJ

ATO PÚBLICO PELA PAZ NA NICARÁGUA

Ficaremos em silêncio cúmplice, diante da crucificação da Nicarágua?

Estamos presenciando uma violenta opressão de parte dos Estados Unidos que bem pode acabar com a caminhada libertadora do povo nicaraguense.

No próximo dia 15 de abril, o Congresso norte-americano irá votar a "ajuda" de 100 milhões de dólares aos Contra.

Urgem uma mobilização internacional e uma definição do governo brasileiro contra tal política intervencionista.

Em favor da PAZ na América Central e pela auto-determinação da Nicarágua, convocamos você para um ato público de solidariedade com este povo e de repúdio à guerra.

Local: Faculdade Metodista Bennett  
Rua Marquês de Abrantes, 55  
Estação Flamengo do Metro - RJ

Data: 10/04/86

Horário: 19 horas

Entidades convocadoras:

CPO - Comissão Nacional de Pastoral Operária  
CPO RJ - Comissão Estadual de Pastoral Operária  
ACC - Ação Católica Operária  
IBASE - Instituto Brasileiro de Análise Social e Estatística  
CEDI - Centro Ecológico de Documentação e Informação  
CEDAC - Centro de Ação Comunitária  
IBRACES - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento  
Igreja Cristã de Confissão Reformada  
INESC - Instituto de Estudos Sócio-Econômicos  
Movimento Nacional de Luta contra o Desemprego  
CPT - Comissão Pastoral da Terra  
JOC - Juventude Operária Católica  
ISER - Instituto Superior de Estudos Religiosos  
COSPIAM - Comitê de Solidariedade com os Povos Latino-Americanos

Contamos com sua presença e de outros (as) companheiros (as) e entidades neste ato de solidariedade.

Divulgue este acontecimento.

P.10

C. 102. 020  
B. 094

1

## RESULTADOS

DA

### ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA (Rio de Janeiro, 3 e 4 de dezembro de 1983)

#### I. PLANEJAMENTO PARA 1984.

##### . Prioridades assumidas para 1984

O Plenário assumiu as quatro seguintes prioridades:  
DESEMPREGO, SINDICALISMO, FORMAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA.

##### . Encaminhamento das prioridades

#### .1. DESEMPREGO

A Assembléia Nacional da PO conscientizou-se de que o desemprego é uma consequência grave do modelo Político-econômico do Brasil. Para enfrentá-lo decidiu:

- dar maior empenho na organização de desempregados por bairros (onde existe) e organização política dos mesmos.
- que se promova a ajuda mútua (através de hortas comunitárias, etc.).
- que haja integração com outros movimentos.
- que se sensibilize a população sobre o problema do desemprego.
- que o desemprego seja assumido pelos sindicatos e CUT.
- que se organize e se promova Gincanas, divulgação nas missas, celebrações, caravanas, que se crie comunidades de trabalho para que o trabalhador não seja disvinculado de sua categoria.
- que se crie frentes de trabalhos; que se continue ou se organize a luta pela isenção de taxas (água, impostos), prolongamento do prazo do INAMPS etc.
- que se realize assembléias em massa jogando as autoridades no meio.
- que se crie comitês de luta contra o desemprego e formas de protestos locais.
- que na luta contra o desemprego haja assessoramento político.
- que, por todos os meios, se lute pelo salário desemprego.
- que se apóie a ocupação de terrenos baldios.
- que se lute pela diminuição da carga horária de trabalho (40 horas semanais) sem diminuição do salário.
- que haja uma campanha política contra o desemprego.

2.2. SINDICALISMO

- Quanto a CUT - ajudar a implantação da CUT através de palestras, seminários e subsídios.
- Quanto a Sindicalização - realizar trabalhos nos bairros, visando a formação sindical para apoio ao Mov. Sindical autêntico. Que isto se realize através de Cursos e Palestras sobre a história do Sindicalismo e sobre a Memória da luta operária.
- Que se faça um levantamento de dados sobre as datas de eleição sindical e campanhas eleitorais.
- Que se promova e incentive a participação da mulher no sindicato.
- Quanto à Oposição Sindical - que se participe e/ou apóie as oposições autênticas, combativas e democráticas. Que se dê apoio às associações de classes como domésticas, professores, etc.

2.3. FORMAÇÃO

- que se promova Cursos Específicos sobre a metodologia e técnicas de dinâmica de grupos.
- que o Encontro de Assessores redefina a metodologia.
- que se recolha as experiências e se passe essas experiências, apuradas pelos assessores, para outros estados.
- que se fortaleça as equipes de assessorias estaduais.
- que se organize e promova cursos de agentes da PO.
- que a Secretaria Nacional envie endereços do SIN (Serviço de Informação Nacional de Petrópolis e outras entidades encarregadas de informação, como também o endereço das Dioceses onde a PO atua, para que a comunicação e informação se dê, contornando o atual impasse dos Meios de Comunicação e Correio.

2.4. REFORMA AGRÁRIA

- que a Campanha pela Reforma Agrária seja realizada em mobilização conjunta CPO/CPT.
- que se elabore subsídios sobre a Reforma Agrária, o problema do trabalhador do campo e da cidade.
- que se apóie o movimento dos SEM-TERRA. Este apoio seja apoio leal, efetivo, concreto.
- que se ajude na articulação dos Bóias-frias.
- que se divulgue: o Estatuto da Terra. Os Documentos da CNBB sobre a terra, Documentos da CUT, Documento do 3º Congresso dos Trabalhadores Rurais.
- que a PO participe da Coordenação Nacional da Reforma Agrária.
- que se incentive formas de resistências.
- que se apóie a luta pelo Solo Urbano.

OBSERVAÇÃO: A Assembléia Nacional da Pastoral Operária entende que a Reforma Agrária é uma questão prioritária, não só para o homem do campo, mas também para o trabalhador da cidade, pois, nela se engloba a luta pelo solo urbano e pela casa própria. Além de contribuir essencialmente para desinchação dos grandes centros urbanos e solucionar a questão do desemprego no País. Alertados pelo companheiro da CPT, a CPO deve procurar uma definição clara sobre que tipo de Reforma Agrária se quer. Pois, o Governo também diz que faz Reforma Agrária. A nossa Reforma Agrária não aceita soluções de colonização, onde o grande latifúndio permanece intocável e improdutivo. É também, preciso se pensar sobre que tipo de leitura se deve fazer do Estatuto da Terra, pois há duas linhas de leituras.

Artigo retirado do Boletim

Diocesano:

Praça do Carmo, 36 - 2.º andar  
Santo André - SP  
09000

Fone: 449.2077

1. INTRODUÇÃO

Coordenador: Em nome do Pai...

Todos: Amém.

CANTO: "A nós descei... ou algum outro à escolha do grupo.

2. DE ONDE VÊM AS COISAS:

( conversa livre: determinem a duração desta conversa). Cada pessoa do grupo, ou alguns, indicam um objeto Ex. banco, cadeira, mesa, água, terra etc.

Todos conversam procurando descobrir de onde se tirou, ou de onde saiu o material para se fazer (fabricar) aquele objeto.

Qual é a ligação desse material com a terra?

Comentem o que há de bonito no mundo.

CANTO (à escolha).

3. LEITURA BÍBLICA

Leitores: Gênesis, capítulo primeiro (inteiro). (Obs. É bom que os leitores se revezem, lendo um trecho (parágrafo) cada um. Pode-se também intercalar refrões cantados (por exemplo: Louvai, Louvai, Louvai ao Criador! Cantai, cantai, cantai a Deus que é nosso Pai).

4. LOUVOR A DEUS: Orações espontâneas de louvor a Deus pela criação do mundo ou o canto: GLÓRIA, GLÓRIA, ALELUIA, LOUVEMOS AO SENHOR, ou outro canto de louvor do conhecimento do grupo.

5. PERGUNTAS ( para debate )

- Por que Deus criou o mundo?
  - Para quem Ele criou o mundo?
  - Para quantos Deus deu a terra?
  - De quem é o mundo e a terra?
  - O que quer dizer "DOMINAI A TERRA"?
  - O que gostaríamos de dizer a Deus agora?
- (Obs. outros comentários à vontade do grupo).

6. SALMO 94 - ( em algumas Bíblias 95) - (do verso 1º ao 8º) Salmo 94, 1 - 8.

Leitor: Vinde manifestemos nossa alegria ao Senhor.  
Aclamemos o rochedo de nossa Salvação.

Todos: (cantando, se souberem): EM CÔRO A DEUS LOUVEMOS, ETERNO É SEU AMOR.  
POIS ELE É ADMIRÁVEL: ETERNO É SEU AMOR. POR NÓS FEZ MARAVILHAS:  
LOUVEMOS AO SENHOR.

( Depois de cada verso do Salmo 94 se cantará um outro verso deste canto).

7. RESUMINDO: Deus, que tudo criou, é o dono de tudo  
Deus fez tudo por amor ao ser humano.  
A terra se destina a todos os homens, pois todos são amados por Deus.

8. FINAL:

Coord. : Que Deus nos abençoe em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém

PODE-SE CANTAR UM CANTO NO FINAL (à escolha).

Obs. Pode-se ainda já marcar a data da próxima reunião.

"DOMINAI A TERRA"

Obs: material necessário: 1 tijolo, arroz ou feijão, 1 Bíblia.

1. INTRODUÇÃO

- Coordenador: Em nome do Pai...

Todos: Amém e cantando - "A nós descei..." ou outro canto.

2. VAMOS CONVERSAR:

a) sobre o tijolo: Coloquem um tijolo no meio do grupo. Olhando para o tijolo respondam às perguntas:

1. O que era ele antes? Onde estava? Em que local?

2. De que maneira ficou assim como está agora?

3. Quem fez esta mudança? Quanta gente trabalhou para isto?

4. Para que serve agora?

b) Coloquemos 1' kilo de arroz ou feijão e conversemos sobre ele a partir das mesmas perguntas.

c) Façamos o mesmo com a Bíblia.

3. CANTO (à escolha):

4. LEIAMOS A PALAVRA DE DEUS - Genesis 1, 26-31

5. MEDITEMOS SOBRE A PALAVRA DE DEUS

1. Leiam de novo o verso 28.

2. O homem é dono do mundo ou terá de prestar contas a alguém?

3. Se nosso trabalho é bem feito, leva a quê? Explique e dê exemplos.

4. Se nosso trabalho é mal feito, leva a quê? Explique com exemplos.

5. Cada um do grupo conte um pouco sobre o trabalho que faz, de onde tira o que produz, se gosta ou não daquilo que faz e porque assim.

6. CANTO (à escolha):

7. RESUMINDO

Coordenador: Nosso trabalho transforma o mundo

O que era barro vira tijolo e o tijolo vira casa.

A mandeira torna-se papel e muitas folhas de papel

fazem uma Bíblia.

A semente plantada e cuidada se torna arroz e feijão

na mesa do homem, pelo trabalho.

8. CONCLUSÃO

Façamos a Deus que haja trabalho bem pago para todos, reando, de mãos dadas o PAI-NOSSO.

CANTO FINAL (à escolha).

Obs:

- "1986 - CENTENÁRIO DO 1º DE MAIO" -

CPO-Secretariado Nacional  
R. Mariano S. Santos, 44/501  
25.000 - Duque de Caxias - RJ.

### F O R M A Ç A O N A P. O.

Companheiros,

Já há algum tempo, a Pastoral Operária vem se preocupando com o processo de formação de seus militantes.

Desde a Assembléia de 1984, tenta-se discutir uma metodologia própria de formação dentro da PO: Foi formada, a convite da Comissão Executiva, uma "Equipe de Formação". Após três encontros aprofundando a questão, esta equipe sente a grande exigência de se especificar a metodologia e se definir um plano de formação na PO.

Diante disso a Comissão Nacional e a Equipe de Formação envia o roteiro abaixo para ser respondido pela base. É importante que o mesmo se ja respondido pelas comissões diocesanas, consultados os grupos de base. Pensamos que o próprio fato de avaliarmos nossa formação já nos auxilia - rão na busca de uma nova proposta.

Pedimos que as respostas sejam enviadas ao Secretariado Nacional o mais rápido possível. Isto é, até 21 de outubro.

Nos dias 7 e 8 de novembro a Equipe de Formação, ampliada por outras pessoas que também se preocupam com o Processo de Formação da PO, se reunirá para avaliar as respostas das dioceses e elaborar uma proposta de Plano de Formação a ser discutido na Assembléia Nacional (30/11 e 10/12).

Sugerimos que nas assembleias diocesanas e estaduais se avalie a prioridade formação a partir desse roteiro.

### AVALIANDO A FORMAÇÃO NA PASTORAL OPERÁRIA

OBS.: Utilize folhas próprias para as respostas.

- 1) Quais atividades da PO em sua diocese (Estado) são consideradas como "atividades de formação"? (Descrever)
- 2) Os grupos de base da PO:
  - a) Quantos grupos de base existem efetivamente em sua diocese?
  - b) Quantas pessoas, em média, compõem cada um desses grupos?
  - c) Periodicidade das reuniões:
 

- semanal	- mensal	- outro
- quinzenal	- bimensal	
  - d) Qual o método utilizado nessas reuniões?  
Exemplos: - O pessoal estuda um texto (leis trabalhistas, texto bíblico, etc.) e depois discute;  
- O pessoal relata as lutas, as práticas e programa novas práticas;



4) Tem havido participação de militantes da P.O. em cursos de formação promovidos por outras entidades? Quais?

- Sindicatos
- Entidades de Igreja
- Partidos
- Associações
- Centros de Formação

Outras

5) Descrever estes cursos realizados pelas outras entidades, o número de participantes da Pastoral Operária, e os objetivos alcançados.

6) Quais questões têm sido levantadas com respeito à formação nesta diocese?

7) A partir dessa prática de formação que novos desafios surgem?

8) Quais assessores tem apoiado o trabalho de formação nesta diocese?

Nome -

Área de atuação (economista, analista-político, sociólogo, etc.).

COMISSÃO PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL.

Duque de Caxias, 22 de agosto de 1985.

e. do. Upe  
P. 068

P. D.

I N F O R M A N D O

A propósito da CONSTITUINTE existe um espaço aberto junto aos Meios de Comunicação Social. Esse espaço de participação popular existe por exemplo na Rede Bandeirantes de Televisão - Jornal da Constituinte, diariamente às 19:50 Horas.

Nesses dias, até final de setembro, o Jornal da Constituinte está pedindo resposta às questões:

- Você é a favor do projeto do Governo: dar poderes Constituinte ao Congresso a ser eleito em 86?

- Você quer uma Assembléia Nacional Constituinte vinculada ou desvinculada do Congresso?

No fim de setembro a Rede Bandeirantes vai encaminhar ao Congresso e ao Pres. José Sarney o resultado da pesquisa.

Não podemos perder essa oportunidade.

Sugerimos que todos os companheiros enviem respostas e sugestões o mais breve possível . Tempo limite (final de setembro).

Ao JORNAL DA CONSTITUINTE

Rede Bandeirantes

Rua Radiantes, 13

05699 - São Paulo - SP.

Comissão Nacional de Past. Operária.

03/09/85.

I qya

2. Res. Op.  
P. 060

SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II

QUESTÕES GERAIS:

1. O que foi feito para que o Concílio fosse conhecido, recebido com fidelidade e aplicado na prática?  
.....
2. Que efeitos bons vieram do Concílio para a vida da Igreja em vossa região?  
.....
3. Surgiu algum erro ou abuso na interpretação e aplicação do Concílio Vaticano II e devido a que causas? O que foi feito ou o que deve ainda ser feito para corrigir esses erros ou abusos?  
.....
4. Que dificuldades houve na aplicação do Concílio, também em face às novas exigências nascidas das mudanças dos tempos? O que vos parece dever ser determinado, após o Sínodo Extraordinário, para que se chegue a novos procedimentos de acordo com o espírito e a letra do Concílio Vaticano II?  
.....

QUESTÕES PARTICULARES:

1. Como foi compreendida e aplicada a Constituição Dei Verbum, para que o conhecimento da Revelação Divina e da Sagrada Escritura seja sempre maior e penetre na vida dos fiéis (Escritura - Tradição - Magistério - exegese, traduções aprovadas, leitura habitual, apostolado bíblico, uso pastoral, etc)?  
.....
2. É bem entendido e acolhido na vida o Mistério da Igreja no seu duplo aspecto, isto é, de comunhão e de instituição hierárquica? Aparece claramente na vida da Igreja seu munus de santificar e de servir (cfr. Lumen Gentium)?  
.....
3. É corretamente entendida a doutrina do Concílio sobre Igreja Universal e Particular, e são observadas as relações internas na Igreja no espírito da verdadeira colegialidade e comunhão no que diz respeito ao Papa, à Santa Sé, aos Bispos, às Conferências Episcopais e ao relacionamento entre os Bispos, aos Presbíteros, aos Religiosos, aos Leigos, aos Conselhos e a outros aspectos semelhantes (cfr, Lumen Gentium, Orientalium Ecclesiarum, Christus Dominus, Apostolicam Actuositatem, etc.)?  
.....  
.....

4. Existe uma correta noção de Liturgia e uma correta prática litúrgica, segundo o espírito do Concílio Vaticano II (cfr. Sacrosanctum Concilium)?

.....

5. O que foi feito para a concretização das prescrições e dos desejos do Concílio Vaticano II a respeito dos presbíteros e dos religiosos, principalmente quanto à sua formação, bem como a respeito da educação católica da juventude (cfr. Optatum Totius, Perfectae Caritatis, Presbyterorum Ordinis, Gravissimum Educationis)?

.....

6. O que e como se faz no ministrar a Catequese e a Doutrina Moral, especialmente no que se refere à formação da consciência (Magistério da Igreja e Teologia Moral, norma e consciência, questões da moderna ética moral social, ordem moral no campo sexual, etc.) (cfr. os Documentos sobre formação e educação, Gaudium et Spes, Dignitatis Humanae, etc.)?

.....

7. Que frutos produziu entre vós o Concílio Vaticano II no que diz respeito ao anúncio do Evangelho e a promoção do espírito missionário (cfr. Ad Gentes e outros)?

.....

.....

8. Que progressos foram obtidos no Ecumenismo e no diálogo com os seguidores das Religiões não Cristãs e com pessoas não-crentes (cfr. Unitatis Redintegratio, Nostra Aetate)?

.....

.....

9. É entendida e praticada de acordo com a doutrina do Concílio Vaticano II a relação da Igreja com o mundo e com as realidades temporais (cfr. Gaudium et Spes, Inter Mirifica)?

.....

.....

Pastoral Operária fundada em 1976  
e. Pas. 42  
21 545

Duque de Caxias, 11 de agosto de 1986.

CIRCULAR Nº 14/86

ASSUNTO: PROPOSTA DE COMEMORAÇÃO DOS 10 ANOS DE EXISTÊNCIA DA CPO NACIONAL.

Companheiros(as):

Este é o ano em que comemoramos os 10 anos de existência da Pastoral Operária no Brasil.

Como parte dessa comemoração e querendo conscientizar todos aqueles que, de uma forma ou de outra têm um compromisso com a gente, lançamos a Campanha Financeira que ainda está em andamento pelas dioceses.

Foi solicitado através do CPO Informa e do boletim da Pastoral Operária sugestões de como celebrarmos estes 10 anos de presença da Pastoral Operária na Igreja e junto a classe Operária. Na última reunião da Executiva Nacional, este assunto foi discutido, e solicitamos a alguns estados que designasse companheiros que pudesse pensar um pouco mais a respeito e elaborassem uma proposta.

Os estados convidados foram: Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Esses companheiros se reuniram no último dia 06/08/86 e tiraram algumas propostas. A Equipe foi unânime em afirmar que é importante resgatarmos a nossa própria história espalhada por este Brasil.

Então, três propostas foram pensadas:

- 1 - Um dossiê ou um livro sobre os 10 anos.
- 2 - Um vídeo (entrevistas com pessoas mais antigas da CPO).
- 3 - Exposição do material da CPO dos estados e da Nacional (Até agora publicado).

A proposta que segue abaixo não elimina as outras duas, mas oferece opção aos companheiros(as) de escolherem o mais fácil.

### 1º DOSSIÊ OU LIVRO

Como deve ser (na nossa opinião):

- Apresentação - Feita por um bispo (nossa sugestão D. Cláudio)
- Introdução - Objetivo do Dossiê (nossa sugestão elaborado pela Executiva Nacional da Pastoral Operária).

### I PARTE - Igreja e o Mundo do Trabalho

- a) Presença da Igreja no Mundo do Trabalho até o surgimento da Pastoral Operária (nossa sugestão um companheiro mais antigo da PO.)
- b) Em que Conjuntura surge a PO. no Brasil? ou, Por que a PO. surge no Brasil? Nossa sugestão ???

### II PARTE - Histórico da Pastoral Operária

#### A - GESTAÇÃO

a) Suas propostas iniciais:

- Com relação a Igreja
- Com relação ao Mov. Popular e sindical.

- b) Seus avanços:
- Com relação a Igreja
  - Com relação ao Mov. Popular e Sindical

- c) Suas Dificuldades:
- Com a Igreja
  - Com o mov. popular e sindical

Nossa sugestão: ? ? ?

#### B - EXPANSÃO

A expansão da PO. nos estados? (estado por estado)

Nossa sugestão: Que seja criada uma pequena equipe em cada estado que se preocuparia em resgatar a História da PO., e ao mesmo tempo preparar um relatório, ou um dossiê estadual.

OBS.: Ao mandar o relatório ou dossiê para a CPO Nacional, favor resumir.

#### C - ASSEMBLÉIAS

- O acontecimento da 1a. Assembléia Nacional da CPO.
- A 2a. Assembléia Nacional da CPO
- A 3a. Assembléia Nacional da CPO
- A 4a. Assembléia Nacional da CPO

Frizar os avanços em relação de uma para outra.

Nossa sugestão: Que seja entrevistado companheiros que participaram desde a 1a. assembléia.

### III PARTE - A CPO Hoje

- Sua estrutura
- Seu papel na Conjuntura atual
- Sua perspectiva
- Nossa sugestão: ? ? ?

### IV PARTE - Os Anexos

- Os primeiros boletins
- Convites
- Foto
- Carta de solidariedade e etc...
- Nossa sugestão: Que os próprios estados e a nacional colete esse material.

Na nossa opinião é importante que os companheiros(as) tentem elaborar um Dossiê, ou um livro, ou até mesmo um texto sobre a vida da CPO no seu estado.

Achamos importante que haja no mínimo duas perguntas para começar:

- 1) Em que contexto surge a CPO no estado, ou em que Conjuntura?
- 2) Histórico da CPO nos Estados, tendo presente a questão: Igreja e Movimento Popular e Sindical.

OBS.: Enviar esse material já pronto para o Secretariado Nacional, no máximo até dia 30/09/86.

#### 1) PROPOSTA: MUTIRÃO NACIONAL DA HISTÓRIA DA PASTORAL OPERÁRIA

Neste dia, em todos os locais onde há PO., nos reuniríamos para procurar documentos (cartas, relatórios, recortes de jornais, posicionamentos nossos frente a greves, ocupações de terra, violência, cartas de

solidariedade ou repúdio, telegramas de protesto, boletins e informativos, etc...). Também, chamaríamos aqueles companheiros nossos mais antigos e com eles faríamos uma entrevista rememorando o nascimento e o desenvolvimento da CPO.

Isto tudo feito no mesmo dia, daria possibilidades de intercâmbio entre as estaduais e/ou nacional para consultas.

Propomos três datas, uma a cada mês, para a realização desse mutirão de nossa História.

Uma data ainda no mês de agosto, outra em setembro, e outra em outubro/86.

Caso não seja possível realizar os três mutirões, sugerimos que no mínimo se faça um dia, o mês a escolher do mutirão. É claro o mais rápido possível.

Pretendemos trabalhar com todos esses materiais a partir do dia 30/09/86.

## 2) O VÍDEO

Coletar depoimentos dos companheiros(as) em alguns estados. Estamos sugerindo os estados e os companheiros(as) pelo fato de não termos tanto tempo para preparar e sabemos também que são muitos os companheiros em cada estado que poderiam ser entrevistados, achamos importante esses companheiros, não desmerecendo é claro os outros. Se houver outros que vocês acham importante ser entrevistado pois o façam.

Só pediríamos que não fosse longo demais e que não se tornasse repetitivo.

Nossa sugestão: RJ-Pe. Agostinho; SP-Rossi, D. Cláudio; PR-Gil; MG-Adriano; RS-Jairo; PE-Tenderini; PB-D. José Maria Pires (Pelé); CE-Ana Angélica.

Que os companheiros respondam as seguintes perguntas:

- 1) Como nasceu a Pastoral Operária?
- 2) Qual a contribuição que a Pastoral Operária tem dado ao Movimento Operário e a Igreja?

## 3) A EXPOSIÇÃO DO MATERIAL DA PO.

Estamos pensando que poderemos utilizar os materiais coletados no mutirão, separar um exemplar de cada e expor aos companheiros(as) na Assembléia Nacional em novembro.

Contando com o empenho do companheiro(a) frente à proposta e aguardando sua sugestão, despedimo-nos.

Fraternalmente,

*Mivaldo Dourado Martins Cruz*  
P/Comissão Nac. de Pastoral Operária.

P.O.  
C. 12. 92  
P. 063

RELATÓRIO FINAL DA ASSEMBLEIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA DE 1984.

Companheiros,

Após sucessivas redações e discussões, a Comissão Executiva Nacional apresenta o relatório final de nossa Assembléia Nacional.

Alguns companheiros já receberam a primeira redação, que buscava passar a imagem mais fiel possível do que foi nossa Assembléia. Quem esteve presente à Assembléia deve se recordar que realizamos uma assembléia muito rica, de muita maturidade. Mas que na hora do fechamento das questões, tivemos muitas dificuldades. Por isso, a Assembléia delegou à Comissão Executiva a tarefa de rediscutir a questão das prioridades, de modo a que, os companheiros de base, muitos ausentes à Assembléia, pudessem ter uma noção clara das principais decisões.

Segue portanto essa redação final, que tem o objetivo preciso de PERMITIR QUE OS COMPANHEIROS NOS ESTADOS, DIOCESES, PARÓQUIAS, GRUPOS DE BASE POSSAM POR EM PRÁTICA AS DECISÕES FUNDAMENTAIS DA ASSEMBLÉIA. Confrontados os Companheiros poderão notar, estas conclusões acabam por se constituir num verdadeiro "programa" de "como fazer Pastoral Operária. Claro que contém imperfeições, mas acreditamos ser da maior importância 2 coisas:

- 1 - A maior divulgação possível destas conclusões na base-base;
- 2 - Uma crítica, seja do relatório, seja das conclusões mesmo, que gostaríamos muito de receber aqui.

Para permitir uma melhor compreensão, deixamos de lado nesse relatório a narração do que foi a Assembléia, colocando apenas as decisões mais importantes e tentando inicialmente apresentar um esquema gráfico destas decisões:

I - PRIORIDADES ESCOLHIDAS PARA O ANO DE 1985:

- |                                 |                                      |                         |                                    |
|---------------------------------|--------------------------------------|-------------------------|------------------------------------|
| a) ÁREA EXTERNA<br>DE ATUAÇÃO : | 1) MOVIMENTO SINDICAL                | Construção<br>da C.U.T. | - Apoio Sindical com<br>bativo     |
|                                 |                                      |                         | - Apoio às oposições<br>autênticas |
|                                 |                                      |                         | Luta contra o<br>desemprego        |
|                                 |                                      |                         |                                    |
| 2) QUESTÃO POLÍTICA             |                                      |                         |                                    |
|                                 | 3) REFORMA AGRÁRIA                   |                         |                                    |
|                                 | 4) MOVIMENTO POPULAR                 |                         |                                    |
| b) ÁREA INTERNA                 | 1) Estruturação da Pastoral Operária |                         |                                    |
|                                 | 2) Formação dos militantes           |                         |                                    |

c) DESTAQUE: - INSERÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA NA PASTORAL DE CONJUNTO.

Para cada um destes itens a Assembléia levantou:

- a) os desafios de cada área
- b) as atividades que devemos desenvolver para cumprir tais prioridades.

A) ÁREA EXTERNA DE ATUAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA:

I - PRIORIDADE SINDICAL

a) DESAFIOS:

Dentro da área Sindical temos dois grandes desafios:

1) A construção da Cut, e dentro dela a necessidade de fortalecer os sindicatos, que tem posição combativa, bem como as oposições sindicais autênticas.

- necessidade de atingir outras categorias de trabalhadores ainda ausentes da Pastoral Operária, como por exemplo, as domésticas.

- necessidade de se ter clareza sobre todas as centrais sindicais já existentes ou em processo de articulação.

2) A Luta Contra o Desemprego: aqui alguns desafios importantes:

- estimular os sindicatos para que assumam como sua a luta contra o desemprego.

- colocar a questão do desemprego dentro das lutas operárias, envolvendo também os que "ainda não são desempregados"; os trabalhadores em geral.

- fortalecer o apoio e a participação dos membros da PO nos Comitês e Movimentos de luta contra o desemprego em todo o País.

- a necessidade de uma articulação nacional das lutas contra o DESEMPREGO.

b) O QUE FAZER NA ÁREA SINDICAL:

1) CONSTRUÇÃO DA CUT: - ajudar a implantar a CUT local, municipal e estadual.

- levar a discussão sobre a CUT para as bases da Pastoral Operária.

- participação de militantes da PO em cursos de formação sindical.

- promover campanhas de sindicalização dos membros da Pastoral Operária.

2) DESEMPREGO: - continuar apoiando as organizações de desempregados existentes, visando sua organização autônoma e a busca de soluções mais concretas.

- organizar os "Comitês contra o desemprego" onde ainda não existirem.
- assumir as bandeiras da CUT contra o desemprego, discutindo-as na base da PO e levando-as para as fábricas- SEMANA DE 40 HORAS e FIM DAS HORAS EXTRAS
  - SALÁRIO DESEMPREGO
  - REAJUSTE TRIMESTRAL
  - REFORMA AGRÁRIA.
- articular o movimento contra o desemprego com o movimento popular.
- favorecer a articulação nacional dos movimentos contra o desemprego.

## II - PRIORIDADE QUESTÃO POLÍTICA

### a) DESAFIOS:

- nossa insegurança e falta de formação política que atrapalha nosso relacionamento com partidos e tendências.
- necessidade de desenvolvermos nossa capacidade de prever os acontecimentos políticos e de se tomar um posicionamento político claro e corajoso.
- as contradições internas do movimento operário na questão política.
- a participação política dos trabalhadores cristãos.
- a necessidade de se articular com outras entidades e organismos que tem os mesmos princípios políticos da Pastoral Operária.
- a coragem necessária para se assumir a luta de classes frente à opressão organizada da classe dominante.

### b) O QUE FAZER:

- aprofundar de imediato a discussão em torno do "pacto social" que começa a ser discutido e suas consequências para o trabalhador.
- estar atento à questão da CONSTITUINTE (incentivar a discussão) e ao quadro político nacional.
- relacionar-se de modo sadio com as correntes e tendências, assumindo o que há de bom nelas e criticando seus erros.
- participar concreta e conseqüentemente do Movimento Operário em todas as suas frentes.
- estabelecer uma relação mais intensa com parlamentares ligados à Classe trabalhadora e à Pastoral Operária.

## III - REFORMA AGRÁRIA

### a) DESAFIOS:

- a Reforma Agrária deve ser vista não como assunto apenas para o trabalhador rural, mas também para o trabalhador urbano, por causa de sua importância na resolução dos problemas gerais do país e especialmente do DESEMPREGO.

- é preciso aprofundar a questão da Reforma Agrária, tanto no campo, como a "reforma urbana" (a questão do solo urbano, na cidade).
- aprofundar o tipo de reforma agrária que a classe trabalhadora precisa e pode propor como alternativa.

#### b) O QUE FAZER NO CAMPO DA REFORMA AGRÁRIA

- 1) buscar uma aproximação efetiva, em cima desta questão com a CPT, ACR, Pastoral Rural, CIMI e Movimento dos Sem-Terra.
- 2) incentivar a solidariedade do trabalhador urbano para com o trabalhador rural, divulgando dados, apoiando esforços e lutas autênticas. Apoiar política e materialmente os movimentos dos sem-terra, articular movimento dos sem-terra com os movimentos de desempregados e apoiar ativamente a CAMPANHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA.

#### IV - MOVIMENTOS POPULARES

##### a) DESAFIOS:

- trabalhar em estreita ligação e comunhão com as demais pastorais sociais.
- como participar do ano internacional da Juventude (85)
- como apoiar o movimento popular, respeitando sua autonomia.

##### b) O QUE FAZER:

- Incentivar os militantes da PO para uma inserção nas associações de Bairro, grupos de mulheres e outros movimentos populares.
- ser presença constante nas mobilizações populares, como forma de apoio e solidariedade.
- discutir com a JOC e a Pastoral da Juventude a forma de colaboração em vista do ano Internacional da Juventude e do trabalho com os jovens operários de forma geral.

#### B) ÁREA INTERNA DA PASTORAL OPERÁRIA

##### I - ESTRUTURAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

##### a) DESAFIOS:

- é preciso criar uma espécie de regimento interno da PO, que defina formas de funcionamento e critérios de pertença à Pastoral Operária (quem pode pertencer à Pastoral Operária?)
- reforçar e organizar a estrutura nacional da Pastoral Operária (secretariado, regionais).

- definir objetivos claros, métodos, linhas de ação e estratégias para concretizar as prioridades assumidas.
- como organizar a PO em todos os Estados a partir da base (grupos de bairro, comunidade ou trabalho, comissão diocesana, comissão estadual, regional e nacional).
- reestruturar a PO por regionais, para maior eficiência e menores custos.
- Estados onde não temos PO: Sergipe, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Acre, Rondônia, Roraima. Como chegar lá?
- como intensificar ligação Nacional com estaduais e vice versa . Criar canais diretos.
- como resolver o problema do acúmulo de atividades dos militantes.
- nossas publicações. Como melhorá-las?
- o problema financeiro. Nossa autonomia financeira. Como chegar lá?

b) O QUE FAZER:

19) a nível de base

- + formar novos grupos de PO na base, buscando apoio de agentes que se comprometem.
- + relação com as paróquias, estimulando-as e mantendo-as informada sobre a PO Estadual e Nacional.
- + discutir nos grupos de Base a nova cartilha "Como e para que organizar a PO" e outros materiais.
- + organizar encontros de animadores de grupos.
- + preparar materiais e estudos de metodologia de reunião (dinâmica de grupo).
- + procurar informações junto às comissões diocesanas, estadual ou nacional sobre materiais disponíveis para empréstimo ou compra (cartilhas, livros, textos, boletins, material audio-visual, etc.)
- + tentar discutir com os companheiros a definição do engajamento prioritário de cada um, evitando o acúmulo excessivo de ocupações de algumas pessoas.

20) a nível diocesano

- + manter estreito contato com o bispo local ou bispos da região, informando, solicitando presença e apoio.
- + realizar periodicamente assembléias diocesanas, encontros regionais.
- + incrementar a Campanha da Fraternidade com assuntos do meio operário.
- + montar, sempre que possível um boletim diocesano da Pastoral Operária para divulgação ampla ou para militantes.

- + buscar sempre ação conjunta com outras pastorais e movimentos populares (por exemplo, para o 1º de Maio, etc.)
- + montar uma comissão, eleita pela base, capaz de executar os programas decididos democraticamente.

### 39) a nível Estadual

- + respeitar as características das igrejas diocesanas locais, buscando um bom entrosamento com a CNBB-local; mas não paralisar o trabalho quando há problemas com o Bispo.
- + criar uma comissão estadual, eleita em Assembléia estadual (que deve ser anual), com representantes das diversas dioceses e um comissão executiva com suficiente operacionalidade.
- + buscar, dentro do Regional da CNBB o acompanhamento de um dos Bispos.
- + desde que o trabalho o exija, buscar a liberação de uma pessoa, a tempo parcial ou integral, para realizar o trabalho de articulação pelo Estado.
- + montar um orçamento financeiro e buscar formas de sustentação que devem ser parcialmente de fontes próprias (cotização e colaboração dos militantes, promoções, etc) e parcialmente da ajuda de Igrejas do exterior (consultar o Nacional a respeito).
- + procurar realizar um encontro anual de agentes de pastoral envolvidos com a PO.

### 40) a nível Regional

- + até março de 1985 dar os primeiros passos para a implantação das coordenações regionais.
- + escolher, nos primeiros encontros regionais, as pessoas que deverão formar a Comissão Nacional, segundo os critérios estabelecidos: 1 pela Região Norte, 1 pela Nordeste, 1 pela Região Sudeste, 1 pelo Sul e 2 pela Região Central.

## II - PRIORIDADE FORMAÇÃO

### a) DESAFIOS COLOCADOS A PARTIR DA AVALIAÇÃO:

- é preciso ter uma PROGRAMAÇÃO AMPLA, um PLANEJAMENTO GERAL, um PROGRAMA DE FORMAÇÃO. Como chegar a isso?
- Como ajudar o trabalhador a :  
ter uma visão crítica diante da conjuntura política e econômica; a criticar os meios de comunicação de massa que procuram envolvê-lo e passar-lhe a ideologia do sistema; passar a acreditar em si e nos companheiros; a se engajar na luta; a estudar a história, a elaborar com a classe um projeto próprio, a desenvolver uma visão sócio-política-econômica e teológica, à luz da ciência e da Revelação, e a partir de sua própria prática de luta pessoal e comunitária?

b) O QUE FAZER

- + Criar uma equipe de formação a nível nacional, com membros da executiva e um corpo de assessores, intelectuais e operários, que passem a pensar a questão da formação, nos termos dos desafios propostos.
- + incentivar os Estados e regiões para que realizem atividades de formação em todos os campos.
- + realizar um encontro nacional de agentes de pastoral para discutir esta questão.
- + Criar uma equipe de produção de subsídios, com elementos da executiva e assessores, intelectuais e operários, que produza material de auxílio ao processo de formação, de acordo com as solicitações das bases.

Sugestões de CONTEÚDO deste processo de formação:

19) Área política:

- projeto alternativo de sociedade; os diversos sistemas.
- contínua análise da conjuntura.
- função do Partido e do Movimento Popular num processo de transformação social.
- A Pastoral Operária e sua relação com partidos e tendências;
- O funcionamento da sociedade; análise do sistema capitalista.

20) Área sindical:

- o valor do sindicato, importância da participação sindical.
- história sindical e história da classe operária.
- discussão da CUT, as outras centrais e o mov. sindical internacional.
- o valor do trabalho humano.

30) Área eclesial:

- Teologia da Libertação
- História do Povo de Deus e nossa História-Sagrada Escritura.
- História da Igreja e sua atuação nos dias de hoje.

DESTAQUE DO PLANEJAMENTO:

Inserção Eclesial da PO na Pastoral de Conjunto  
-----

a) DESAFIOS:

- Como fazer com que a problemática operária se torne parte viva da Igreja, estando presente em toda a pastoral de conjunto? (catequese, liturgia, pastorais específicas...)
- como resolver a questão do relacionamento da PO com os outros grupos de pastoral especializada, inclusive os que atuam na área operária (JOC, ACO, CÍRCULOS OPERÁRIOS, etc.)
- Como ajudar as Igrejas locais a descobrir seu compromisso com o povo, onde essa percepção ainda não é clara?
- como estabelecer um relacionamento fraterno, franco e honesto com a hierarquia.
- como levar adiante a discussão em torno da "luta de classes" e a resistência de muitos setores da Igreja em não reconhecer sua existência?

b) O QUE FAZER

- A nível nacional: Manter presença da CPO-NACIONAL na Comissão Episcopal de Pastoral (reuniões mensais em Brasília), levando informações e preocupações do meio operário, e trazendo as preocupações do episcopado.
- A nível local:- Diálogo permanente com bispos e padres, insistindo mesmo quando houver resistência ou desconfiança.
  - manter presença e relação fraterna e questionadora com movimentos de menor engajamento social.
  - acompanhar, apoiando integralmente, lutas e problemas da CPT, do CIMI, do Movimento dos Desempregados do Movimento dos Sem-terra e das CEBS locais.
  - relacionar-se com os grupos de religiosos, sacerdotes e leigos que atuam nas CEBS.
  - buscar cada vez mais, em comunhão com todos, ser PRESENÇA DA IGREJA NO MUNDO DO TRABALHO E SER PRESENÇA DO MUNDO DO TRABALHO NA IGREJA!

\*\*\*\*\*

### III ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

Nos dias 02, 03 e 04 de novembro de 1984 realizou-se a 3ª Assembleia Nacional da Pastoral Operária no Colégio Assunção - Santa Tereza-RJ.

Iniciou-se a Assembleia Nacional com 123 participantes entre delegados estaduais (RS, SC, PR, SP, RJ, MG, ES, GO, BA, AL, PE, PB, CE, MA e AM), Agentes de Pastoral, Assessores, convidados representantes da ACO, CPT, ACR, JOC e MOV. SEM TERRA, os Bispos D. Sinésio (Novo Hamburgo), D. Mauro Morelli (D. Caxias), D. Afonso Gregory (Aux. RJ) e D. José Pires (João Pessoa), Executiva Nacional e o Secretariado.

D. Mauro Morelli abriu a Assembleia dando boas vindas dizendo: Não precisamos de mandatos para Evangelizar pois já possuímos o mandato de Cristo. A Diocese de Duque de Caxias está na linha da Pastoral Operária e dá todo apoio.

Antes de sermos sacerdotes ministerial, todo cristão é sacerdote pelo batismo. D. Mauro lembrou as prioridades da Pastoral Operária/84 (DESEMPREGO, SINDICALISMO, FORMAÇÃO e REFORMA AGRÁRIA), acentuando a Formação. A partir do quadro sucessório, ele acentuou a importância da base não ficar preocupada com Tancredo e Maluf, mas dar um passo além provocando a constituinte pela base.

A seguir D. Gregory deu as boas vindas à Assembleia na Arquidiocese do RJ, lembrando que ele estava aí em nome do Cardeal D. Eugenio Sales e de D. Celso Pinto (responsável pela linha leigos-CNBB).

A seguir fez-se a celebração de abertura com ricos depoimentos.

#### DISCUSSÃO EM GRUPOS

Após a celebração iniciou-se a discussão em grupos por Região - (estados), avaliando as prioridades assumidas em 84. Os grupos responderam as seguintes perguntas:

- . Quais as prioridades assumidas?
- . Como foram encaminhadas e vividas?
- . Que outras atividades fundamentais foram feitas?
- . Quais os resultados:
  - quanto a conscientização do trabalhador
  - quanto a organização da Pastoral Operária
  - quanto ao apoio e ajuda ao Mov. operário e Mov. popular
  - como ajudou a caminhar para construção duma nova sociedade.

As avaliações dos grupos a respeito das prioridades assumidas em 84, em síntese, foram:

#### 1 - QUANTO A FORMAÇÃO

- Nos relatórios dos grupos viu-se que a formação foi a prioridade mais desenvolvida a nível da PO Nacional tanto a nível de formação do operariado como agentes.
- A formação partiu da ação e situação, com revisões e aprofundamentos; aconteceram cursos e seminários de formação sindical, política e teológica (leis trabalhistas, cursos bíblicos, Teol. da libertação, Assembleias, retiros, dias de estudo, semana do trabalhador).

- A nível eclesial buscou-se introduzir a vida operária na catequese.
- constatou-se que os boletins são importantes ferramentas informativas e formativas.

## 2 - QUANTO AO DESEMPREGO

- A questão do desemprego foi marcante a nível nacional.
- A luta contra o desemprego manifestou-se nos acampamentos, vigílias de oração, passeatas, conquistas de passes gratuitos, frentes de trabalho, hortas comunitárias, granjas, cooperativas de desempregados, seminário sobre o desemprego, comitês contra o desemprego, encontro interestadual (RS, SC, PR).
- constatou-se que a luta contra o desemprego deve estar ligada a questão sindical, política e agrária.

## 3 - QUANTO AO SINDICALISMO

- Viu-se que em certas regiões houve intensa movimentação sindical.
- Constatou-se um maior apoio e engajamento com as chapas de oposição (Metalúrgicos, madeireiros, Const. Civil, sapateiros, petroleiros, Têxtil, Assoc. Lavadeiras, bancários, professores e tecelões.).
- Viu-se um fortalecimento da CUT onde atua a PO, isto está acontecendo porque a PO e CUT se fundamentam a partir das bases (participação da PO nos CECLATS, Cong. CUT).
- Buscou-se fazer luta conjunta com os Sindicatos rurais, principalmente nos conflitos.
- Presença marcante da PO nas chapas de oposição e nas greves.

## 4 - QUANTO A REFORMA AGRÁRIA

- De modo geral a PO a nível nacional teve dificuldades em compreender e assumir esta prioridade, limitando-se a apoiar a CPT e Mov. SEM TERRA. Apesar disso houve um avanço de consciência sobre esta questão, com o lançamento da Campanha da Reforma Agrária, ajuda nas Romarias da Terra, apoio à greve dos canavieiros, mutirões para ocupar terreno da COHAB e tentativa de influir nas dioceses.
- constatou-se uma fraca preocupação de levar a Reforma Agrária no meio urbano.

## PONTOS POSITIVOS

Viu-se como pontos positivos neste ano de 1984:

- Organização e participação das mulheres no Mov. Operário
- Surgimento de novos grupos e engajamentos
- Constatação de que a PO hoje é uma realidade nacional.
- Solicitação da PO para dar cursos.
- Maior engajamento no Mov. sindical e operário.
- Trabalho a nível estadual com bispos e padres.
- Crescimento de uma consciência mais global.

### PREOCUPAÇÃO E DIFICULDADES

#### - POLÍTICAS:

- . Não sabemos nos relacionar com outras correntes e tendências.
- . Não ficou claro nossa ação política quanto ao processo sucessório.
- . Contradições internas do Mov. Operário.
- . Dificuldades de engajamento do operário por medo de perder o emprego.

#### - DESEMPREGO:

- . Falta de organização e planejamento dos comitês contradesemprego.
- . Certas regiões não se preocuparam com o desemprego.

#### - ECLESIAL:

- . Dificuldade da PO ser assimilada pela hierarquia (falta de apoio) e dioceses.

#### - FORMAÇÃO:

- . Faltou programação a nível mais amplo.
- . Surgimento de poucas lideranças.
- . Metodologia da PO.

#### - EM GERAL:

- . Falta um regimento interno para a Pastoral Operária
- . Pouca ligação das Estaduais (Regionais) com a Nacional
- . Acúmulo de tarefas dos militantes.
- . Coordenação desarticulada.
- . Falta de pessoas para assumir o trabalho.
- . Dificuldade de comunicação por causa da grande distância.
- . Problemas financeiros.

### OUTRAS ATIVIDADES

- Congresso dos trabalhadores no Rio
- Participação na Campanha pelas Diretas Já
- Solidariedade a Leonardo Boff

Após a apresentação dos grupos, Marcos Arruda (Assessor -IBASE) tentou coordenar as idéias para abrir o debate. Segundo ele, um dos problemas chaves da PO. está na clareza dos objetivos da PO e de quem são os membros da PO (identidade da PO.)

### PONTOS LEVANTADOS

A PO. não tem finalidade em si, existe para o Movimento Popular (povo). O principal objetivo é estar dentro, participar, viver o Mov. Popular. Suas funções são:

- a) Reforçar esses movimentos com pessoas e atividades;
- b) Ser polo dinâmico, capaz de colocar diante dos movimentos objetivos claros tendo visão estratégica não caindo no imediatismo;
- c) Ser antena do Mov. Popular, captando as prioridades tendo para isso capacidade de ler a conjuntura: Papel ativo de ligar os acontecimentos atuais com o que poderá acontecer no futuro;
- d) Dar testemunho do mundo novo vivendo uma nova relação.

Marcos Arruda disse que os grupos falaram muito em atividades de Formação caindo no ativismo. Isto acontece porque a Formação está falha.

Não temos tempo para fazer o essencial que é o planejar, agir e o avaliar. Daí, o perigo de cairmos no reboquismo, nos tornarmos incapazes de orientar os acontecimentos políticos.

#### ALGUMAS INTERVENÇÕES DO PLENÁRIO

- Ainda não aprendemos a planejar;
- Temos de nos capacitar para atuar dentro da Igreja. A época é própria para ajudar a Igreja a descobrir seu compromisso com o povo.
- Ter cuidado para que os meios alternativos de luta contra o desemprego não sejam meios para descisar militantes e torná-los capitalistas.
- Não se levantou nos grupos as dificuldades que a família enfrenta quando militamos na PO.
- Temos que nos libertar por inteiro, o corpo todo: esquecemos a questão do lazer.

À noite foi exibido o filme: "Cabra Marcado para morrer" de Eduardo Coutinho. Filme que brevemente a Past. Operária terá uma cópia para divulgar.

#### SEGUNDO DIA (03/11/84)

A Executiva fez uma avaliação do dia anterior. Disse: Ontem conhecemos o Brasil dos trabalhadores e não dos políticos e aí percebemos a presença da PO. Fundamentalmente estamos aqui para ver a contribuição que podemos dar ao Brasil (serviço). O dia de ontem foi mais um relato do que uma análise do valor da ação da PO.

Viu-se que a PO Nacional trabalhou em cima das prioridades assumidas mas encontrou dificuldades. Isto aconteceu porque nos faltou objetivos claros para estas prioridades.

O segundo problema é o método. Temos experiências riquíssimas mas não estamos conseguindo nos enriquecer. Por que será? Método? Houve dificuldades:

- quanto aos objetivos
- quanto à ligação com o Reino
- quanto ao método
- quanto aos meios que ajudam a concretização das prioridades.

As prioridades escolhidas não abrangeram todas as nossas atividades. Ex.: A questão política, a questão da Igreja, a questão da organização da base. Por que esta defasagem?

- a) Será que temos claro o que é a PO?
- b) Será que temos claro o que realmente se passa no Brasil de hoje? Temos visão conjuntural?
- c) Será que estamos conseguindo conhecer a classe operária brasileira? De onde vem, para onde caminha?

Em seguida a Comissão organizadora apresentou duas perguntas para motivar os painéis sobre a Igreja e a Teologia da Libertação, e a Conjuntura Nacional.

19 Painel: O que representa a PO na Igreja do Brasil? (Igreja -Teologia da Libertação)

20 Painel: Em que medida a PO neste ano colaborou para a transformação da sociedade em sociedade nova?

### 19 PAINEL: IGREJA E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

#### Dom Sinésio

Dom Sinésio deu uma visão da Igreja do Brasil. Tentou situar a PO. "Quando cheguei ao Rio Grande do Sul vi que a PO. era muito incompreendida. Refletindo, vi que a PO é Pastoral, é presença evangelizadora da Igreja no mundo do trabalho. É a Igreja."

O que é a Igreja mesmo? O que é o leigo dentro desta Igreja?

A PO. é, de fato, uma pastoral. Sendo pastoral ela é presença. A missão dela como pastoral é a mesma da Igreja, a saber, evangelizar. A Evangelização da PO é a presença da Igreja no mundo do trabalho.

São Pedro diz que a Igreja é um povo sacerdotal, povo régio. Um povo que através de suas palavras e atitudes é profeta.

Jesus ao deixar os apóstolos disse: "Ide e Evangelizai..."

O Vaticano II diz que temos o dever de fazer pastoral (AA 19-21). O código de direito canônico diz: "Os leigos têm direito de se organizar para o serviço da caridade, apostolado e oração." (NN 215 e 216).

É missão dos Bispos e dos Padres serem ponto de união. Quando o leigo se organiza apostolicamente, eles devem buscar sempre a comunhão com os Bispos e os padres. Se não for possível deve-se levar em conta a fragilidade humana. Nenhum Bispo ou Padre tem o direito de impedir a organização de seu povo. O leigo não se assuste nem se preocupe demais com cara feia.

A nível nacional a PO. está caminhando, ela está em sintonia com a CNBB. Para Evangelizar é preciso:

- 1) Salvar a unidade: esforçando-se para estar unidos com Bispo e padres.
- 2) A Igreja dá testemunho através da catequese, celebração (Liturgias), do Ecumenismo, diálogo e incersão no mundo.

Para 1985 a Igreja do Brasil tem como destaque o "Ano Internacional da Juventude". Para o triênio 84/86 tem como destaques: Leigos, CEBs, Família, Mundo do trabalho, Vocação e Ministérios.

A Igreja do Brasil conta muito com a PO. Os Bispos não vão fazer PO, são os operários que vão fazer isto.

#### Pe. Rogério (MG)

O Pe. Rogério começou acentuando que a Teologia da Libertação tem dois pontos de referências: O passado e o presente. Com o olho da Fé vê o Antigo Testamento, Novo Testamento, Direito canônico, Tradição da Igreja - sua caminhada. Vê tudo aquilo que foi feito. Se fecharmos os olhos a essa experiência nós vamos falhar. Parece que isto aconteceu conosco no dia de ontem. Falamos muito da organização da PO, da comunicação, da reestrutura-

ção. Quando olhamos para o passado não para nos consolar, mas para descobrir qual é o desafio real hoje. Ontem dissemos que não temos método, que estamos sem perspectivas, que não sabemos nem conhecemos nossa própria identidade.

O outro olhar da fé é o presente. Será que conhecemos a situação do povo brasileiro? O desafio que enfrentamos é o hoje. A experiência do passado é que vai iluminar o presente.

A seguir a Assembléia fez um cochicho respondendo: O que a PO. representou em '84 na Igreja?

SÍNTESE DO COCHICHO:

O QUE A PO REPRESENTOU:

- Um novo modo de se Evangelizar, uma presença evangelizadora;
- Mostrou o valor do Trabalho Humano e a importância do operário;
- Democratizou o Mov. Popular;
- Uma mudança na Igreja a partir da base, tendo como proposta a nova sociedade;
- A PO., CPT, CIMI, etc. estão fazendo com que as palavras da Igreja, Concílio e Puebla passem a ser realidade concreta.
- Presenças de Bispo na PO.
- À luz da
- Uma posição de questionamento frente à Hierarquia;
- Suscitou uma mudança de posturas na Igreja;
- Está puchando a Igreja para baixo;
- Um espaço de engajamento no socaal;
- A esperança de um mundo novo (ensaio);
- Um cartão de identidade do operário Cristão engajado;
- Favoreceu a unidade dos Cristãos.

ALGUMAS CONSTATAÇÕES LEVANTADAS

- Existe um certo melindre da Igreja em reconhecer a luta de classe.
- A Evangelização está acontecendo através da ação.
- Precisamos definir nossa linha de ação para não perder elementos.
- Como os líderes bíblicos precisamos ter cabeça política, conhecer a realidade.

DESAFIO do diálogo

~~A IGREJA CAPITALISTA TEM OS PÉS NO CHÃO~~, ela não quer perder seus privilégios.

QUESTIONAMENTOS LEVANTADOS

- Até que ponto a PO. consegue envolver os operários que estão à margem da sociedade? Cadê a presença das empregadas domésticas? Corremos o risco dum certo vanguardismo.
- Por que o operário Cristão tem comportamento diferente na Igreja, no lar e no trabalho?

- Como trabalhar como membro da PO. e membro sindical ao mesmo tempo?

Dom Sinésio completou estas colocações dizendo: "Deve-se privilegiar as Pastorais transformadoras" (Vaticano II). A PO. se manifesta como uma Pastoral transformadora e que conseguiu realizar o diálogo com o mundo. Esta está sendo a grande contribuição da PO. para o Brasil. Quando o pessoal se sindicaliza e abandona a PO., estamos fazendo um excelente investimento. Precisamos cuidar do planejamento e metodologia para não deixar estas pessoas se desviar do Projeto de Deus.

## 2º PAINEL: CONJUNTURA SÓCIO-ECONÔMICA-POLÍTICA-SINDICAL

Marcos Arruda

Fazer análise de conjuntura é examinar os elementos do momento atual. Para isso, é importante ver as coisas além das aparências, do imediato. A análise de Conjuntura tem de integrar tempo e espaço (local, estadual, nacional e internacional).

Para fazermos uma análise da conjuntura, devemos partir de como o governo brasileiro está lidando com a crise econômica atual.

Apesar do Ministro Delfim Neto dizer: "O Brasil nunca irá ao FMI. Seria entregar o País.", a partir de 1982 prá cá o Brasil foi ao FMI, esta belecendo-se um modelo de saída da crise econômica.

Para entender a conjuntura é importante termos consciência de que a crise atual é típica do sistema em que estamos.

O governo fez uma análise da crise atual a partir da ótica da Dívida Externa. Ela estava prejudicando os interesses do exterior (de nossos credores) e por isso arriscando prejudicar nosso crédito.

Dentro de outra visão, de uma ótica de classe diferente, o governo olharia a crise econômica a partir da situação do povo, a partir da realidade e da história do povo.

Então o governo decidiu aumentar as exportações para conseguir mais dólares, única moeda capaz de pagar a dívida no exterior. Saída: ganhar dólares vendendo. O empréstimo outra maneira de pagar a dívida levou o país à crise de US\$ 100 bilhões de dólares a juros flexíveis - Tremenda irresponsabilidade das autoridades brasileiras. Além disso há as comissões que os negociantes ganham em cada tramação.

Segundo a coluna Castelo do J.B., desses 100 bilhões de dólares, somente 35 bilhões foram investidos no Brasil. 65% foram para as comissões e juros. Na verdade este valor não corresponde à nossa dívida.

A saída foi exportar recorrendo ao arrocho brasileiro. A economia interna foi estrangulada, o povo teve de apertar os cintos. Aumentando o setor marginalizado. Os recursos internos foram direcionados para a exportação.

Para aumentar a exportação o governo deu crédito e subsídios aos exportadores. Tudo fez para o produtor ver mais vantagem em exportar do

que em vender para o nosso mercado interno. Ex.: A carne bovina custa Cr\$ 5.000,00 para o europeu e americano, e Cr\$8.000,00 para o brasileiro.

Em 1984 exportaremos 27 bilhões de dólares, apesar disso não conseguiremos pagar os juros e as amortizações da dívida.

O PIB de 1984 será 210 bilhões de dólares.

Em 1979, 4,9% do PIB foi para fora. Em 1983 foi 9,5%. E em 1984? Onde tirar recursos para essa política econômica?

- Do salário: o arrocho salarial foi uma das formas para ter mais dinheiro;
- do aumento da exportação e diminuição da importação (esquecendo que a importação é importante para grande parte da economia interna, pois nosso modelo de desenvolvimento é voltado para fora, dependendo do exterior para inovar nossa tecnologia);
- estrangulamento das estatais. O próprio sistema militar com apoio americano estatizaram. Agora se tornam os profetas do capitalismo modernizante brasileiro exigindo a transferência das estatais para o setor privado. Por que estão agindo assim?

O quadro social que estamos vivendo é fruto dessa política econômica.

O Brasil entrou num grande buraco. Quem está ganhando com a crise, está crescendo ainda mais. A crise é como poda: a economia capitalista entra em crise para podar os galhos velhos. A economia se concentra ainda mais nas empresas. Os grandes grupos estão maiores ainda, em prejuízo de toda coletividade. Afirma que a economia brasileira está se recuperando (parte da verdade). Não dizem da situação real do Brasil:

- Enquanto cresceu apenas 5% dos produtos básicos, houve um crescimento de 38% em outros produtos;

- A massa de salários pagos pelo setor privado diminuiu 38% em relação ao INPC;

- em maio de 1984, a cesta básica de alimentação correspondia a Cr\$63.000, (65% do salário), enquanto a lei de Getúlio Vargas via em 48% do salário.

- desemprego: em 1983 eram 4,9% da população economicamente ativa. (IBGE);

- sub-assalariados: 54,2% da população economicamente ativa - 1983 (IBGE).

O que fazer? Quais são os meios alternativos para enfrentar isso?

Na verdade temos que saber tomar decisões, ter estratégias.

O que está em jogo é a questão do PODER. Não será Maluf nem Tancredo que resolverá nosso problema. Eles pertencem à mesma classe de interesses. Todos do governo funcionam segundo a mesma lógica do capital. Para eles o que rege o mundo é o dinheiro e o lucro, a multiplicação do dinheiro. A instituição que sustenta isto é a propriedade privada.

Todos estão fundamentados na idéia de que o Estado capitalista representa os interesses de toda sociedade.

Em relação à lógica do operário entramos num conflito insuperável: capital X pessoa humana. Uma nova relação traz o amor que não entra na ordem do capitalista. Assim o conflito de classes é insuperável na base da conciliação.

Facções do poder hoje lutam entre si. Numa análise de conjuntura isso é importante. Mas o conflito entre elas não são necessariamente antagônicos. Elas se unirão para defender seus interesses.

O que a PC. pode fazer?

- A classe dominante continuará dominando porque somos fracos, não temos estratégias nem visão completa, nem proposta clara e alternativas de governo;

- temos de estudar a correlação de forças. Ver as debilidades e forças dos dois lados. Entre as facções que lutam existem os menos pessimistas, que abrem mais espaço para o povo. Saber escolher o mal menor, saber aproveitar as brechas;

- fundamentalmente nem Maluf nem Tancredo irão responder às nossas necessidades e interesses. São a pressão e a organização vão conseguir atingir nossos interesses.

Fortalecer sindicatos. Lutar para que as oposições sindicais combativas ganhem. Aumentar a organização de massa, vendo objetivos, planejando a longo prazo. Caso contrário teremos propostas para o imediato. Ex.: as "Diretas Já" que se esvaziaram.

Por que paramos de lutar contra o arrocho salarial? Porque não temos visões estratégicas.

Abdias (Tesoureiro da CUT e Pres. do Sind. dos Metalúrgicos de Niterói.

Diante desse quadro que vimos, vemos que temos muito o que fazer. O negócio é saber como e por onde começar.

Vai fazer um ano que a população está absorvida no processo sucessório, esquecendo-se dos próprios problemas. A grande imprensa se ocupou de encher a cabeça do povo para escamotear a situação e desarticular o trabalho de base. O desafio é: Como organizar a classe trabalhadora? Temos muito a recuperar, a resgatar. O povo deve se preocupar com a sucessão presidencial, mas não da forma como está.

Para organizar a classe trabalhadora existe inúmeros desafios. Muitos projetos para isto estão se desenvolvendo (CUT, Voz da Unidade, CONCLAT, etc.). Em todas estas tentativas se destacam dois aspectos fundamentais:

- a) Tentativa de resgatar a memória histórica de 1930 para cá e organizar a classe trabalhadora.
- b) Dar resposta ao momento atual sem perder o passado histórico, as conquistas obtidas.

Quem tem a melhor proposta?

Hoje os trabalhadores pensam enquanto no passado um contingente de trabalhadores se movimentavam a partir de um grito.

As brigas e tendências dentro do sindicato estão levando os trabalhadores a tomar decisões conscientes. O pelego sabe que é pelego, o imobilismo opta pelo imobilismo.

A correlação de força dos bem intencionados é menor do que a dos maus intencionados.

A participação da PO. nos sindicatos se não é expressiva no sentido de estar ganhando lutas sindicais, é expressiva como presença aí na luta. Hoje vemos uma quebra de preconceitos. O trabalhador cristão está deixando de ser inibido na luta sindical e rural. Apesar do despreparo e desconfiança com as tendências, o operário cristão enfrenta a luta sem complexo de interioridade. É importante darmos nossa contribuição aí dentro, sabendo trabalhar com as contradições.

Mosso testemunho de luta é identificado em qualquer meio. Por isso não podemos ter medo de nos contaminar tendo excesso de preocupação.

Precisamos refletir em torno da proposta de reformulação sindical para darmos nossa contribuição. Pois os sindicatos serão uma ferramenta a ajudar na mudança da sociedade.

Os sindicatos mudos, imobilistas são partidarizados com o governo, fazem o jogo do ministério do trabalho. Mais de 90% dos sindicatos servem ao PDS. São seus partidários.

A CUT deseja que os trabalhadores construam sua organização sindical e exijam a legitimação de suas conquistas. Nosso ponto de partida para a organização sindical parte das necessidades do trabalhador:

- Desemprego (não cabe ao desempregado lutar contra o desemprego, temos de usar nossos sindicatos, nosso poder de pressão. Ex. A redução da jornada de trabalho, salário desemprego).

- Reforma Agrária.

- Eleições diretas.

Na parte da tarde a Assembléia, tendo como referência a análise conjuntural da parte da manhã, fez um cochicho discutindo esta questão:

- Quais os desafios que se colocam diante de nós (PO. Nacional) e que devemos superar para continuar avançando?

Em síntese, foram levantados desafios nas áreas de formação, estruturação e organização da PO, política, sindical, desemprego, eclesial e Reforma Agrária.

#### 1) DESAFIOS NA FORMAÇÃO

- reforçar a formação;
- meios de comunicação que passam a ideologia do sistema;
- fornecer mais subsídios para a base;
- como fazer trabalho de base?

- clareza da PO. nos objetivos e métodos para haver objetivo na caminhada;

- formação sócio-política-econômica para trabalhadores;
- formar quadros para responder a conjuntura;
- analisar criticamente as experiências no social;
- capacitar os operários em todos os níveis;
- ajudar aos operários a se engajarem;
- Como ajudar ao trabalhador a ter visão crítica diante da conjuntura?
- O que vem a ser sociedade alternativa?
- como ajudar o trabalhador a acreditar em si?

## 2) DESAFIOS NA ESTRUTURAÇÃO DA PO.

- dificuldade de organização;
- ter objetivos mais claros;
- trabalho de base (local, estadual e Regional);
- definição de que sociedade queremos;
- descentralizar a PO. sem perder a dimensão nacional;
- criar condições para sustentar o trabalho de base;
- reforçar o trabalho da PO. Nacional;
- melhor estruturação;
- planejamento da Nacional (método e objetivo);
- como organizar melhor a PO. principalmente em cada estado e pólos industriais?
- traçar estratégia de ação;
- ter linha de ação.

## 3) DESAFIOS NA POLÍTICA

- diálogo diante de mentalidades e tendências;
- como atuar para não ficar a reboque da história?
- como a PO. deve atuar e politizar a todos?
- como se posicionar diante do quadro político que virá após as eleições?
- formar cristãos para o mundo no debate político com outras tendências;
- como fazer para que a PO. seja vista como um serviço inserido no movimento operário?
- relacionamento com outros partidos;
- constituinte;
- atuação frente ao novo governo e pacto.
- ter coragem de assumir a luta de classe e se posicionar frente ao novo governo;
- maior organização da classe dominante.

## 4) DESAFIOS NO SINDICAL

- oposição sindical e CUT;
- ampliação da PO. em outras categorias;
- fortalecer o sindicato autêntico e combativo;
- ter clareza sobre as Centrais Sindicais;
- assumir a luta do desemprego;
- engajamento de novos militantes.

## 5) DESAFIOS NO DESEMPREGO

- colocar a questão dentro das lutas do operário (40 horas semanais, estabilidade no emprego, etc.)
- colocar esta questão dentro da luta sindical.

## 6) DESAFIOS NO ECLESIAL

- levar a um maior compromisso de hierarquia (conscientização);
- levar a problemática operária para dentro da Pastoral de conjunto;
- relacionamento PO. e hierarquia;
- a luta de classes dentro da Igreja.

## 7) DESAFIOS NA REFORMA AGRÁRIA

- Apoio à Reforma Agrária;
- maior aproximação com a CPT;
- aprofundamento da questão da terra no campo e na cidade.

Após o levantamento desses desafios, Marcos Arruda ressaltou alguns pontos para nos ajudar a definir nossas prioridades para 1985.

Ele constatou que houve muita atividade prática e muito trabalho formativo. Por que este ativismo? Que tipo de formação estamos dando? Precisamos teorizar nossas práticas a partir da prática do povo, estudarmos nossas experiências. À medida que o povo vai se capacitando, isto é, elevando seu nível de consciência, ele vai criando a nova sociedade: controle popular da história.

Repetir e passar informação é apenas uma parte da formação. A formação tem diferentes aspectos:

- fornecer os dados da conjuntura, informando sobre as diferentes dimensões da realidade;
- capacitar para que leiam e interpretem a prática social;
- capacitar para que estudem a história dos povos e sua própria história;
- capacitar para que aprendam de práticas e lutas sociais de outros tempos e lugares, já transformadas em teorias;
- capacitar para que elaborem as linhas principais de seu próprio projeto histórico;
- capacitar para que desenvolvam uma visão estratégica dos problemas ;
- capacitar para que unam teoria e prática.

A seguir a Assembléia foi dividida em 8 grupos para debater:

- As prioridades/84 foram as mais corretas? Quais as prioridades para 85? (levar em consideração a ação, o planejamento e a articulação).

De modo geral os grupos acharam que as prioridades foram as mais corretas, embora não fossem plenamente assumidas, principalmente a Reforma Agrária. Faltou maior articulação para o encaminhamento dessas prioridades.

Quanto as prioridades para 1985 tivemos 10 propostas:

- 1) Manutenção das prioridades de 1984
- 2) Manutenção das prioridades de 1984 mais questão política
- 3) Sindicalismo e Desemprego
- 4) Sindicalismo, Desemprego e Formação
- 5) Sindicalismo, Desemprego, Reforma Agrária e questão política
- 6) Desemprego, Reforma Agrária e sistematização da Formação
- 7) Formação, Sindicalismo, Política, Reforma Agrária, Desemprego, Igreja, organização da base;
- 8) Formação e sindicalismo

- 9) Formação;
- 10) Manutenção das prioridades de 84, mais trabalho conjunto.

TERCEIRO DIA (04/11/84)

No início do dia foi dada a palavra aos representantes da CPT e da JOC.

Pompéia (CPT) - Destacou três pontos importantes:

- Para mudar a sociedade politicamente é importante a união da luta do campo com a da cidade. A cidade não fará a mudança sem o campo. Na América Latina a grande força são os camponeses;
- É importantíssima a questão da Reforma Agrária para vencer o desemprego e o salário baixo;
- A questão da alimentação: os pequenos são os que mais produzem alimento no País (60% da produção).

Isilda (JOC) destacou:

- Hoje a juventude é chamada a ser tarefaira e não como decisória;
- Primeiro emprego: Cada ano há um milhão e quinhentas novas ofertas de empregados.
- 1985 - Ano Internacional da Juventude com o tema "Participação, Desenvolvimento e Paz" vai ser usado para fazer a cabeça da juventude.

A Executiva apresentou o quadro abaixo onde tentava dar uma visão de conjunto às prioridades levantadas do dia anterior.

NÍVEL INTERNO

1) ORGANIZAÇÃO - Grupos de base da PO.

2) ARTICULAÇÃO

3) <u>FORMAÇÃO SISTEMÁTICA</u>	{	Conteúdo	{	- Político
		Método		- Sindical
		Agentes		- Eclesial. Teologia da Libertação
		Meios		- Método de análise da Conjuntura (Capitalismo x Socialismo)

NÍVEL EXTERNO

1) POLÍTICA {

- Participação política
- Reforma Agrária
- Sociedade Alternativa
- Tendências

2) MOV. POPULARES

3) SINDICAL {

- Reforço a CUT
- Desemprego

4) ESTRUTURA DA IGREJA {

- Cebs
- Diocese
- Pastoral de Conjunto
- Relação com CPT/CIMI/JOC/ACO
- Relação direta com a Hierarquia.

Vemos no quadro acima os dois campos de atuação da PO. O primeiro é o campo interno da PO, onde se destacam as áreas da Formação, Articulação e Organização da PO. O segundo campo, é o externo, abrange as áreas onde a PO trabalha e age: Área política, sindical, relacionamento com a hierarquia eclesial e movimento popular.

Houve muito questionamento da Assembléia quanto a esse esquema, principalmente quando se coloca a Igreja como área (externa) da PO. D. José Pires disse: "A Igreja é a área da PO e não área de atuação da PO". Estes questionamentos levaram a Assembléia a um impasse. Por isso, a Executiva ficou encarregada de esclarecer o quadro e as prioridades.

A assembléia foi dividida em cinco grupos para dar encaminhamento das áreas: Política, Sindical, Relacionamento PO e Igreja, Organização da PO e sistematização da Formação.

### 1) ORGANIZAÇÃO

A questão da organização da PO deve levar em conta a organização da base, da Diocese e do Estado.

#### Grupos de base

- Ver a disponibilidade de agentes para formar novos grupos;
- comunicar à paróquia e mantê-la informada;
- Discussão com novos companheiros sobre como e para que organizar a PO: (subsídio nacional); sobre a organização do grupo (dias de reunião, lugar material de formação);
- aprofundamento sobre os fundamentos da PO;
- respeitar os níveis dos militantes;
- encontro de animadores de grupo;
- espaço de uma reunião a outra não demorado
- conhecer os objetivos e métodos da PO e de outros grupos ideológicos;
- subsídio e estudo de metodologia de reunião (organização da reunião: coordenador, pauta, conclusões);
- definição pastoral (acabar com acúmulo de ocupações).

#### Diocese

- Contato com os bispos;
- Integração pastoral (Past. de conjunto)
- Encontros regionais (levando-se em conta a realidade de cada Diocese)
- Assembléias Diocesanas;
- Comissão Diocesana;
- Incrementar a Campanha da Fraternidade com assuntos da PO.
- Boletim diocesano;
- Ação comum (pelo menos uma no ano). (A PO deve puxar o 1º de maio? Integrar).
- Coordenação diocesana capaz de executar.

## Estado

- Respeitar as dioceses (mas não parar de trabalhar porque o bispo não quer)
- Comissão estadual;
- Acompanhamento de um bispo;
- 1 liberado da PO. para o estado

## 2) RELACIONAMENTO DA PO. COM A IGREJA E OUTROS GRUPOS

- Os problemas de relacionamento com outros grupos organizados dentro da Igreja não podem ser prioridade da PO. A articulação com esses grupos faz parte de uma estratégia de trabalho para que os problemas da classe trabalhadora se tornem parte viva da Igreja.
- Relação com CPT/CIMI se dá fundamentalmente a nível nacional, acompanhando as lutas e problemas principais de cada um. São pastorais nascidas na mesma consciência política da PO.
- Relação com CEBs - A PO nasceu dessa Igreja de base. Portanto deve haver presença ativa e permanente da PO nas CEBs.
- Relação com a Hierarquia. Dois níveis:
  - . CNBB - Firmar presença da PO no CEP;
  - . Local- Trabalho paciente com padres e bispos através de conversas. Exigência de apoio; mantê-los informados e formá-los dentro da consciência da classe operária.
- Relação com outros movimentos: A PO deve manter uma presença questionadora diante daqueles movimentos não tão engajados.
- É importante o relacionamento com os grupos de freiras que estão inseridos nas comunidades de base menos estruturadas. Por isso mesmo são mais abertos ao trabalho da PO.

## 3) SINDICAL

Quanto a área sindical temos 3 níveis de atuação:

### a) CUT E OPOSIÇÃO

- levar a discussão sobre a CUT para as bases da PO: esclarecimentos, discussões, levantamento de práticas para apoio e implantação;
- incentivar a participação dos militantes da PO. nos seminários de formação sindical;
- promover campanhas de sindicalização dos membros da PO;
- fortalecer as oposições sindicais combativas;
- ajudar a implantar a CUT local;
- apoiar e servir as oposições sindicais e novos sindicatos combativos que estão surgindo.

### b) Desemprego

- apoiar as organizações de desempregados existentes;

- assumir as bandeiras de luta da CUT e discutir na base da PO. levando-as para as fábricas (fim das horas extras, salário desemprego, 40 horas);
- fortalecer o apoio e a participação de membros da PO nos comitês de desempregados;
- articular-se com os Movimentos populares para somar forças nesta luta;
- apoiar as formas alternativas e concretas que os desempregados propõem
- forçar os sindicatos (CUT) a assumirem o problema do desemprego.

#### c) Movimentos populares

- reforçar as associações de bairros;
- presença constante nos movimentos populares (favelados, CEBs, CPT, jovens, etc.);
- ter representantes da PO. nos Congressos dos Movimentos Populares e da JOC;
- alimentar e assessorar melhor os Movimentos Populares iniciantes;
- trocar experiências com o Movimento Popular.

#### 4) FORMAÇÃO

A Formação está vinculada à luta concreta dos militantes. Há dois níveis: o de base e o dos militantes engajados.

##### Sistematização

a) Equipe de Formação à nível nacional com 1 membro da executiva e um corpo de assessores. Deve-se também incentivar reuniões formativas nos Estados e nas Regiões.

b) Encontro de agentes.

c) Encontro nacional das comissões estaduais.

d) Subsídios de aprofundamento e sobre o momento atual. Cartilha popular sobre os direitos dos:

a) trabalhadores - empregados  
- desempregados

b) questão social, econômica, político, religioso (Teologia capitalista e da libertação).

e) Boletim - Que ele seja mensal.

Conteúdo:

##### I- Política

- . Projeto alternativo de sociedade - Socialismo x capitalismo x Marxismo e outros
- . Análise da conjuntura - continua
- . função do partido na transformação
- . PO e outros partidos (tendências)
- . Base: O que é política e fazer política
- . Como funciona a sociedade

## II - Sindicato

- . Valor e motivar a sindicalização
- . História sindical e classe operária
- . CUT aprofundar e Mov. Sindical
- . Lutas (história) operária no Brasil e externa
- . Valor do trabalho humano
- . Curso sindical

## III - Eclesial

- . Teologia da Libertação
- . Curso bíblico
- . Hist. do Povo de Deus e a nossa história
- . Estrutura

## 5) POLÍTICA E SOCIEDADE ALTERNATIVA

- No encaminhamento dessa área de atuação da PO foi proposto a sociedade alternativa como prioridade. Questionamento de um participante: A Sociedade alternativa não é questão central, é programa. A questão central é a participação política.
- Estar atento com a questão da constituinte.
- Acompanhar o movimento político.
- Prever os acontecimentos.
- Ver se os movimentos populares favorecem ao operário.
- Fornecer dados sobre o capitalismo.
- A Reforma Agrária deve ser uma preocupação política dentro da PO.
- Articulação com outros organismos com os mesmos princípios da PO.
- Efetivar participação da PO na coordenação dos movimentos populares.
- Participação concreta da PO no movimento operário.
- Assumir o que há de bom nas tendências.

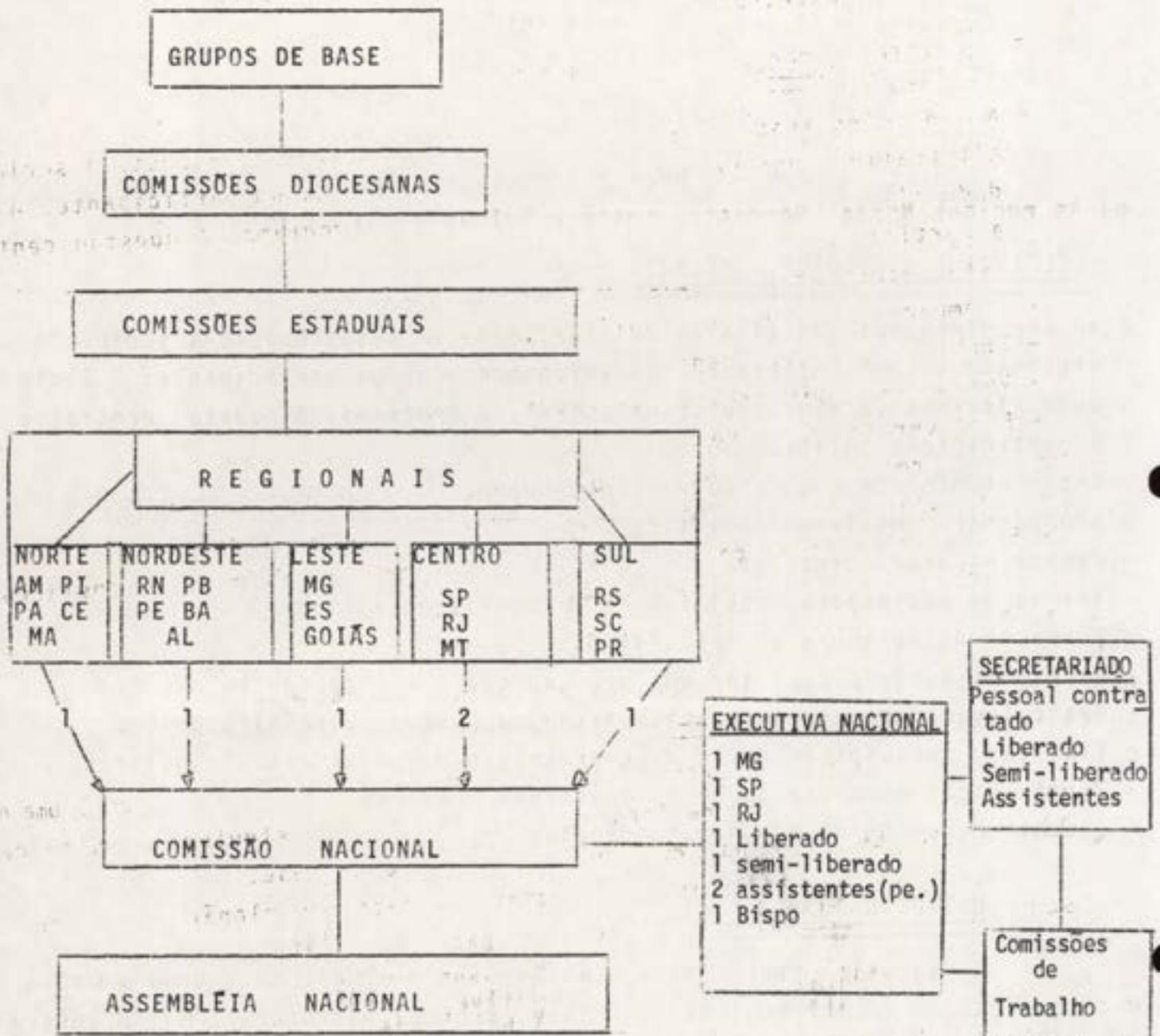
### ESTRUTURAÇÃO DA PO

A Executiva propôs para a Assembléia discutir em grupos uma nova estruturação da PO por regionais. Motivo: A atual estrutura é muito centralizada, dispendiosa, não responde à realidade da base.

Depois dos debates em grupos e votação em plenário, chegou-se as seguintes conclusões:

- a) Estruturação da PO (Ver gráfico página seguinte)  
Ficou como desafio para as Regiões articular a PO em Sergipe, Mato Grosso, Distrito Federal, Rondonia, Acre e Roraima.
- b) Foi confirmado como Bispo assistente da PO Nacional D. Cláudio Hummes, bispo de Santo André (SP).
- c) Foram indicados e aprovados pela Assembléia como padres Assistentes da PO Nacional o Agostinho Pretto (RJ) e Rogério (MG).
- d) Foi confirmado que a Comissão Nacional se reuna 3 vezes ao ano. Abril fica a data base para a 1ª reunião da Comissão Nacional.

ESTRUTURACÃO DA PO



- e) Até março/85, se possível, deve ser dado o primeiro passo para a instalação das Regionais;
- f) Nomes para a Executiva Nacional: MG - Ana Maria  
SP - Sairã em 19 de dezembro  
RJ - sairã em 2/3 de fevereiro de 85.  
A atual Executiva continua até a posse da nova.
- g) As regiões Norte, Nordeste, Leste e Sul cada uma escolherã um nome para a Comissão Nacional. A região RJ/SP escolherã dois nomes.
- h) Gilberto (PR) foi liberado para a PO Nacional. Passando a residir no RJ. Waldemar Rossi ficou semi-liberado para a PO. Nacional estando 15 dias do mês à disposição do Nacional, passando esses dois a participar da Executiva e do Secretariado.
- i) Datas das reuniões dos Regionais:  
Norte - 1, 2 e 3 de março; 3 delegados por estado, presença da executiva.  
Local: Fortaleza.  
Nordeste - 9 e 10 de março; 2 delegados por estado.  
Centro - 2 e 3 de março, 3 delegados por estado em São Paulo  
Leste - data a ser escolhida entre 15 de fevereiro a 15 de março.  
Sul - 2 e 3 de março ; 10 por estado em Lages (SC).
- j) Na discussão sobre critérios e normas de participação na PO. ficou decidido de se fazer um ante-projeto a ser debatido pela executiva.
- k) Próxima Assembléia Nacional: Dias 15, 16 e 17 de novembro de 1985. As Assembléias Estaduais deverão ser antes desta data para escolha dos delegados.

\*\*\*\*\*